

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA - PROLING

ANÁLISE DO /S/ PÓS-VOCÁLICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
CODA OU ONSET COM NÚCLEO FONETICAMENTE VAZIO?

Juliane Lopes Ribeiro Pedrosa

JOÃO PESSOA

2009

Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa

ANÁLISE DO /S/ PÓS-VOCÁLICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
CODA OU ONSET COM NÚCLEO FONETICAMENTE VAZIO?

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Lingüística, da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito para
obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Dermeval da Hora

JOÃO PESSOA – PARAÍBA

2009

P372a Pedrosa, Juliene Lopes Ribeiro.

Análise do /s/ pós-vocálico no português brasileiro: coda ou onset com núcleo foneticamente vazio? / Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa . - - João Pessoa : [s.n.],2009.

149f.: il.

Orientador: Dermeval da Hora.

Tese (Doutorado) – UFPB /CCHLA.

1.Linguística. 2.Variação linguística. 3.Fricativa coronal pós vocálica. 4.Consoante-posição pós-vocálica. 5. Fonologia.

Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa

ANÁLISE DO /S/ PÓS-VOCÁLICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CODA OU
ONSET COM NÚCLEO FONETICAMENTE VAZIO?

Orientador: Prof. Dr. Dermeval da Hora

Aprovado em: 09/03/2010.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Dermeval da Hora

Prof. Dr. Walcir Cardoso

Profa. Dra. Maria Bernadete Abaurre

Prof. Dr. Cirineu Cecote Stein

Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força, coragem e perseverança para seguir em frente, mesmo que os caminhos se apresentassem tortuosos e difíceis para mim.

Aos meus queridos pais, João e Maria de Jesus, por terem ofertado com tanto amor os meus estudos, alimento propulsor e infindável, e, principalmente, por terem me ensinado a valorizá-lo.

Ao meu filho, João Neto, luz de minha vida, por já demonstrar seu amor, sua paciência e seu companheirismo nos momentos de produção, mesmo ainda estando em meu ventre.

Aos meus amados irmãos, Jussara, João Filho e Josemary, por serem exemplos para mim e por me apoiarem constantemente e de todas as formas ao longo da minha vida acadêmica.

Ao meu querido marido, Wellington, pelo incentivo e pela dedicação, durante esses 15 anos de convivência, nos momentos em que mais precisei.

Aos meus sobrinhos, João Victor, Maria Luiza e Ana Carolina, e ao meu afilhado, Mateus, por me estimularem a nunca desistir, através de seus exemplos de alegria e vivacidade.

Aos meus cunhados, Valter e Rejane, e demais familiares, pelo carinho e apoio constantes que me fazem seguir em frente.

Aos meus sogros, João Bosco e Maria Auxiliadora, à minha cunhada, Weylldnan, e seu esposo, Antônio Lira, por me incentivarem a cumprir o doutorado, mesmo que isso implicasse aceitar a distância e a saudade.

Em especial, ao meu orientador, Dermeval da Hora, por ser meu exemplo maior de professor, pesquisador e, acima de tudo, de amigo. Certamente, os méritos deste trabalho são todos dele.

Ao meu amigo, Rubens Marques, pelo carinho, pela amizade e pela ajuda que sempre dispensou comigo durante todo esse tempo de convivência e, em especial, nesses anos de doutoramento.

Ao Prof. Walcir Cardoso, pela orientação cuidadosa durante o estágio de doutorando e durante a feitura da tese e, principalmente, por sua amizade.

À CAPES, por fomentar o estágio de doutorando na Concordia University, contribuindo para o meu aperfeiçoamento profissional e possibilitando a conclusão deste trabalho.

Aos meus queridos amigos, Aparecida Silva, Rosângela Neres, João Paulo Silva, Sandra Marques, Eliza Brilhante, Vera Lima, Ana Carla Vogeley e Zulina Lira, pelo incentivo constante para a realização dos meus sonhos, sejam eles acadêmicos ou não.

Aos amigos, Daria, Marina, Katiane, Ulisses e Marcos, por tornarem os momentos distantes do meu país, do meu lar e dos meus familiares menos pesados.

Por fim, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento e para a realização deste sonho.

RESUMO

Muito já se discutiu sobre o /s/ pós-vocálico e seu comportamento variável no português brasileiro, a exemplo dos trabalhos de Brescancini (2002); Callou, Leite, Moraes (2002); Hora (2003); Ribeiro (2006); dentre outros. Em todos eles, é consenso que o /s/ pós-vocálico ocupa a posição de coda, alternando-se entre as realizações alveolar (ca[s]ca, me[z]mo, feli[s]), palatal (po[ʃ]te, de[ʒ]de, mai[ʃ]) e glotal (de[h]de, me[h]mo, mai[h]), podendo, ainda, sofrer apagamento (me[ø]mo, mai[ø]), encaixando-se, dessa forma, no padrão silábico menos marcado (CV). Embora essa concepção seja bastante difundida na teoria fonológica, acreditamos que o perfil diferenciado que a fricativa coronal pós-vocálica possui em relação às líquidas e às nasais, consoantes licenciadas a ocupar a posição de coda no português brasileiro (PB), seja um fato que merece ser observado com mais cuidado e que pode levar a outro caminho de análise. Segundo Harris e Gussmann (1998) e Ewen e Hulst (2001), algumas sílabas podem ser formadas por onset com núcleo foneticamente não preenchido. De acordo com o proposto, essas sílabas satisfazem o padrão menos marcado (CV) na subjacência, mas não apresentam, em alguns casos, a representação fonética na superfície. As fricativas, por possuírem uma maior frequência de duração em sua produção, seriam uma das consoantes mais propícias para sustentarem o peso da sílaba, não necessitando, em tese, da realização fonética de seu núcleo. Esses argumentos nos fazem, portanto, propor outra classificação do /s/ pós-vocálico, considerando-o onset de núcleo foneticamente vazio que, em alguns dialetos, chega a se realizar na posição final ([fajzi], [majzi]). Diante desse fato, é nosso objetivo analisar o /s/ pós-vocálico no PB, através dos resultados variacionistas de Brescancini (2002); Callou, Leite, Moraes (2002); Hora (2003) e Ribeiro (2006), a fim de salientar o seu padrão variável e propor uma hierarquização para o PB, utilizando, para tanto, a Teoria da Otimalidade (TO) na perspectiva de Coetzee (2004). Nessa proposta, o avaliador (EVAL) realiza um ordenamento harmônico para o conjunto completo dos candidatos, de forma que os perdedores também são ordenados entre si, ou seja, tanto as restrições são hierarquizadas como os candidatos analisados como variantes são ordenados. Dessa forma é possível trabalhar com fenômenos não-categóricos, a exemplo dos relacionados à variação, e efetivar um casamento profícuo entre a Pesquisa Sociolingüística e a Teoria da Otimalidade.

Palavras-Chave: Fonologia, Sílaba, Coda, /s/ Pós-vocálico.

ABSTRACT

There has been a lot of discussion about the post-vocalic /s/ and its variable behavior in Brazilian Portuguese, as in Brescancini (2002); Callou, Leite, Moraes (2002); Hora (2003); Ribeiro (2006); among others. All of them agree that /s/ occupies the coda position, alternating alveolar (ca[s]ca, me[z]mo, feli[s]), palatal (po[ʃ]te, de[ʒ]de, mai[ʃ]) and glotal (de[h]de, me[h]mo, mai[h]) realizations, and also deletion (me[ø]mo, mai[ø]), when the syllabic pattern turns into the less marked one (CV). Although this conception is widespread within the phonological theory, we believe that the particular status the coronal fricative possesses in relation to liquids and nasals (those licensed to occupy the coda position in Brazilian Portuguese) is a fact that deserves to be observed more carefully and one that can lead to another way of analysis. According to Harris & Gussmann (1998) and Ewen & Hulst (2001), some syllables can be formed by onset with a phonetically non-filled nucleus. Accordingly, these syllables satisfy the less marked pattern (CV) in underlying representation, but they do not show, in some cases, the phonetic representation in the surface. The fricatives would be prone to sustain the syllable weight, since they have more frequency in duration in their production, and as such they do not need, in theory, the phonetic realization of their nuclei. These arguments make us, therefore, propose another classification of the post-vocalic /s/, considering it onset of a phonetically empty nucleus, that, in some dialects, is realized in final position ([fajzi], [majzi]). Therefore, our aim is to analyze the post-vocalic /s/ in Brazilian Portuguese, with the variationist results from Brescancini (2002); Callou, Leite, Moraes (2002); Hora (2003) and Ribeiro (2006), in order to highlight its variable pattern and to propose a ranking for Brazilian Portuguese, using, for such, the Optimality Theory (OT) in Coetzee's perspective. In this proposal, the evaluator (EVAL) realizes a harmonic ranking for the set of candidates, in a way that the losers are also ranked, that is, both the constraints and the candidates are ranked. In this way, it is possible to work with non-categorical phenomena, as such related to variation, and to produce a proficuous link between the Sociolinguistic Research and Optimality Theory.

Keywords: Phonology, Syllable, Coda, Post-vocalic /s/.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1. CAPÍTULO I: COMPORTAMENTO VARIÁVEL DA FRICATIVA CORONAL PÓS-VOCÁLICA	
1.1 Introdução	07
1.2 História do /s/ Pós-Vocálico: do Latim ao Português	09
1.3 Estudo Sincrônico do /s/ Pós-Vocálico no Português Europeu e no Espanhol	12
1.4 Análise Variacionista do Português Brasileiro	19
1.4.1 Resultados de Callou, Leite, Moraes (2002)	20
1.4.2 Resultados de Brescancini (2002)	25
1.4.3 Resultados de Hora (2003) e Ribeiro (2006)	29
1.5 Dados de Aquisição de L1 e LE	34
1.5.1 Resultados de Mezzomo (LAMPRECHT, 2004)	35
1.5.2 Resultados de Pedrosa (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007)	38
1.5.3 Resultados de Lucena (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007)	41
2. CAPÍTULO II: FOCALIZANDO A CONSOANTE PÓS-VOCÁLICA	
2.1 Introdução	46
2.2 Descrevendo a Estrutura Silábica	48
2.3 Padrões Silábicos do PB	54
2.4 Comportamento da Consoante Pós-Vocálica Medial e Final	60

2.5 Coda ou Onset com Núcleo Vazio?	65
3. CAPÍTULO III: BREVE COLÓQUIO SOBRE AS TEORIAS FONOLÓGICAS	
3.1 Introdução	73
3.2 Regras e Representações do Estruturalismo ao Gerativismo	75
3.3 Derivação vs Não-Derivação: Surgimento da Teoria da Otimalidade	83
3.4 Lugar da Variação Lingüística nas Teorias Fonológicas	87
3.5 Perspectiva do ROE	97
4. CAPÍTULO IV: ANÁLISE DO /S/ PÓS-VOCÁLICO SOB A PERSPECTIVA DO ROE	
4.1 Introdução	103
4.2 Homogeneidade e Heterogeneidade entre as Línguas Românicas	104
4.3 Discussão das Restrições do /s/ Pós-Vocálico no PB	108
4.4 Hierarquia para o PB	113
4.5 Palavras Finais sobre o /s/ Pós-Vocálico sob a Perspectiva do ROE	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	137

INTRODUÇÃO

Vários questionamentos nos motivaram a realizar um trabalho sobre o /s/ pós-vocálico. Diríamos que o primeiro deles está relacionado ao fato de o português ser uma língua que evita codas e, conseqüentemente, apresenta inúmeras restrições para os segmentos que podem ocupar essa posição na sílaba. Por isso, o fato de as fricativas coronais poderem ocupar a coda no português era bastante intrigante para nós, principalmente porque as características dessa consoante são bem distintas das demais (as líquidas e as nasais) licenciadas a preencher a coda.

Esse questionamento nos levou a outro: será que as fricativas coronais são efetivamente codas no português? E, ao levantar propostas teóricas diferenciadas sobre a análise da estrutura da sílaba, deparamo-nos com a de Harris e Gussmann (1998) sobre as consoantes finais de palavras serem *onsets* com núcleos foneticamente vazios. Assim, ao nos aprofundarmos mais no assunto, encontramos várias propostas que forneciam argumentos a essa idéia, a exemplo de Selkirk (1981), Kaye (1992), Charette (1991), Gussmann e Kaye (1993), Burzio (1994), Lowenstamm (1996), Piggott (1999) dentre outros, ou ainda análises como a de Mateus e Dandrade (1998) e Cardoso e Liakin (2007), sob essa perspectiva. Resolvemos, então, direcionar nossa observação do /s/ pós-vocálico no português brasileiro (PB) sob essa égide.

Para seguirmos esse direcionamento de análise, precisávamos, além do apoio teórico, de dados que pudessem nos propiciar argumentos consistentes ao que estávamos propondo. Além desse fato, os dados dirimiriam as dúvidas a respeito da relação entre a posição na palavra e a classificação do constituinte da sílaba. Em outras palavras, teríamos

que saber se o /s/ pós-vocálico comportava-se como *onset* apenas na posição final de palavra ou se ele também poderia ser assim analisado na posição medial.

Outro fato que nos serviu de motivação foi buscar um tratamento formal para dados de uso do /s/ pós-vocálico. Sabemos que as teorias formais tratam dos aspectos abstratos presentes na subjacência e as teorias pragmáticas ficam com a incumbência do uso lingüístico. O nosso objetivo, contudo, é realizar um casamento entre a Teoria da Otimalidade (TO) e a Teoria Variacionista. Da primeira, utilizaremos a versão proposta por Coetzee (2004), intitulada Modelo de Ranqueamento Ordenado pelo Avaliador (ROE), que consegue estabelecer ordenamentos para as variantes através da frequência de seu uso.

Optamos pela TO por acreditarmos que essa teoria lida bem como os aspectos universais e particulares das línguas e, por isso, seria a perspectiva mais provável de também lidar com aspectos de variação intralingüística. E pela Teoria Variacionista porque consegue tratar de maneira profícua a idéia de variação inerente à fala, assim como a relação que os aspectos lingüísticos e extralingüísticos possuem entre si.

A partir desses questionamentos, estabelecemos os objetivos de tese, dos quais destacamos analisar o /s/ pós-vocálico na estrutura silábica, definindo-o como *onset* de núcleo foneticamente vazio, e estabelecer uma hierarquia, sob a perspectiva do ROE, para as restrições que tratam da variação do /s/ pós-vocálico no PB.

Em decorrência dos objetivos principais, definimos como objetivos específicos: 1. Descrever o quadro variável do PB tanto no âmbito diacrônico quanto sincrônico, para, assim, propor ordenamento para as variantes do /s/ pós-vocálico; 2. Estabelecer comparação entre variação e aquisição do PB, utilizando, para tanto, resultados de aquisição de primeira língua (L1), de leitura e escrita e de aquisição de língua estrangeira (LE) por falantes de português; 3. Comparar o comportamento do /s/ pós-vocálico no

espanhol, no português europeu (PE) e no PB, destacando as semelhanças e as particularidades de cada língua.

Para realizar esses quadros comparativos, utilizamos os trabalhos de Cardeira (2006), Teyssier (2001), Mattos e Silva (1996) para observar o percurso histórico; os resultados de Teyssier (2001), Mateus e Dandrade (1998) para a análise sincrônica do PE e os de Evanini (2007), Ruiz e Miyares (1984) para o espanhol. O estudo sincrônico do PB ficou a cargo dos resultados de Callou, Leite, Moraes (2002), Brescancini (2002), Hora (2003) e Ribeiro (2006). O trabalho de Mezzomo (LAMPRECHT, 2004) serviu de base para a aquisição do PB como L1, o de Pedrosa (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007), para dados de leitura e escrita, e o de Lucena (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007) para a aquisição de LE por falantes de português.

É importante salientarmos que optamos por centrar nossa observação ao /s/ pós-vocálico como parte do lexema, não tratando de casos em que o /s/ pós-vocálico é desinência nominal ou verbal. Justificamos nossa opção por defendermos que, no caso da variação do -s morfológico, trata-se de um processo com motivações predominantemente morfológicas, enquanto que no /s/ pós-vocálico como parte do lexema, temos um processo com predominância fonológica. Sabemos e concordamos com a relação estreita entre os processos fonológicos e morfológicos, assim como da interferência de aspectos morfológicos em processos fonológicos e vice-versa, mas também entendemos que é importante delimitar bem o objeto de estudo para não mascarar tendências a partir de generalizações.

Outra questão que merece esclarecimento diz respeito às terminologias que foram observadas nos trabalhos mencionados e a que optamos por utilizar neste estudo. Além de haver uma vasta literatura que considera o /s/ pós-vocálico como coda, fato que

argumentaremos contrariamente, também percebemos uma gama de termos para denominar as variantes desse processo.

Nos trabalhos diacrônicos, os termos sibilante e chiente eram utilizados para se referir às variantes [s,z] e [ʃ,ʒ] respectivamente. Os trabalhos sincrônicos também apresentam distinção terminológica, alguns trabalhos preferem utilizar termos mais específicos para captar minuciosamente o ponto de articulação de cada variante, outros são mais abrangentes.

Há certo consenso para as variantes alveolar [s,z] e zero [ø], mas para as variantes [ʃ,ʒ] e [h], várias denominações são apresentadas. Evanini (2007), Ruiz e Miyares (1984) utilizam os termos palatal [ʃ,ʒ] e aspirada [h] ao analisar os dados do espanhol e Teyssier (2001), Mateus e Dandrade (1998), o termo palatal para [ʃ,ʒ] ao analisar o PE. Em relação aos dados do PB, Callou, Leite e Moraes (2002) utilizam o termo variante aspirada para [h] e palatal para [ʃ,ʒ]; Brescancini (2002), por sua vez, faz uso dos termos palato-alveolar para [ʃ,ʒ] e laríngea para [h], apresentando, para tanto, argumentos pautados na articulação dessas variantes; e Hora (2003), Ribeiro (2006) e Pedrosa (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007) o termo palatal para [ʃ,ʒ] e glotal para [h].

Apesar de concordarmos com os argumentos expostos por Brescancini (2002), no que se refere à variante [ʃ,ʒ] ter articulação palato-alveolar, optamos por utilizar o termo palatal, por desejarmos enfatizar a idéia do processo de palatalização que distingue as variantes alveolar e palato-alveolar. Quanto às variantes [s,z], [h] e [ø], utilizamos os

termos alveolar, glotal e zero respectivamente, levando em consideração o ponto de articulação das duas primeiras e a ausência de segmento da última.

Esclarecidos os nossos objetivos e os termos por nós utilizados, podemos passar à descrição da organização deste trabalho, a fim de facilitar sua leitura e compreensão.

O Primeiro Capítulo apresenta o nosso objeto de estudo: o /s/ pós-vocálico. A Seção (1.2) foi destinada ao aspecto histórico, em que buscamos traçar o caminho do latim ao português, descrevendo a mudança ocorrida com o /s/ pós-vocálico. Na Seção (1.3), descrevemos o quadro variável desse segmento no espanhol e no PE, estabelecendo as semelhanças e diferenças entre essas línguas. Consideramos a Seção (1.4) a mais importante do primeiro capítulo, principalmente porque é nele que discorreremos sobre a variação do /s/ pós-vocálico nos dialetos do PB. Esses dados servirão de fundamento para nossa proposta de tese, exposta no Capítulo (2), e para a análise formal realizada no Capítulo (3). A Seção (1.5), destinada a fechar o capítulo, levanta a discussão sobre os resultados de aquisição do PB como L1, de leitura e escrita e de aquisição de LE por falantes do português.

O Segundo Capítulo tem por base a discussão sobre a classificação do /s/ pós-vocálico na sílaba. Para tanto, a Seção (2.2) apresentou um breve apanhado sobre a estrutura da sílaba, ficando a descrição dos padrões silábicos do PB para a Seção (2.3). Na Seção (2.4), expusemos o comportamento das consoantes pós-vocálicas em posição medial e final de palavra, que serviu de base para a Seção (2.5), em que levantamos argumentos a favor da nossa proposta de tese, isto é, o fato de o /s/ pós-vocálico ser um *onset* de núcleo foneticamente vazio e, não, uma coda como defendido pela literatura.

O Terceiro Capítulo discorre sobre o percurso das teorias fonológicas. Na Seção (3.2), temos a noção de regras e representações do estruturalismo ao gerativismo,

observando os aspectos principais que permeiam essas teorias. A Seção (3.3) dá continuidade ao percurso teórico, destacando as características que distinguem as teorias derivacionais das não-derivacionais, com principal atenção para TO. Na Seção (3.4), tratamos do lugar destinado à variação lingüística dentro das teorias formais, explicitando as perspectivas da TO que tentaram realizar uma análise sob processos variáveis. Para finalizar, encerramos as discussões na Seção (3.5), em que são expostos princípios norteadores da proposta ROE (COETZEE, 2004, 2006).

O Quarto Capítulo tem por objetivo expor a análise do /s/ pós-vocálico à luz do ROE. Primeiramente, na Seção (4.2), discorreremos sobre a homogeneidade e heterogeneidade entre o espanhol, o PE e o PB, deixando a cargo da Seção (4.3) a discussão sobre as restrições que serão utilizadas na análise. A Seção (4.4) apresenta as hierarquias que dão conta do processo variável do /s/ pós-vocálico no PB, restando à Seção (4.5) as palavras finais sobre a análise realizada.

O último Capítulo destina-se às considerações finais sobre o estudo e a análise levantados no decorrer dos capítulos.

1. CAPÍTULO I: COMPORTAMENTO VARIÁVEL DA FRICATIVA CORONAL PÓS-VOCÁLICA

1.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, versaremos sobre o nosso objeto de estudo: as fricativas coronais em posição pós-vocálica. Para melhor analisá-las, descreveremos o seu comportamento variável no português, relacionando-as à sua trajetória histórica, a outras línguas românicas e a dados de aquisição.

Primeiramente, é importante estabelecer o quadro variável que as fricativas coronais apresentam no português brasileiro para podermos propor um quadro comparativo, levando em consideração o fator histórico e dialetal.

Com base em dados sociolingüísticos, os quais descreveremos na Seção (1.4) deste capítulo, constatamos que as fricativas coronais pós-vocálicas podem apresentar-se na forma alveolar - “ca[s]ca/ra[z]ga”, palato-alveolar ou palatal - “pa[ʃ]ta/de[ʒ]denhar”, glotal ou faríngea - “de[h]de” e, ainda, sofrer o apagamento - “me[ø]mo”¹. A opção pelo ponto de articulação está muito relacionada ao contexto fonológico que circunda as fricativas, determinando, dessa forma, qual variante será utilizada. Já em relação ao seu apagamento, outros fatores, além dos lingüísticos, apresentam-se determinantes, a exemplo dos anos de escolarização.

¹ Há certa divergência entre os trabalhos sociolingüísticos em relação à classificação da fricativa aspirada. Encontramos o uso de fricativa laríngea por Brescancini (2002), de fricativa glotal por Hora (2003); Ribeiro (2006) e Pedrosa (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007) e de fricativa aspirada por Callou, Leite, Moraes (2002). Também ocorre diversidade em relação ao uso dos termos ‘fricativa palato-alveolar’ e ‘fricativa palatal’. Na maioria dos trabalhos (CALLOU, LEITE, MORAES, 2002; HORA, 2003; RIBEIRO, 2006; PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007) é usado o termo palatal, diferente de Brescancini (2002) que expõe razões articulatórias consistentes para utilizar o termo palato-alveolar.

De posse dessas informações, na Seção (1.2), traçaremos, a partir dos trabalhos de Cardeira (2006), Teyssier (2001), Mattos e Silva (1996), quais os caminhos que as fricativas coronais pós-vocálicas seguiram do latim às línguas românicas, especificamente ao português.

A Seção (1.3) será destinada aos trabalhos sincrônicos sobre o /s/ pós-vocálico no português europeu (TEYSSIER, 2001; MATEUS, DANDRADE, 1998) e no espanhol (EVANINI, 2007; RUIZ, MIYARES, 1984). Buscaremos, primeiramente, descrever o comportamento variável desse segmento, para, em seguida, apresentar um quadro comparativo entre as línguas.

Na Seção (1.4), exporemos a variação das fricativas coronais pós-vocálicas no português brasileiro, utilizando os dialetos do Rio de Janeiro – RJ, de São Paulo – SP, de Recife – PE, de Salvador – BA e de Porto Alegre – RS (CALLOU, LEITE, MORAES, 2002); de Florianópolis – SC (BRESCANCINI, 2002); e os de João Pessoa – PB (HORA, 2003 e RIBEIRO, 2006). De posse dos resultados expostos nessas pesquisas, estabeleceremos o perfil das fricativas coronais pós-vocálicas no português brasileiro.

Por fim, na Seção (1.5), discutiremos dados de aquisição em primeira língua (L1) e em língua estrangeira (LE), no caso o inglês, por falantes brasileiros, com intuito de entender se o comportamento das fricativas coronais pós-vocálicas apresenta pontos em comum entre o processo de variação e aquisição e se essa convergência, caso exista, é determinante para a nossa análise. Os primeiros dados são oriundos da pesquisa de Mezzomo (LAMPRECHT, 2004), com crianças na fase de aquisição das consoantes pós-vocálicas no PB; e da pesquisa realizada por Pedrosa (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007), com estudantes da primeira fase do Ensino Fundamental da Escola Estadual José Vieira, em João Pessoa - Paraíba. E os segundos, da pesquisa de Lucena (PEDROSA,

LUCENA, HORA, 2007), com alunos do curso de Letras, habilitação em inglês, da Universidade Estadual da Paraíba.

1.2 HISTÓRIA DO /S/ PÓS-VOCÁLICO: DO LATIM AO PORTUGUÊS

O processo de mudança das fricativas coronais² do latim ao português é estudado observando a posição que ocupa na sílaba, isso porque os caminhos de mudança podem ser distintos, a depender da posição que o /s/ ocupa. Há, no entanto, algo de semelhante entre a mudança ocorrida no /s/ inicial (port. sa.la, ca.sa) e no pós-vocálico (port. cas.ca, mas): os processos são os mesmos.

Segundo Teyssier (2001), a palatalização, bastante recorrente já na passagem do latim ao galego-português, foi responsável pelo aparecimento das africadas palatais [tʃ] e [dʒ]. É importante ressaltar a presença das vogais /i/, /e/ e o iode /j/ no processo de transformação de consoantes em africadas palatais, já que as vogais e o iode eram os responsáveis pela aproximação das consoantes ao ponto de articulação palatal.

As africadas palatais seguiram vários caminhos no decorrer da mudança fonética, resultando em fonemas antes desconhecidos no latim imperial: /ts/, presente em palavras

² Constatamos que também existe uma diversidade terminológica relativamente grande para o /s/ e suas variantes entre os trabalhos de cunho diacrônico e sincrônico. Encontramos o termo ‘fricativas coronais’ como referência à variável /s/ e às suas variantes nos dois casos, mas o termo sibilante, utilizado na perspectiva diacrônica, é substituído pelo termo ‘fricativas alveolares e interdentais’ nos trabalhos sincrônicos, assim como o termo chiante, pelo termo ‘fricativas palatais ou palato-alveolares’. Optamos, para simplificar, por nos referirmos às fricativas coronais observando o seu ponto de articulação: fricativas alveolares, interdentais e palato-alveolares, independente de estarmos citando um trabalho sincrônico ou diacrônico.

como *pretium* > port. “preço”; /dz/, como em *pretiare* > port. “prezar”; /dʒ/, presente em palavras como *hodie* > port. “hoje” e /ʃ/, como na palavra *rŭssĕum* > port. “roxo”.

No galego-português, além dos fonemas palatais decorrentes de mudanças relacionadas às vogais e à semivogal palatais, os grupos iniciais pl-, cl- e fl- sofreram palatalização do l, dando origem à africada [tʃ], escrita com ch, a exemplo de *plaga*>*chaga*. Essa mudança também foi observada no leonês ocidental, diferente do castelhano e do leonês oriental que, após a palatalização do l, perderam a consoante inicial, restando, apenas, o segmento palatal, transcrito como ll, a exemplo de *plaga*> *llaga*. (CARDEIRA, 2006; TEYSSIER, 2001)

De acordo com Teyssier (2001), no galego-português de 1200 a aproximadamente 1350, havia, em posição inicial da sílaba, a presença das africadas alveolares: surda (/ts/, escrita com ‘ç’ e ‘c’ antes de ‘e’ e ‘i’) e sonora (/dz/, escrita com ‘z’); das dentais-alveolares: surda (/s/, escrita com ‘ss’ em posição intervocálica e ‘s’ nas outras situações) e sonora (/z/, escrita com ‘s’ e utilizada apenas na posição intervocálica), das africadas palatais: surda (/tʃ/, escrita como ch) e sonora (/dʒ/, que alternando entre a africada palatal e a palatal, era escrita como g ou j) e, por fim, da palatal surda (/ʃ/, escrita com x).

A partir do século XIV, já separados, o galego e o português apresentavam características que os diferenciavam, principalmente em relação ao ensurdecimento das fricativas sonoras no galego, representadas na grafia por z, -s- e j, confundidas com o /s/ interdental, representado por ç, -ss- e x na grafia; e à transformação de /g/ em /ʒ/, processo ocorrido em toda a Galícia ocidental, que ficou conhecido como fenômeno ‘geada’.

No português europeu (PE), por volta de 1500, as africadas dentais-alveolares tinham perdido seu elemento oclusivo inicial, mas a oposição antes feita entre as africadas dentais-

alveolares e as fricativas ápico-alveolares passa a ser estabelecida entre os fonemas pré-dorsodentais, pronúncia derivada das fricativas (escrito ‘ç’ e ‘c’ antes de ‘e’ e ‘i’ para o fonema surdo e ‘z’ para o sonoro), e ápico-alveolares (escrito s- e -ss- para o fonema surdo e -s- para o sonoro).

Em meados de 1550, confusões na ortografia desses fonemas levam os historiadores a acreditarem que a distinção fonética entre eles deixa de existir, fato efetivado nos fins do século XVI. Assim, no português do centro e do sul do país, os falantes optam pelas pré-dorsodentais, enquanto que, no português falado na região do noroeste ao centro-leste, optam pelas ápico-alveolares, conhecidas como ‘s beirão’. Na região considerada mais conservadora, a região nordeste, a distinção entre os fonemas permanece.

As africadas palatais surdas também passaram por um processo de perda do elemento inicial oclusivo. Assim, com a pronúncia palatal para os dois fonemas, a escrita antes distinta da africada palatal, representada com ‘ch’, e da palatal, representada com o ‘x’, passa a ser confundida.

É consenso entre Teyssier (2001), Cardeira (2006) e Mattos e Silva (1996) que o primeiro relato da palatalização do /s/ implosivo ou /s/ em coda consta em Verney (1746). A hipótese mais provável é que o ‘s’ e ‘z’ implosivos pronunciados como dentais-alveolares passem, por volta do século XVI, a palatais no português europeu. Assim, em contexto anterior a consoantes surdas e em final absoluto teremos a palatal surda [ʃ], a exemplo de ‘faz frio’, ‘vista’ e ‘atrás #’; e antes de consoante sonora, temos a palatal sonora [ʒ], a exemplo de ‘mesmo’ e ‘depois dele’.

Considerado por Teyssier (2001) fato comum no português europeu de hoje, a palatalização não se generalizou nos dialetos setentrionais, no português brasileiro (PB) e

no galego, como já mencionamos anteriormente. Nos falares do norte de Portugal, há a predominância dos –s e –z implosivos como ápico-alveolares, e nos falares do nordeste o –s é pronunciado como ápico-alveolar e o –z, como pré-dorsodental.

Na maior parte do Brasil, a pronúncia é majoritariamente alveolar, sendo a pronúncia palato-alveolar característica de alguns lugares, a exemplo do Rio de Janeiro e Recife, fato que veremos com mais detalhes na seção 1.4, referente à análise sincrônica dos dialetos brasileiros.

Uma observação importante feita por Mattos e Silva (1996) é que, à exceção do morfema flexional de plural e de verbos, e das consoantes finais de instrumentos gramaticais, o /s/ implosivo não corresponde às consoantes finais latinas. Ele é, de fato, derivado do apagamento da vogal final não-acentuada do latim ou, ainda, do apagamento dessa vogal e da consoante que a segue, a exemplo de *mense* > *mês*, *facit* > *faz*, *fecit* > *fez*.

Mattos e Silva (1996) também destaca que, no quadro de formação dos fonemas do português, a posição inicial tende a ganhar, a final tende a perder e a medial, a enfraquecer, não chegando ao apagamento e muitas vezes compensando-o com outros itens inexistentes no latim, a exemplo da palatal.

1.3 ESTUDO SINCRÔNICO DO /S/ PÓS-VOCÁLICO NO PORTUGUÊS EUROPEU E NO ESPANHOL

Conhecidos os caminhos percorridos pelo /s/ pós-vocálico do latim ao português e ao espanhol, já podemos deter-nos, então, ao seu comportamento sincrônico. Por isso, esta seção será destinada ao estudo desse fenômeno no português europeu (PE), baseado em

Teyssier (2001) e Mateus e Dandrade (1998), e no espanhol, com base nos trabalhos de Evanini (2007), Morris (2000) e Ruiz e Miyares (1984). O panorama do português brasileiro (PB), contudo, será tratado detalhadamente na seção 1.4, a seguir.

No português europeu, o /s/ pós-vocálico se apresenta majoritariamente palatal, como mencionado por Teyssier (2001). Mateus e Dandrade (1998) reforçam essa idéia ao descrever a estrutura silábica dessa língua, destacando o /s/ pós-vocálico como uma das três consoantes responsável pelo travamento silábico.

Afirmam que a realização palatal [ʃ] ou [ʒ] será definida a partir da assimilação da sonoridade da consoante que a segue, seja na mesma palavra, quando está na posição interna, como em “me[ʒ]mo” e “pe[ʃ]te”, seja na palavra seguinte, quando está na posição final, a exemplo de “feli[ʒ] demai[ʃ]#” e “mai[ʃ] pão”.

Os autores ressaltam ainda que, em palavras como “e[ʒ]vaído” e “e[ʃ]perado”, a vogal inicial, em geral, não se realiza foneticamente, resultando em “[ʒ]vaído” e “[ʃ]perado”. Nesse caso, a vogal é especificada apenas na subjacência, podendo ser recuperada em silabificações com prefixos que terminam com consoantes, como em in+esperado, que resulta em i[neʃ]perado.

No que se refere ao espanhol americano, segundo Evanini (2007), as variantes [s], [h] e [ø] se alternam em seus dialetos³, fato que corrobora ao tomar por base os trabalhos de Ma & Herasimchuck (1971) e Poplack (1980) sobre o dialeto porto-riquenho, o de Cedergren (1973) sobre o dialeto panamenho, o de Lafford (1982) sobre o dialeto

³ Aqui, o termo dialeto é sinônimo de falares, sem ser atribuído juízo de valor, muito menos negativo. Fazemos uso da definição proposta no Dicionário de Linguística de Dubois et al. (1998).

colombiano e o de Cid-Hazard (2003) sobre o dileto chileno, mostrando uma tendência ao processo de enfraquecimento que culmina no apagamento do /s/ na posição pós-vocálica.

Evanini (2007) também expõe que todos os trabalhos mencionados sobre a variação do /s/ pós-vocálico têm mostrado de forma consistente que os mesmos fatores (mais detalhes cf. EVANINI, 2007) condicionam a escolha das variantes, o que torna o processo bastante propício ao tratamento de uma teoria fonológica formal.

Embora mencione os dialetos citados e os utilize como base em sua análise, expõe dados de apenas dois deles, o dialeto panamenho com base no trabalho de Cedergren (1973) e o dialeto colombiano exposto no trabalho de Lafford (1982, citado em Morris, 1998), cujos dados exporemos nas Tabelas (1) e (2), a seguir:

Tabela 1: Resultados de Cedergren (1973) sobre o /s/ pós-vocálico final no espanhol panamenho

Variantes	%
[s]	11
[h]	41
[ø]	48

Como observado na Tabela (1), o /s/ pós-vocálico final no dialeto panamenho está sofrendo um processo de enfraquecimento. Os resultados refletem um caminho de presença do [s] (11%), seu enfraquecimento [h] (41%) e apagamento [ø] (48%), reforçando a preferência por estruturas Consoante Vogal (CV).

Os resultados da Tabela (2), a seguir, do dialeto colombiano, refletem a influência do estilo para o apagamento do /s/ pós-vocálico, independente da posição na palavra, seja medial ou final. De acordo com os números apresentados, as variantes [s] e [ø] seguem um caminho inversamente proporcional em relação ao estilo utilizado pelo falante. Quanto mais formal o estilo, menor a possibilidade de apagamento e maior a possibilidade de preservação da variante [s], indicando que o estilo tem um forte papel condicionador no processo.

Tabela 2: Resultados de Lafford (1982, citado em Moris, 1998) sobre o /s/ pós-vocálico em relação ao estilo no espanhol colombiano

Estilo	[s]	[h]	[ø]
Casual	20	35	45
Cuidadoso	28	39	33
Leitura	66	17	16
Lista de Palavras	87	5	8

Um ponto que merece destaque nos trabalhos de Evanini (2007) e de Morris (2000) é a menção a uma variante peculiar ao espanhol de Andaluzia, que é a formação de uma geminada em decorrência do apagamento (proposta do primeiro) ou enfraquecimento do /s/ pós-vocálico (proposta do segundo).

Muito embora Evanini (2007) mencione essa variante, não se ocupa dela em seu trabalho. Morris (2000), contudo, ao discutir o processo de enfraquecimento no espanhol,

especificamente de uma região que se estende do sul de Andaluzia (TERREL, 1981) ao noroeste até Estremadura, ao nordeste até Múrcia e ao norte até Castilha La Mancha e Madri (LIPSKI, 1986), encontrou, além da aspiração (su[s]to > su[h]to) e da geminada (su[s]to > su[t]to), uma variante geminada precedida de aspiração (su[s]to > su^h[t]to), típica de Cúllar-Baza, situada na província do sul de Granada, na Andaluzia.

De acordo com as observações de Morris (2000), o /s/ pós-vocálico se realiza como [h] quando seguido por consoante [-vozeada] e consoante [+soante], como em mo[s]ca > mo[h]ca e mi[s]mo > mi[h]mo, respectivamente. É importante salientar que os casos de geminada e geminada precedida por aspiração também acontecem nesses casos: mo[s]ca > mo[k]ca, mo^h[k]ca e mi[s]mo > mi[m]mo, mi^h[m]mo. A única exceção mencionada é o caso da consoante soante /l/, já que se apresenta na forma aspirada, como em isla > i[h]la, ou na forma geminada, como em isla > i[l]la, não ocorrendo com a variante geminada precedida de aspiração (*i^h[l]la).

Em casos do /s/ pós-vocálico seguido de oclusivas vozeadas, o resultado será uma combinação de aspiração, assimilação de vozeamento e choque segmental, como em de[s]de > de[θ]de; disgusto > di[x]gusto e re[s]baldar > re[ϕ]alar, re[f]alar. Neste último caso, ou seja, /s + b/, a fricativa bilabial desvozeada [ϕ] acontece nos dialetos onde emerge a aspiração e fricativa labiodental desvozeada [f], nos dialetos em que emergem a geminada e a geminada precedida de aspiração.

Algumas observações importantes são feitas por Morris (2000), uma delas se refere ao fato de a aspiração envolver a supressão de traços existentes e proibir a inserção de novos traços, relacionando, dessa forma, a aspiração ao apagamento.

Outra questão ressaltada é que uma análise baseada na TO reforça o caso de aspiração na Espanha peninsular como resultado da competição entre as restrições de fidelidade e de marcação. E que o efeito da debucalização, da geminação, da pré-aspiração e do choque segmental é o resultado da pressão de restrições baixas na hierarquia, ou seja, um exemplo de emergência do não-marcado.

Por fim, ratificamos que o autor se baseia na diferença entre o padrão de aspiração do /s/ pós-vocálico interno à palavra ou em fronteira de palavra, destacado no estudo de Salvador (1958), para justificar o fato de apenas trabalhar com o /s/ pós-vocálico interno.

Sobre o espanhol de Cuba, Ruiz e Miyares (1984) reforçam que o /s/ pós-vocálico tem sido bastante estudado devido à riqueza de variantes que possui. Na América espanhola, semelhante à Andaluzia, o /s/ pós-vocálico é pré-dorsal, apresentando, contudo, variações.

Em Cuba, além da pronúncia pré-dorsoalveolar, existem os processos de aspiração (distintos > di[h]tinto[h]) e de apagamento (está > e[ø]tá). Os autores também destacam o fenômeno de assimilação (gusto > gu[t:jo]), que resulta em uma geminada, processo já mencionado anteriormente.

Os resultados expostos e discutidos por Ruiz e Miyares (1984) são decorrentes da sua pesquisa realizada em Santiago de Cuba no ano de 1971 sobre o /s/ pós-vocálico final tanto na fala culta como na popular.

Os dados expostos na Tabela (3), que segue, mostram os resultados dos três processos (assimilação, aspiração e apagamento) em relação à fala culta e popular em Santiago de Cuba e ao contexto fonológico seguinte ao /s/ pós-vocálico. Vale salientar que

no caso do contexto de final absoluto, representado na Tabela (3) por ‘_#’, teremos os resultados da realização do [s], já que não há contexto seguinte para ser assimilado.

Tabela 3 – Resultado sobre o /s/ pós-vocálico final (RUIZ, MIYARES, 1984)

Variantes	Assimilada	[h]	[ø]	Assimilada	[h]	[ø]
Tipo de Fala Cont. Seguinte	Fala Culta			Fala Popular		
_#	72,87%	69,26%	32,21%	27,13%	30,74%	67,79%
_Consoante Labial	28,45%	9,83%	8,27%	71,55%	90,17%	91,73%
_Consoante Dental	18,80%	68,70%	18,25%	81,20%	31,30%	81,75%
_Consoante Alveolar	--	78,66%	34,80%	--	21,34%	65,20%
_Consoante Velar	--	65,56%	36,85%	--	34,44%	63,25%
_Consoante Nasal	--	52,80%	18,46%	--	47,20%	81,54%

Como podemos depreender pelos resultados, em final absoluto, a variante [s] é a mais freqüente na fala culta com 72,87%, seguida pela variante [h] com 69,26%, enquanto, na fala popular, a mais freqüente é a variante [ø] com 67,79%.

Quando o contexto seguinte se trata de uma consoante labial, o processo de assimilação é o mais freqüente na fala culta com 28,45%. Na fala popular, o apagamento e a aspiração se tornam bastante freqüentes, com uma porcentagem de 90,17% e 91,73%, respectivamente.

No contexto seguinte preenchido por consoante dental, a aspiração é a mais freqüente na fala culta, com 68,70%, já na fala popular, o apagamento (81,75%) e a aspiração (81,20%) são os fenômenos mais produtivos.

Em contexto seguinte preenchido por consoante alveolar, velar e nasal, não há casos de assimilação do [s], tanto na fala culta quanto na popular. O processo mais freqüente na fala culta é a aspiração, com 78,66% para a consoante seguinte alveolar, 65,56% para a consoante seguinte velar e 52,80% para a consoante nasal. Na fala popular, por sua vez, o apagamento é o processo mais profícuo, apresentando para a consoante alveolar 65,20%, para a consoante velar 63,25% e para a consoante nasal 81,54%.

Além dos resultados já expostos, os autores ressaltam que, na fala popular, os processos mais produtivos são a assimilação (76,37%) e o apagamento (75,19%), e, na fala culta, a aspiração é a mais freqüente, com 70,86%. Isso reforça a tendência ao apagamento do /s/ pós-vocálico no espanhol.

Feito um breve apanhado do comportamento do /s/ pós-vocálico no PE e no espanhol, que mostraram, de forma geral, o mesmo inventário de variantes: [s, z, ʃ, ʒ, h, ø], podemos passar à descrição dos dialetos brasileiros, que será a base para o nosso trabalho.

1.4 ANÁLISE VARIACIONISTA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO⁴

Os trabalhos sociolingüísticos nos permitirão descrever detalhadamente o /s/ pós-vocálico nos dialetos brasileiros, estabelecendo estatisticamente a relação entre essa

⁴ É importante salientar que os gráficos e as tabelas expostos nesta seção são de nossa autoria, muito embora tomem por base os dados presentes nos trabalhos mencionados no decorrer do texto.

variante e as restrições que a determinam. Por isso, tivemos a preocupação em buscar o maior número de dialetos para estabelecer um amplo panorama do comportamento do /s/ pós-vocálico no português brasileiro.

É importante ressaltar que as descrições e análises dos trabalhos que discorreremos a seguir utilizam-se de resultados estatísticos obtidos através do Pacote de Programas VARBRUL (PINTZUK, 1989), versão DOS, e/ou do Programa Goldvarb (SANKOFF, RAND, 1990), versão para Macintosh e mais tarde, ambiente Windows. Esse programa é matematicamente aprimorado, conseguindo expressar os seus resultados de duas formas: através de porcentagem e de peso relativo.

A descrição dos trabalhos será feita pela ordem cronológica de realização das pesquisas. Nosso intuito com isso é explicitar os métodos utilizados pelas primeiras pesquisas e as adaptações feitas pelas pesquisas que seguiram.

1.4.1 RESULTADOS DE CALLOU, LEITE, MORAES (2002)

O trabalho de Callou, Leite e Moraes (2002) tem por objetivo principal discutir o processo de enfraquecimento das consoantes no PB. Para tanto analisam as consoantes /l/, /r/, /s/ pós-vocálicas nos dialetos do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, de São Paulo – São Paulo, de Porto Alegre – Rio Grande do Sul, de Recife – Pernambuco e de Salvador – Bahia, extraídos do banco de dados do Projeto da Norma Urbana Culta (NURC), composto por universitários estratificados em relação à idade, ao sexo e à origem geográfica.

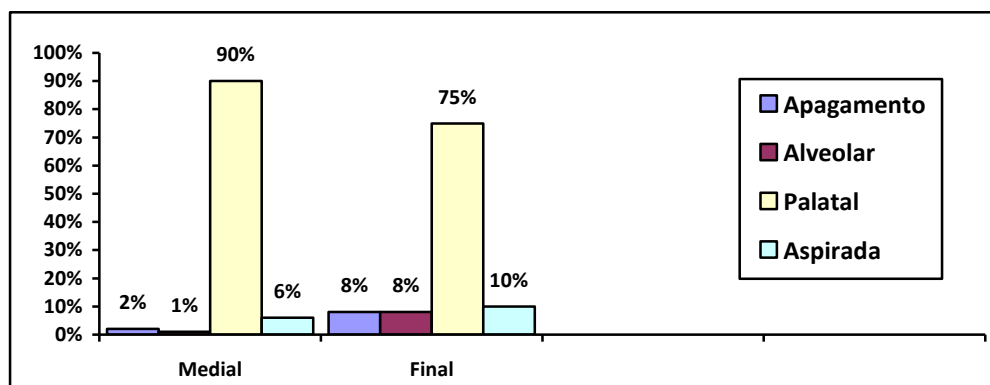
Ao analisar o /s/ pós-vocálico, obtiveram um total de 9026 ocorrências, somando as cinco capitais pesquisadas e encontraram a realização da fricativa na forma palatal,

aspirada, alveolar e apagada, mas priorizaram o uso da palatal em relação às demais variantes.

Os resultados gerais dos dialetos são mostrados em relação à posição que a fricativa coronal ocupa na palavra, se medial ou final, como observado nos Gráficos de (1) a (5). Para uma melhor visualização da distribuição das variantes, exporemos os resultados por dialetos.

Em relação ao Rio de Janeiro, o comportamento do /s/ pós-vocálico é bastante semelhante na posição medial e na final, traçando o seguinte caminho: palatal (90% e 75%) – aspirada (6% e 10%) – apagamento (2% e 8%) – alveolar (1% e 8%). A palatal é a variante mais freqüente tanto na posição medial quanto na final, com percentagens bem distantes das demais variantes, como demonstra o Gráfico (1).

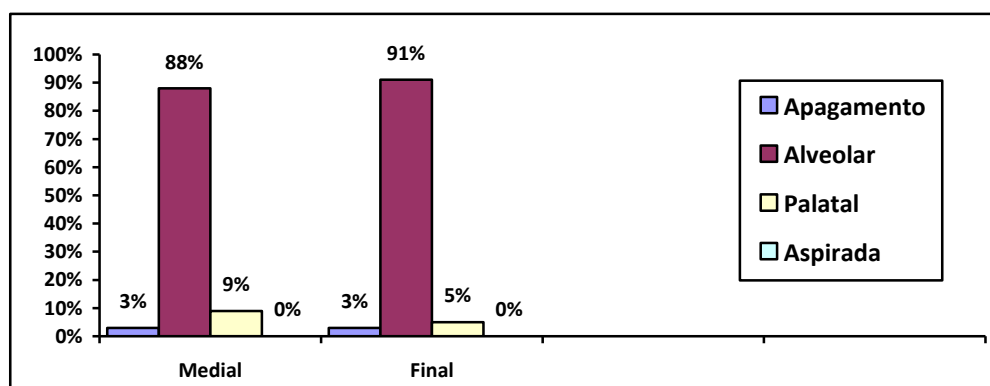
Gráfico 1 – Resultado Geral do Rio de Janeiro



No dialeto de São Paulo, a variante mais freqüente é a alveolar com 88% e 91% nas posições medial e final. As outras variantes têm uma freqüência baixíssima, inclusive não havendo dados de aspiração em nenhuma das posições. A palatal apresenta 9% na posição

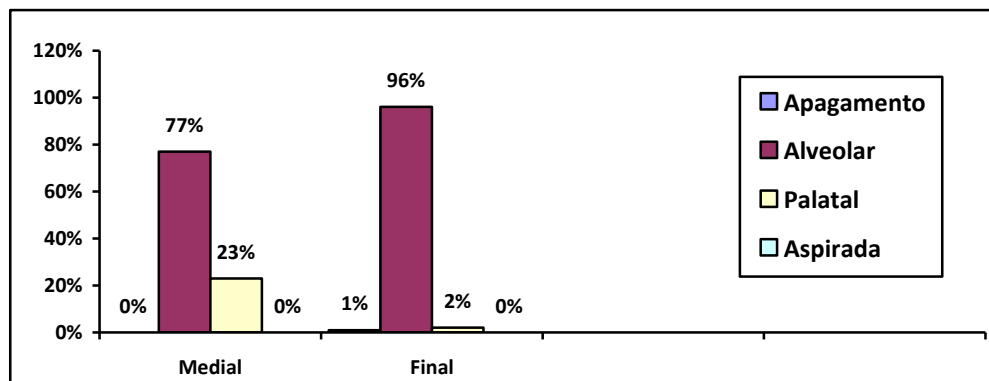
medial e 5% na posição final e o apagamento, 3% nas duas posições, como expõe o Gráfico (2) a seguir.

Gráfico 2 – Resultado Geral de São Paulo



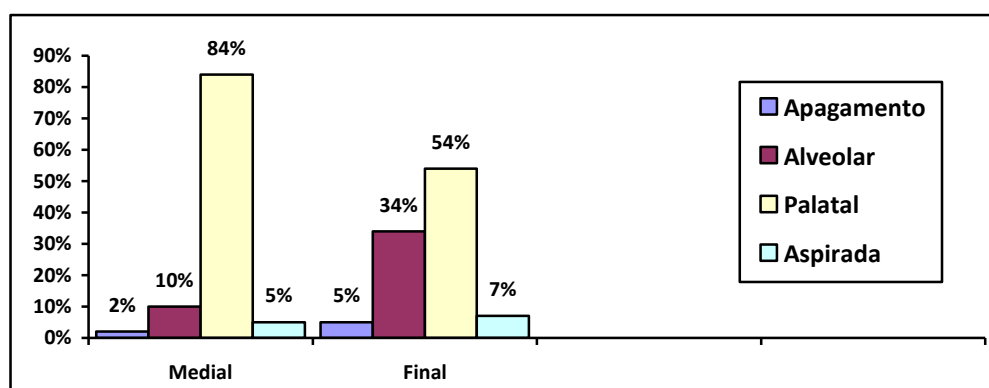
Os resultados do dialeto de Porto Alegre são semelhantes aos de São Paulo, apresentando a mesma ordem: alveolar (77% e 96%) – palatal (23% e 2%) – apagamento (0% e 1%) – aspirada (0% e 0%), como comprova o Gráfico (3). No entanto, duas questões bastante interessantes merecem destaque nesse dialeto, que são a relação inversamente proporcional das variantes palatal e alveolar e a disparidade nas percentagens em relação à posição na palavra, distinguindo-as das outras duas variantes que têm uma frequência bem próxima nas duas posições.

Gráfico 3 – Resultados Gerais de Porto Alegre



No dialeto de Recife, as variantes palatal (84% e 54%) e alveolar (10% e 34%) também apresentaram resultados bem distantes entre a posição medial e final, enquanto as demais variantes apresentam resultados mais próximos: aspirada (5% e 7%) e apagamento (2% e 5%), fato que pode ser corroborado no Gráfico (4). É importante ressaltar que a variante palatal é a mais freqüente, semelhante ao dialeto do Rio de Janeiro.

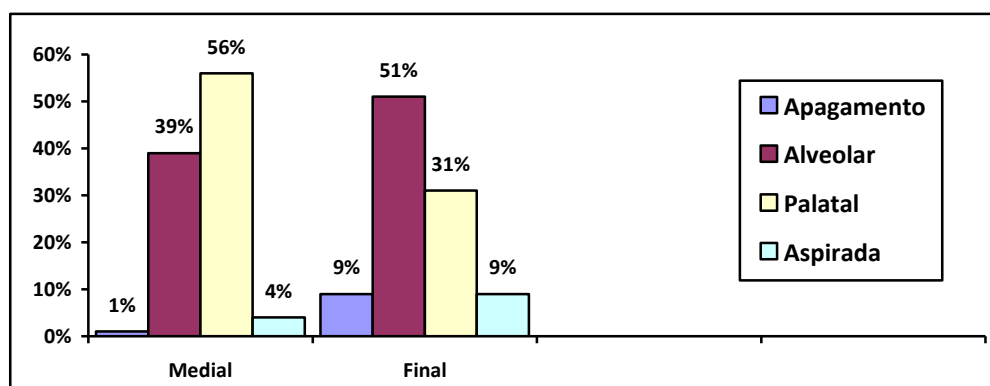
Gráfico 4 – Resultados Gerais de Recife



Os dados de Salvador mostram uma relação inversamente proporcional na freqüência de uso das variantes palatal (56% e 31%) e alveolar (39% e 51%), inclusive se comparadas

às posições medial e final. As variantes aspirada (4% e 9%) e zero (1% e 9%) são pouco freqüentes, principalmente na posição medial, como comprova o Gráfico (5) a seguir.

Gráfico 5 – Resultados Gerais de Salvador



Como mencionado, na discussão que segue, os autores convergem a atenção sobre a variante palatal, observando-a apenas na posição medial, já que a posição final também envolve processos morfológicos. Destacam os fatores lingüísticos: contexto seguinte e dimensão do vocábulo, e os fatores sociais: gênero e faixa etária, como relevantes ao processo. E mostram detalhadamente a freqüência de uso da palatal em relação ao gênero nas cinco capitais, buscando, dessa forma, delimitar o processo de palatalização.

Cientes dos resultados analisados por Callou, Leite e Moraes (2002), passemos às discussões sobre o dialeto de Florianópolis, com base nos dados de Brescancini (2002).

1.4.2 RESULTADOS DE BRESCANCINI (2002)

Os resultados de Brescancini (2002) referem-se à fala de três regiões do município de Florianópolis – Santa Catarina: Centro Urbano, Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa.

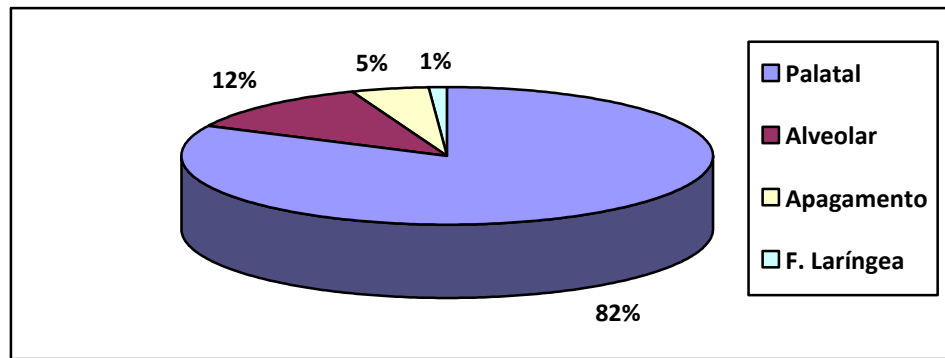
O *corpus* referente ao Centro Urbano de Florianópolis conta com 30 entrevistas provenientes do banco de dados do Projeto Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil (VARSUL) e 18 entrevistas coletadas entre 2000 e 2001. Já o corpus de Ribeirão da Ilha, constituído de 24 informantes, foi coletado entre 1994 e 1995 e entre 2000 e 2001. E o corpus referente à Barra da Lagoa, coletado entre 2000 e 2001, é composto por 28 entrevistas.

Dessa forma, a amostra perfaz um total de 100 informantes, sendo 48 da região urbana do município (distrito de Florianópolis) e 52, das regiões interioranas (distrito do Ribeirão da Ilha e distrito de Barra da Lagoa), estratificados quanto ao gênero⁵, à faixa etária e aos anos de escolarização.

Como mencionado, a variável /s/ em posição pós-vocálica pode ser realizada sob a forma de variante alveolar, palato-alveolar ou palatal, laríngea ou glotal e zero, sendo todas elas encontradas no dialeto de Florianópolis, como demonstram os resultados gerais, expostos no Gráfico (6).

⁵ Diferente do utilizado por Callou, Leite e Moraes (2002), Brescancini (2002) opta por utilizar o termo gênero, no entanto, observamos que é apenas uma distinção terminológica, já que o sentido empregado nos dois casos é o mesmo.

Gráfico 6: Resultado Geral



Constatamos que a variante palatal é a mais freqüente, com 83%, destacando-se das demais variantes que se somam em 17%. A variante alveolar é a segunda mais freqüente, obtendo 12% de aplicação e o apagamento e a fricativa laríngea apresentam aproximadamente valores de 5% e 1%, respectivamente.

Diante da disparidade dos resultados, a autora opta por realizar uma análise contrastiva entre a variante palatal (83%) e as demais variantes (17%), utilizando como valor de aplicação a variante palatal.

A análise quantitativa é extremamente minuciosa e observa oito fatores lingüísticos, a saber: Traço [voz], Acento, Função Morfológica, Posição da Fricativa na Palavra, Contexto Seguinte, Contexto Precedente, Sândi Externo e Status do Contexto Precedente, sendo os dois últimos subespecificações dos Contextos Seguinte e Precedente, por isso só foram observados quando da discussão desses. E os seguintes fatores sociais: Faixa Etária, Escolaridade, Gênero, Região, Informantes e Sentimento do nativo em relação ao turista e ao novo morador, sendo estes dois últimos relacionados ao Gênero e à Região.

Devido ao grande número de células formadas e da ausência de ortogonalidade entre alguns fatores (cf. BRESCANCINI, 2002, p.179-184), foram necessárias mais de uma

rodada para se determinar os fatores que influenciam a variante palatal. Os resultados demonstraram que os seis fatores lingüísticos: **Traço [voz], Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Função Morfológica, Acento, Posição da Fricativa na Palavra** (nessa ordem) e os quatro sociais: **Gênero, Escolaridade, Região, Faixa Etária** (nessa ordem) são relevantes ao processo, sendo os lingüísticos mais determinantes que os sociais, segundo a ordem estabelecida pelo programa.

Apenas dois fatores se comportaram de forma distinta durante as rodadas, que são: Posição da Fricativa na Palavra e Gênero. O primeiro foi, inclusive, extraído das demais rodadas, já que ocasionava problema de ortogonalidade com os fatores Contexto Seguinte, Traço [voz] e Acento. Já o fator gênero foi selecionado como o segundo mais relevante na rodada com os fatores lingüísticos (**Traço [voz], Gênero, Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Função Morfológica, Acento**), diferente dos demais fatores sociais que foram selecionados após os fatores lingüísticos.

Brescancini (2002) faz uma análise bastante detalhada dos resultados obtidos, realizando cruzamento de fatores na busca de estabelecer as relações entre eles no favorecimento ou não da variante palatal. Exporemos aqui apenas os resultados mais gerais, destacando os fatores de cada grupo que favorecem a palatal, expostos nas Tabelas (4) e (5) a seguir.

Tabela 4 – Fatores Lingüísticos

Grupo de Fator	Fator Favorecedor	Peso Relativo
Traço [voz]	[-voz]	.62
	pausa	.54
Contexto Precedente	ausência de vogal	.92
	vogal dorsal	.62
	vogal e glide labiais	.56
Contexto Seguinte	coronais [-ant]	.67
	dorsais	.62
	labiais	.51
Função Morfológica	morfema plural	.65
	prefixo	.59
	desinência verbal	.54
Acento	pretônica	.71
	pré-pretônica	.64
	tônica	.51
Posição da Fricativa na Palavra	medial	.60
	final absoluto	.50

Tabela 5 – Fatores Sociais

Grupo de Fator	Fator Favorecedor	Peso Relativo
Gênero	feminino	.57
Escolaridade	14 anos ou mais	.56
	6 – 9 anos	.51
Região	Barra da Lagoa	.55
Faixa Etária	61 anos ou mais	.52
	25 – 40 anos	.51

Esses resultados refletem o quadro variável no dialeto de Florianópolis – SC, reforçando uma maior frequência de uso da variante palatal em detrimento das demais variantes na posição pós-vocálica.

Descritos os resultados de Brascancini (2002), sobre Florianópolis, passemos aos resultados de Hora (2003) e Ribeiro (2006), sobre o dialeto paraibano.

1.4.3 RESULTADOS DE HORA (2003) E RIBEIRO (2006)

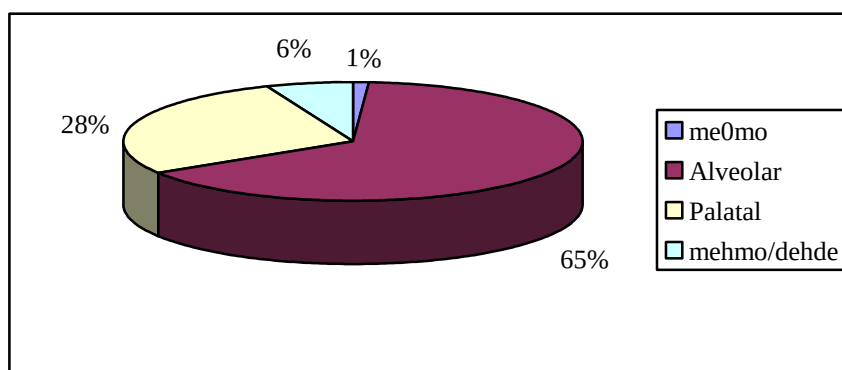
Os dados de Hora (2003) e Ribeiro (2006) foram levantados com base no *corpus* do Projeto Variação Lingüística do Estado da Paraíba (VALPB), implementado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O *corpus* foi coletado em João Pessoa – Paraíba, a partir de 60 informantes estratificados socialmente em relação ao sexo, à faixa etária e aos anos de escolarização.

O trabalho de Hora (2003) versa sobre o /s/ pós-vocálico na posição interna à palavra, enquanto que o de Ribeiro (2006) se detém à posição final de lexemas, estabelecendo-se, dessa forma, um paralelo entre as análises.

De posse dos dados de Hora (2003), percebemos que as variantes alveolar [s, z] (e[s]fera, re[z]vala), palatal [ʃ, ʒ] (go[ʃ]to, de[ʒ]de) e glotal [h] (me[h]mo) são produtivas, diferente da variante zero [Ø] que se mostra improdutiva⁶, ocorrendo especificamente com determinados itens lexicais, no caso dessa pesquisa, apenas com o item me[Ø]mo.

É importante mencionar que no *corpus* observado por Hora (2003), a ocorrência da palatal está associada ao contexto fonológico seguinte coronal. Assim, quanto ao uso, há uma dominância da alveolar, seguida pela palatal condicionada ao contexto coronal seguinte e com poucos casos da glotal e do apagamento. Reforçamos que nesse último caso, as ocorrências eram específicas do item lexical **mesmo**, o que provavelmente confirma a hipótese de difusão lexical. Como comprovamos no Gráfico (7) a seguir:

Gráfico 7 – Resultado Geral do /s/ Pós-Vocálico Medial



⁶ As realizações de apagamento nessa posição são raras e bem específicas de determinados itens lexicais, o que permitiria dizer que é um processo de difusão lexical. Ex.: me[Ø]mo, di[Ø]juntor e júri[Ø]dição.

Diante das poucas ocorrências da glotal (6%) e do apagamento (1%), Hora (2003) optou por fazer uma análise contrastiva entre a variante alveolar e palatal, para determinar o contexto de uso dessa última, semelhante ao trabalho de Brescancini (2002).

Essa relação contextual determina os seguintes fatores condicionantes: **Contexto fonológico seguinte, categoria gramatical e extensão do vocábulo**. Hora (2003) destaca os seguintes itens como favorecedores ao uso da palatal:

Tabela 6 – Fatores Condicionadores da Palatal

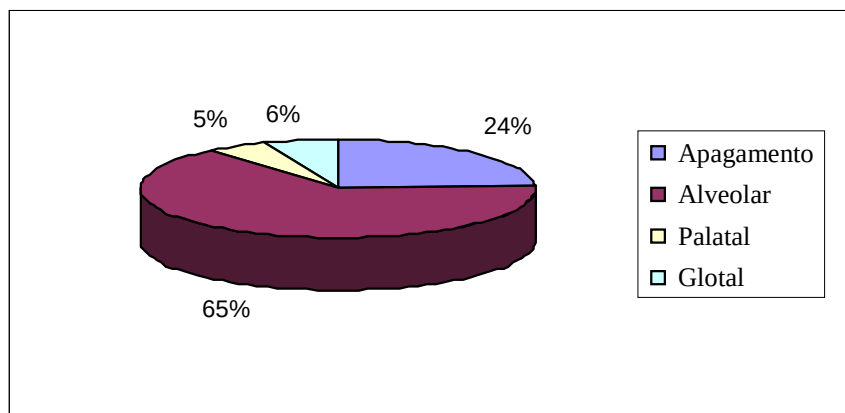
Grupo de Fator	Fator Favorecedor	Peso Relativo
Contexto Fonológico Seguinte ⁷	coronal	.86
Categoria Gramatical	verbo	.56
Extensão do Vocábulo	duas sílabas	.55

Apesar de os dois últimos grupos de fatores terem sido selecionados pelo VARBRUL, percebemos, pela pouca distância entre os pesos relativos dos fatores selecionados e o ponto neutro, que o contexto fonológico seguinte é o único, de fato, determinante.

A variação do /s/ pós-vocálico na posição final, segundo Ribeiro (2006), também se apresenta sob a forma alveolar [s,z], palatal [j, ʒ] e glotal [h]. E além desses casos, a forma de apagamento [Ø] é produtiva em final de palavra, diferindo da coda interna. Como podemos comprovar no Gráfico (8) a seguir:

⁷ Salientamos que os outros contextos são quase categóricos: (.01) para as dorsais e (.00) para as labiais.

Gráfico 8 – Resultado Geral do /s/ Pós-Vocálico Final



Devido, contudo, à pouca frequência de uso das palatais e glotais, Ribeiro (2006) preferiu agrupá-las com as alveolares, formando dois grandes blocos: a presença do /s/ (alveolar, palatal ou glotal) e a ausência dele (apagamento), o que resulta em 75% de preservação e 25% de apagamento da fricativa coronal no final de lexema.

Sua análise segue opondo a presença ao apagamento e destaca, através da análise estatística fornecida pelo Goldvarb, os seguintes fatores condicionantes: **item lexical**, **contexto fonético-fonológico precedente**, **contexto fonético-fonológico seguinte**, **número de sílabas**. Assim, de posse desses grupos de fatores, Ribeiro (2006) destaca os seguintes itens como favorecedores ao apagamento:

Tabela 7 – Fatores Condicionadores do Apagamento

Grupo de Fator	Fator Favorecedor	Peso Relativo
Itens Lexicais	conjunção <i>mas</i>	.71
	verbos	.66
Contexto Precedente	vogal alta /u/	.72
Contexto Seguinte	fonema /h/	.83
	coronais	.59
	labiais	.54
Número de Sílabas	duas sílabas	.68

E favorecedores à presença da fricativa coronal, teríamos os fatores destacados na Tabela (8) a seguir:

Tabela 8 – Fatores Condicionadores do /s/ Pós-Vocálico Final

Grupo de Fator	Fator Favorecedor	Peso Relativo
Itens Lexicais	pronomes	.24
	conjunções	
	numerais	
	adjetivos	
Contexto Precedente	vogal baixa /a/	.21
Contexto Seguinte	dorsais	.37
Número de Sílabas	uma sílaba	.45

Os dados de Hora (2003) e Ribeiro (2006) refletem que o comportamento da fricativa coronal pós-vocálica no dialeto de João Pessoa não é semelhante quando em interior ou em final de lexema, já que temos número e comportamento diferenciados de variantes para cada posição: [s, z, ʃ, ʒ, h] para a posição interna e [s, z, ʃ, ʒ, h e Ø] para a final. Além disso, também há distinção entre a ordem e os fatores condicionadores.

Reforçamos que os trabalhos de Callou, Leite, Moraes (2002); Brescancini (2002); Hora (2003) e Ribeiro (2006) nos permitem estabelecer um quadro comparativo que explicita as tendências do comportamento variável do /s/ pós-vocálico no PB. E, mesmo que o primeiro trabalho se utilize apenas de falantes universitários, enquanto os demais também se utilizem de outros níveis de escolarização, entendemos que a comparação é confiável, pois os mesmos fatores estão restringindo o fenômeno em estudo e o mesmo pacote de variáveis é apresentado.

Aqui finalizamos o panorama sobre a descrição da variação do /s/ pós-vocálico nos dialetos brasileiros, que nos será muito útil nos capítulos subseqüentes. Caberá, então, à próxima seção, a descrição de dados sobre aquisição.

1.5 DADOS DE AQUISIÇÃO DE L1 E LE

As teorias fonológicas têm buscado, no decorrer dos anos, dar conta da relação de homogeneidade e heterogeneidade que as línguas possuem. Para tanto, tentam determinar a tipologia e o processo de aquisição das línguas.

Dessa forma, também cientes da necessidade de observar a língua em seu todo, desde seu processo de aquisição ao seu uso, é que optamos por descrever, além dos dados varicionistas do /s/ pós-vocálico descritos na seção anterior, os resultados de pesquisas de aquisição do PB como L1 e de adultos brasileiros que estão aprendendo o inglês como LE.

Ressaltamos que os resultados de aquisição também servirão para estabelecer o caminho seguido pelo /s/ pós-vocálico no PB, muito embora, como já foi mencionado, o nosso interesse maior esteja pautado nos dados variacionistas.

Esclarecidos os nossos propósitos com os dados de aquisição, passemos à discussão das pesquisas realizadas por Mezzomo (LAMPRECHT, 2004), Pedrosa (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007) e Lucena (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007), que resolvemos descrever separadamente para melhor visualizar os resultados.

1.5.1 RESULTADOS DE MEZZOMO (LAMPRECHT, 2004)

Levantaremos, nesta seção, algumas discussões a respeito do processo de aquisição das consoantes pós-vocálicas no português brasileiro, especificamente do /s/ pós-vocálico. Para tanto, faremos uso dos dados analisado por Mezzomo (LAMPRECHT, 2004).

Segundo a autora, há diferença de aquisição entre a posição medial ou final. De acordo com os dados observados por ela, para todos os segmentos possíveis nessa posição no português (/l, N, r, s/), a aquisição da posição final ocorre primeiro do que a medial.

Os dados referentes ao /s/ pós-vocálico são muito interessantes, pois mostram que o /s/ na posição final aparece por volta de 1 ano 6 meses e só aos 2 anos é que a medial surge. E que o domínio da fricativa ocorre aos 2 anos e 6 meses em final de palavra e 3 anos em

posição medial. Esses dados revelam que o surgimento da fricativa pós-vocálica não é tão precoce e que se passa um período de um ano entre o surgimento e o seu domínio em ambas as posições, medial e final.

O fato de o /s/ pós-vocálico na posição final ter seu surgimento e conseqüente domínio primeiro do que na posição medial nos leva a um direcionamento distinto dos dados variacionistas que mostram uma maior frequência de retenção na posição medial. Assim, na aquisição há uma maior realização da posição final, enquanto em dados de variação, uma maior realização da posição medial.

Refletindo sobre o processo de aquisição, entendemos que o caminho de aquisição da estrutura silábica se inicia com a forma mais básica, ou seja, a sílaba padrão (CV), passando posteriormente às estruturas silábicas mais complexas. E, ao tomar por base o fato de que a estrutura interna da palavra é mais resistente, entendemos o porquê de as estruturas silábicas mais complexas se fazerem presentes primeiramente nas margens da palavra.

Depois de adquiridas as estruturas silábicas mais complexas em ambas as posições na palavra, o caminho inverso é feito, ou seja, no processo de uso variável, a tendência é de simplificar as estruturas silábicas complexas, tornando-as mais simples e atingindo novamente o padrão CV. E como as margens da palavra são mais débeis, a perda se inicia por aí, deixando a posição interna mais preservada.

Segundo Mezzomo (LAMPRECHT, 2004), no processo de aquisição, várias estratégias de reparo são utilizadas pelas crianças até o processo se efetivar por completo. No caso do /s/ pós-vocálico, as mais utilizadas são as seguintes:

Tabela 9 – Estratégias de Reparo na Aquisição do /s/ Pós-Vocálico

/s/ Pós-Vocálico em Posição Final	/s/ Pós-Vocálico em Posição Medial
Fricativa alveolar → 60,68% [a'xos] – arroz	Omissão → 49,06% ['kaka] – casca
Palatalização → 14,96% [na'liʃ] – nariz	Fricativa alveolar → 45,63% ['pasta] – pasta
Epêntese* → 10,68% [na'rizi] – nariz	Metátese* → 3,12% [si'kada] – escada
Omissão → 9,40% [fe'li] – feliz	Palatalização → 1,25% [kaʃ'tElu] – castelo
Dessonorização → 2,56% ['lusi] – luz	Dessonorização → 0,94% ['mesmu] – mesmo
Alongamento da vogal* → 1,72% ['te:] – três	-----

* Essas estratégias são específicas das posições em que se encontram: Epêntese e alongamento da posição final e Metátese da posição medial.

Como podemos observar, o comportamento de aquisição da fricativa pós-vocálica medial e final é diferenciado, tanto no tempo de aquisição como nas estratégias de reparo. O quadro acima nos permite uma visualização dessa distinção, corroborando as particularidades do /s/ em posição medial e final, à semelhança do que acontece no processo de variação observado na Seção (1.3), fato que retomaremos na Seção (2.5).

Dando continuidade aos trabalhos de aquisição em L1, passemos aos resultados de Pedrosa (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007) sobre leitura e escrita do /s/ pós-vocálico na primeira fase do Ensino Fundamental.

1.5.2 RESULTADOS DE PEDROSA (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007)

Em sua pesquisa, Pedrosa (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007) observou 12 crianças na primeira fase do Ensino Fundamental da Escola Estadual José Vieira, do município de João Pessoa – Paraíba. O objetivo principal da pesquisa era observar o domínio na leitura e escrita das consoantes pós-vocálicas, principalmente a fricativa coronal, por crianças que já faziam uso dessa consoante oralmente.

Para tanto, os dados foram estratificados extralingüísticamente em relação ao sexo, escolaridade (primeiro ano, segundo e terceiro, e quarto e quinto ano) e tipos de dados de leitura (frases e textos não-verbais).

Foram observadas a realização da consoante pós-vocálica, o seu apagamento e a inserção vocálica após a consoante. E quando da realização, foram analisadas as variantes alveolar, palatal e glotal.

Além dos fatores sociais e estilísticos mencionados, Pedrosa (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007) utilizou 10 grupos de fatores lingüísticos, a saber: **Posição do /s/ pós-vocálico na palavra; Qualidade morfológica; Sonoridade e Lugar de articulação do /s/ pós-vocálico; Contexto Seguinte: modo de articulação/ponto de articulação; Lugar de articulação do contexto precedente; Número de sílabas; Tonicidade e Classe gramatical da palavra.** O resultado estatístico foi obtido através de o Programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005), sendo realizadas quatro análises para abarcar o processo como um todo.

A primeira delas observou a inserção vocálica após a fricativa coronal, em que apenas três casos ocorreram. Todos restritos ao item lexical “mês”, presente nos dados de Leitura de Frases. Os dados foram realizados por duas crianças do sexo masculino do quarto e quinto ano e uma do sexo feminino que pertencia ao quarto ano.

A segunda análise observou a realização e o apagamento do /s/ pós-vocálico. Para essa análise estatística, o fator posição do /s/ pós-vocálico na palavra foi retirado porque não houve apagamento em posição medial, ou seja, dos 233 dados, todos foram realizados. Em relação à posição final, os fatores selecionados como relevantes foram Escolaridade e Tipo de Texto, como pode ser observado na Tabela (10), a seguir.

Tabela 10 – Fatores Condicionadores do Apagamento

Grupo de Fator	Fator Favorecedor	Peso Relativo
Escolaridade	quarto e quinto ano	.78
Tipo de Dado de Leitura	texto não-verbal	.72

A terceira análise confrontou a variante alveolar e a glotal, obtendo o seguinte resultado: 98,5% de alveolar e 1,5% de glotal. Mas, diante dos muitos knockouts, a distribuição dos dados passou a ser 95% de alveolar e 5% de glotal. E apesar de nenhum fator ter sido selecionado como relevante, Pedrosa (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007) destacou que a variante glotal está condicionada ao contexto seguinte /m/ e aos dados de leitura de texto não-verbal.

A quarta e última análise confrontou a variante alveolar e a palatal, obtendo o seguinte resultado: 74,5% ocorrências de alveolar e 25,6% de palatal. Os fatores

selecionados pelo Goldvarb X como relevantes foram: contexto fonológico seguinte e posição da fricativa coronal na palavra, como pode ser observado na Tabela (11), a seguir.

Tabela 11 – Fatores Condicionadores da Palatalização

Grupo de Fator	Fator Favorecedor	Peso Relativo
Contexto Fonológico Seguinte (L.A.)	coronal	.94
	pausa	.66
Contexto Fonológico Seguinte (M.A.)	oclusiva	.56
Posição do /s/ pós-vocálico na palavra	medial	.94

Para uma maior precisão do contexto seguinte, foi realizado o cruzamento de dados entre o lugar e o modo de articulação do Contexto Fonológico Seguinte e entre esses e a Posição do /s/ pós-vocálico na palavra, concluindo que o contexto seguinte mais propício à variante palatal é a oclusiva coronal /t,d/, tanto na posição medial quanto final.

De posse desses resultados, observamos que o domínio da leitura e escrita do /s/ pós-vocálico segue o mesmo caminho da aquisição oral, ou seja, de início, especificamente no primeiro ano, há o domínio das estruturas silábicas mais simples (V, CV), sendo as estruturas mais complexas adquiridas mais tarde, a partir do segundo ano.

Depois de certo domínio das estruturas silábicas mais complexas tanto na leitura quanto na escrita, o processo se torna semelhante ao de uso oral, isto é, os fatores condicionadores são bem semelhantes aos detectados no processo de uso variável,

demonstrando, inclusive, certa influência do processo de variação oral do /s/ pós-vocálico na leitura e escrita.

Descritos os resultados sobre aquisição de L1, detalharemos, então, os resultados de Lucena (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007) sobre aquisição de LE.

1.5.3 RESULTADOS DE LUCENA (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007)

Nesta seção, discorreremos sobre os resultados da pesquisa de Lucena (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007) com dados de aquisição do inglês como língua estrangeira por falantes brasileiros. Os dados aparecem como reforço à distinção de comportamento das consoantes pós-vocálicas na posição medial e final, principalmente porque entra em jogo a adaptação das regras fonotáticas da língua a ser adquirida e a conseqüente adaptação às regras fonotáticas de L1.

Durante o processo de aquisição de LE, várias estratégias de reparo são utilizadas pelos aprendizes, adaptando LE às regras fonotáticas de L1. Lucena (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007) destaca, no caso de falantes brasileiros aprendendo inglês, a ressilabificação: ‘bedroom’ [bed.ru:m] > [be.dru:m], a substituição de segmentos: ‘balcony’ [bæl.kə.ni] > [bew.ko.ni], o apagamento de segmentos: ‘Philip’ [fɪ.lɪp] > [fɪ.li], e a inserção vocálica: ‘fish’ [fɪʃ] > [fi.ʃi], detendo-se à descrição detalhada desta última, que considera o processo mais comum.

Lucena (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007) observa que na língua inglesa, segundo Hammond (1999), a posição pós-vocálica pode ser ocupada por todos os segmentos consonantais, à exceção da fricativa /h/ e que esse fato a distingue bastante da

língua portuguesa, que permite apenas os segmentos /l, N⁸, r, s/, sendo essa a principal motivação de utilização da estratégia de inserção vocálica, efetivando as consoantes pós-vocálicas como *onsets*.

A hipótese de que a posição medial e a final possuem comportamento diferenciado faz com que a pesquisa tenha por objetivo principal detectar empiricamente qual a posição que propicia a inserção de segmentos na aquisição de inglês como LE.

O corpus utilizado por Lucena (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007) consta de 6 informantes, com faixa etária entre 18 e 25 anos, e que cursavam a Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba. Quanto à proficiência, os alunos foram avaliados por um teste de proficiência e pela quantidade de horas a que tinham sido expostos à língua inglesa, sendo estratificados em informantes pouco proficientes (3 alunos) e com proficiência média na língua (3 alunos).

Dois tipos de teste, de níveis de monitoramento diferenciados, foram utilizados: produção oral de palavras baseada em 68 ilustrações e conversa informal com os informantes sobre tópicos de seu interesse, com duração média de 20 minutos.

Além dos fatores nível de proficiência e de monitoramento, os seguintes fatores lingüísticos foram observados: **Posição na palavra; Lugar de articulação da consoante pós-vocálica; Modo de articulação da consoante pós-vocálica; Vozeamento da consoante pós-vocálica; Tonicidade do vocábulo e Extensão do vocábulo.**

Os resultados apontaram 230 casos de inserção e 468 de realização da consoante pós-vocálica e, segundo a análise estatística do Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005), todos os fatores são relevantes para o fenômeno. No entanto,

⁸ Este símbolo se refere à nasal não especificada, que pode se realizar através de [m], [n] ou [ŋ] a depender do contexto fonológico seguinte.

Lucena(PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007) se detém apenas aos quatro mais relevantes que são: posição na palavra, modo de articulação, nível de monitoramento e nível de proficiência, que estão detalhados na Tabela (12), a seguir:

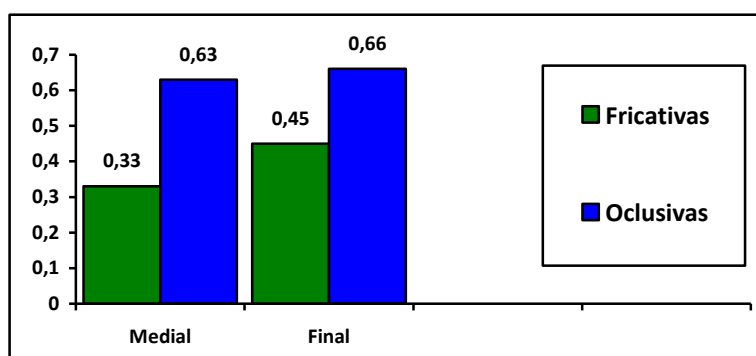
Tabela 12 – Fatores Condicionadores da Inserção de segmento

Grupo de Fator	Favorecedores	Peso Relativo
Posição na Palavra	final	.53
	medial	.38
Modo de Articulação da Consoante Pós-Vocálica	oclusiva	.70
	fricativa	.41
	lateral	.17
	vibrante	.16
Nível de Monitoramento	entrevista	.66
	produção de palavra	.33
Nível de Proficiência	pouca proficiência	.66
	proficiência média	.35

De posse desses resultados, Lucena (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007) corrobora a idéia da aquisição da consoante pós-vocálica em língua estrangeira ter comportamento diferenciado se na posição medial ou final, fato que será usado como argumento para a nossa proposta. E, ainda, o fato de os baixos pesos relativos da lateral e da vibrante estarem relacionados, nesses casos, à preferência do aprendiz por substituir o segmento (/l/ > /w/) ou apagá-lo (/r/ > /ø/).

Para finalizar a análise de seus dados, o autor realiza mais uma rodada, cruzando a posição da consoante pós-vocálica na palavra e o seu modo de articulação. Ressalta que nenhum caso de inserção de segmento ocorreu após a vibrante e a lateral em posição medial e, por isso, essas consoantes foram retiradas dessa rodada, sem maiores prejuízos à análise estatística, conforme ilustra o Gráfico (9) a seguir:

Gráfico 9 - Posição da Consoante Pós-Vocálica na Palavra x Modo de Articulação



Comprova, com esses resultados, o comportamento distinto da fricativa pós-vocálica em relação à posição que ocupa na palavra, já que a posição final (.45) favorece mais a inserção do que a posição medial (.33). Destaca, ainda, que mesmo com consoantes pós-vocálicas licenciadas a ocorrer na posição final em L1, o aprendiz de LE se utiliza da inserção de segmento vocálico.

É importante ressaltar que mesmo o inglês possuindo uma fonotática bastante distinta do português, podemos observar que, devido aos falantes já possuírem o domínio de sua língua, eles buscam facilitar o processo de aquisição de LE, aproximando-a à L1. E esse fato nos é útil para corroborar quais são os segmentos licenciados a ocupar a posição pós-vocálica.

Outro fato bastante interessante é que os processos variáveis também se tornam presentes nessa adaptação, a exemplo do uso de variantes das consoantes pós-vocálicas de L1 (/l/ → [w], /r/ → [ø]) em LE, mesmo quando isso não é observado nessa língua.

Os resultados aqui apresentados, tanto de cunho variacionista quanto de aquisição de L1 e LE, permitem-nos levantar algumas considerações. A primeira delas é que a posição interna à palavra se distingue da posição final, sendo a primeira mais preservadora quanto à consoante pós-vocálica, aqui analisada em termos da fricativa coronal.

Outra consideração se refere ao processo variável do /s/ pós-vocálico. Podemos observar nos resultados descritos que, em tese, os mesmos fatores são considerados relevantes ao processo, dando destaque ao contexto fonológico seguinte e ao precedente, selecionados pelo programa estatístico na maioria dos trabalhos.

Por fim, observamos que, nos trabalhos de aquisição de L1, as formas alveolar, palatal, glotal e zero são utilizadas como estratégias de reparo, sendo o maior índice da fricativa alveolar. Em aquisição de LE, destacamos que as fricativas são ambientes propícios à inserção de segmentos vocálicos, principalmente em posição final de palavra.

2. CAPÍTULO II: FOCALIZANDO A CONSOANTE PÓS-VOCÁLICA

2.1 INTRODUÇÃO

De posse das informações sobre o comportamento variável do /s/ pós-vocálico nas línguas românicas, especificamente no português brasileiro, exposto no decorrer do Capítulo (1), podemos iniciar as discussões sobre as análises fonológicas realizadas para esse segmento.

É importante lembrarmos, fato que discutiremos com mais detalhes no capítulo (3), que as teorias fonológicas tomaram novos rumos a partir dos anos 70 e, com isso, o seu foco de observação também mudou. O segmento, antes considerado como principal elemento de análise, passa a ocupar um papel secundário e a sílaba, que ganha status fonológico a partir dos trabalhos de Kahn (1976) e Hooper (1976), passa a ser vista como lugar de processos fonológicos, inclusive da atribuição do acento.

A Teoria da Sílaba ganha grande impulso através das concepções da Fonologia Prosódica (SELKIRK, 1978; NESPOR, VOGEL, 1986; HAYES, 1989), reforçando a idéia de que a língua se organiza através de domínios prosódicos aos quais alguns fenômenos lingüísticos são sensíveis. Dentre esses domínios prosódicos, encontramos a sílaba, considerada pela maior parte dos teóricos (SELKIRK, 1978; NESPOR, VOGEL, 1986; HAYES, 1989), como a menor categoria prosódica. E, apesar de Nespor e Vogel (1986) não enfatizarem a estrutura interna da sílaba, muitos trabalhos o fizeram (KAHN, 1976; HOOPER, 1976; SELKIRK, 1982).

Com base na estrutura interna da sílaba, o estudo da organização e diferenciação das línguas passa a observar os segmentos em relação à posição que ocupa na sílaba,

estabelecendo, por conseguinte, a tipologia de cada língua. Por isso, ao buscarmos discutir a fricativa coronal pós-vocálica, temos que observar a sua posição dentro da sílaba para entendermos de fato como se processam os fenômenos que afetam esse segmento.

Diante desse fato, daremos início, na Seção (2.2), à observação da estrutura interna da sílaba, levando em consideração, principalmente, os estudos de Selkirk (1982). Poderemos, então, discutir o estabelecimento das tipologias das línguas através dos padrões silábicos, pautando-nos basicamente na proposta de Harris e Gussmann (1998).

Na Seção (2.3), reportaremos aos padrões silábicos defendidos para o português brasileiro, utilizando-nos de trabalhos de Câmara Jr. (2001), Bisol (1999, 2005) e Hora (2006). Em consonância a esses estudos, discutiremos com maior ênfase a posição de coda, já que o /s/ pós-vocálico é tido na literatura como coda (BRESCANCINI, 1996; 2002; CALLOU, MORAES, LEITE, 2002; HORA, 2003; RIBEIRO, 2006).

A Seção (2.4) tem por objetivo analisar as consoantes pós-vocálicas em posição interna e final de palavra, observando, dessa forma, se apresentam mesmo comportamento nos diferentes domínios prosódicos: sílaba (σ) ou palavra fonológica (ω), utilizando, para tanto, os trabalhos de Hora (2003, 2006), Hora, Monaretto (2003) e Ribeiro (2006).

Por fim, a Seção (2.5) traz os argumentos com os quais defendemos a idéia de que a fricativa coronal /s/ pós-vocálica apresenta comportamento diferenciado das demais codas /l,r/ e, por isso, deveria ser relida. Para tanto, buscaremos apoio teórico em Kaye (1992), Harris e Gussmann (1998), Mateus e Dandrade (1998), Ewen e Hulst (2001) e Cardoso e Liakin (2007).

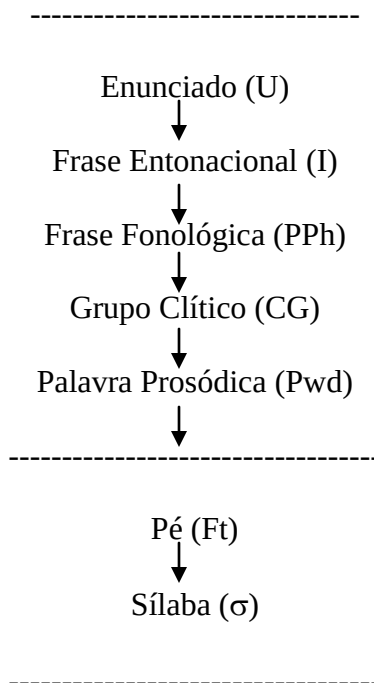
2.2 DESCREVENDO A ESTRUTURA SILÁBICA

Em meio a perspectivas que se detinham no segmento, a sílaba começa a ser percebida por vários estudiosos como unidade fonológica importante para análise. Esse despertar se dá com trabalhos que usavam uma abordagem de fronteira (MCCAWLEY, 1968; ANDERSON, JONES, 1974; CLAYTON, 1976; HOOPER, 1976), uma visão hierárquica da sílaba (FUDGE, 1969; KAHN, 1976) e que defendiam a sílaba como a unidade das restrições fonotáticas (SHIBATINI, 1973; CLAYTON, 1976; HOOPER, 1976).

É a partir do aparecimento da estrutura hierárquica, envolvendo não só a estrutura silábica, mas também domínios prosódicos mais altos, fato destacado pela Fonologia Prosódica (SELKIRK, 1978; NESPOR, VOGEL, 1986; HAYES, 1989), e a desconstrução do segmento em termos de uma hierarquia das camadas de traços, que a proposta do SPE foi substituída por uma visão sobre as representações que favoreceram uma estrutura mais elaborada.

Na fonologia autosegmental, a seqüência de segmentos foi substituída por uma seqüência de pontos, chamados pontos esqueléticos, que formavam os pontos âncoras para os traços ou classes de traços. E, alargando essa perspectiva, Nespor & Vogel (1986) também propõem uma organização hierárquica para as instâncias maiores que o segmento, estabelecendo os domínios de uma língua: sílabas, pés, palavras prosódicas, grupos clíticos, frases fonológicas, frases entonacionais e enunciados. Essa proposta foi corroborada por Hayes (1989), reforçando a idéia de que os domínios de uma língua são independentes e, ao mesmo tempo, relacionados uns aos outros, como demonstra a estrutura em (1):

(1) Hierarquia proposta por Nespor & Vogel (1986) e Hayes (1989)

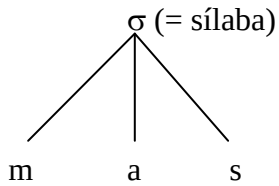


Para Selkirk (1986), a sílaba e o pé deveriam ser tratados como constituintes de uma subteoria separada da relação sintaxe-fonologia, estabelecida quando se trata dos outros domínios. Em sua concepção, processos fonológicos abaixo do nível da palavra, isto é, envolvendo junturas internas à palavra, devem ser estudados pela Teoria Lexical.

Com relação a dar conta da estrutura interna da sílaba, as propostas de Kahn (1976) e de Selkirk (1982) se destacam, muito embora cada uma com sua especificidade.

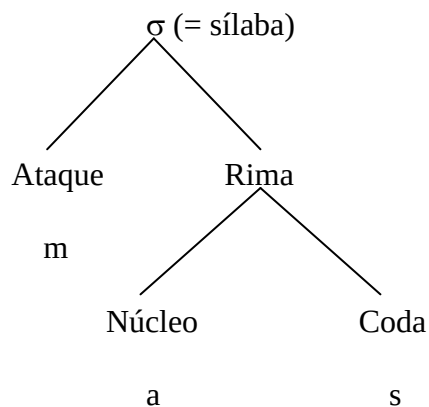
Segundo Kahn (1976), os segmentos são independentes entre si, ligados diretamente ao nó da sílaba, de forma que possuem uma relação hierárquica semelhante em relação ao nó da sílaba, como demonstra a seguinte estrutura:

(2)



Por esse modelo, os segmentos /m/, /a/ e /s/ possuem o mesmo grau de importância para a sílaba, já que estão no mesmo nível hierárquico. A proposta de Selkirk (1982), diferentemente, entende que a sílaba possui uma organização com níveis hierárquicos diferentes entre os seus componentes. Para ela, a estrutura da sílaba é organizada em dois níveis. No primeiro, são encontrados o ataque (ou *onset*) e a rima; e, no segundo, a rima está subdividida em núcleo e coda, como podemos visualizar no esquema a seguir⁹:

(3)



Por essa estrutura, fica explícito que a relação entre o núcleo e a coda é mais intrínseca do que entre o ataque e o núcleo, isso se deve ao fato de estarem em níveis hierárquicos diferenciados. Conseqüentemente, quando os processos fonológicos acontecem, eles se processarão, inicialmente, nos elementos pertencentes ao mesmo nó silábico. Outro fato que se pode depreender é que os segmentos terão comportamento

⁹ Para Câmara Jr. (1970, 2001, p. 53), o ataque corresponde à fase crescente da sílaba e a coda corresponde à decrescente. O núcleo é o ápice da sílaba.

diferenciado a depender da posição que ocupa na sílaba, sendo essa organização que auxiliará no estabelecimento das tipologias das línguas.

Do ponto de vista fonético, cada sílaba tem um pico de sonoridade, isto é, um segmento que é mais proeminente do que os segmentos vizinhos, e, por isso, é o responsável pelo elemento silábico. Segundo Clements (1990), a posição que os constituintes ocupam na sílaba e a relação com seu aspecto sonoro ou audível foi observada por Jespersen (1904) quando propôs a sua escala de sonoridade¹⁰. Por essa proposta, as posições de ataque e coda são consideradas mais débeis em termos de sonoridade do que a posição de núcleo, não necessitando, dessa forma, estarem sempre preenchidas. E o núcleo, por ser considerado o coração da sílaba, apresenta-se, na maioria das vezes, preenchido.

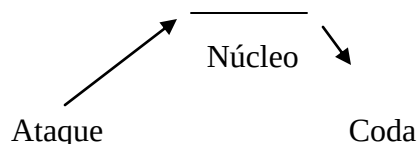
Devido às vogais serem inerentemente mais sonoras do que as consoantes, em muitas línguas, só elas constituem o pico silábico, como é o caso da língua portuguesa. Há, entretanto, línguas, como o inglês, em que os segmentos soantes também podem ocupar essa posição na sílaba, exatamente por estarem no alto da escala de sonoridade.

As consoantes que precedem e seguem as vogais são classificadas em ataque e coda, respectivamente. O ataque, chamado por Camara Jr. (2002) de *active*, é a posição inicial da sílaba e, por isso, a menos sonora, ou seja, ocupada, preferencialmente, pelas consoantes hierarquicamente mais baixas em relação à escala de sonoridade. A coda, por sua vez, é a posição de travamento silábico, sendo na maioria das vezes ocupada por consoantes mais sonoras e, para alguns (SELKIRK, 1982; ITÔ, 1986; BISOL, 1999; CAMARA JR., 2002),

¹⁰ A escala de sonoridade proposta por Jespersen (1904, apud. HOOPER, 1976) estabelece a seguinte hierarquia para os segmentos em uma escala de [-soante] a [+soante]: consoantes oclusivas e fricativas surdas < oclusivas sonoras < fricativas sonoras < nasais e laterais < trills e tape < vogais fechadas < vogais médias < vogais abertas. Em resumo, a escala de sonoridade tem a seguinte configuração: obstruintes < líquidas e nasais < vogais.

pelo glide. Sendo assim, em termos de sonoridade, a representação silábica pode ser expressa da seguinte forma:

(4)



Como pode ser depreendido pela estrutura acima, a distância sonora entre o ataque e o núcleo é maior do que entre o núcleo e a coda, o que indica que o acento é maior do que o declive silábico. Consequentemente, é possível constatar que a menor intensidade do declive reforça a tendência pela sílaba finalizar com segmentos sonoros, ou seja, mesmo tendo uma coda (CVC), que, em princípio, implica travamento ou diminuição de sonoridade, ainda assim, essa coda é um elemento de sonoridade elevada, próximo ao núcleo. Isso seria, então, um reforço a mais pela busca do padrão silábico aberto (CV), que finaliza no elemento mais sonoro, aquele que sustenta a sílaba.

Assim, a partir do reconhecimento dessa estrutura silábica e do fato de ela ser percebida como base para os processos fonológicos e seu estudo, o molde silábico passa a ser tomado como parâmetro de diferenciação entre as línguas, provendo a tipologia lingüística.

Então, para a descrição fonológica das línguas, os segmentos passam a ser observados não só em relação à sua configuração fonético-fonológica, mas passam a ser analisados de acordo com sua posição silábica. E, por isso, é bastante usual dizer que há dois tipos principais de línguas: aquelas que permitem apenas sílabas abertas (CV); e aquelas que toleram tanto sílabas abertas quanto sílabas fechadas (CVC).

Harris e Gussmann (1998), contudo, propõem algo diferenciado. Para eles, seria uma concepção muito simplista classificar as línguas apenas a partir de dois padrões: CV e CVC. Isso porque constataram que há línguas em que a consoante que fecha a sílaba apresenta comportamento diferenciado a depender da posição na palavra, se interna ou final, apresentando um sistema quadriforme:

Nós concluímos nossa comparação das análises da coda e do ataque das consoantes em final de palavras voltando à questão tipológica [...] Notamos como a classificação tradicional de línguas dos tipos 'CV' e 'CVC' é refutada pela distinção quadriforme que surge das escolhas separadas que as gramáticas evidentemente fazem com relação às sílabas internas fechadas e às consoantes finais. (HARRIS, GUSSMANN, 1998, p. 30)

Para os autores (1998), o reconhecimento de o domínio interno (sílabas com rimas ramificadas) e o domínio final (sílabas fracas) serem independentes permite capturar a tipologia VC de forma paramétrica simples.

Um parâmetro controla se ou não uma gramática permite ramificar rimas: OFF evita sílabas fechadas. O outro controla se ou não um núcleo de domínio final é permitido permanecer vazio: se ele é OFF, então toda palavra na língua deve terminar em uma vogal; se é ON, a língua permite consoantes finais.

Em termos gerais as línguas seguiriam os seguintes parâmetros (Adaptado de HARRIS, GUSSMANN, 1998, p. 30.):

1. OFF.OFF → aquelas que não permitem coda: V. CV] – Ex.: Zulu;
2. OFF.ON → aquelas que não permitem coda interna: V. CV(C)] – Ex.: Luo;
3. ON.OFF → aquelas que não permitem coda final: V(C).CV] – Ex.: Italiano;
4. ON.ON → aquelas que permitem codas: V(C).CV(C)] – Ex.: Inglês.

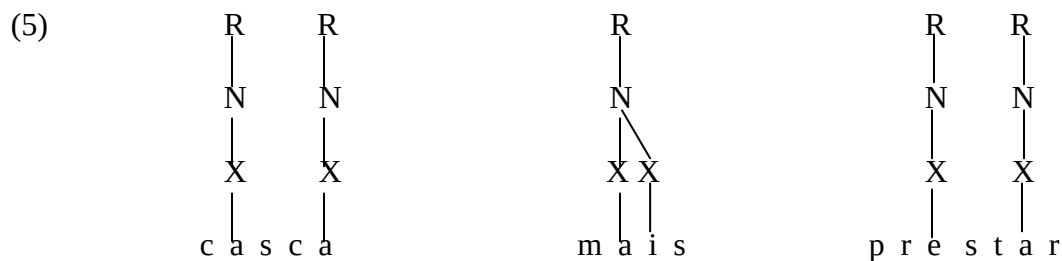
Essa proposta é ratificada nos trabalhos variacionistas e de aquisição da linguagem que tratam da coda silábica, não só em relação ao fato de a coda silábica ser preenchida ou não, mas também pela distinção dos segmentos que preenchem essa posição. Outro fato interessante é observarmos que até mesmo uma única língua pode apresentar codas com comportamentos diferenciados, dependendo de sua posição na palavra, se interna ou final. E, ainda, a possibilidade de apresentar a inserção de uma vogal, transformando a coda em *onset*.

Para melhor discutir as idéias levantadas nesta seção, adentraremos, a seguir, na estrutura silábica do PB, destacando os segmentos que formam seus padrões silábicos.

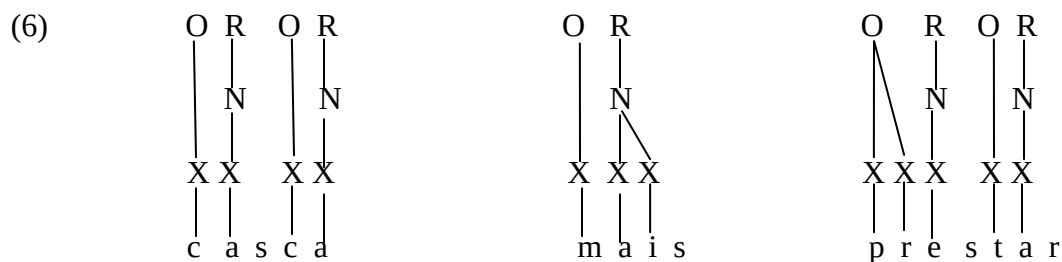
2.3 PADRÕES SILÁBICOS DO PB

Os padrões silábicos de uma língua são propostos a partir da observação da estrutura silábica e dos componentes que os preenchem. Para tanto, é preciso efetuar os passos de silabificação (CLEMENTS, 1990; ITÔ, 1986) às palavras, buscando dividi-la em sílabas, a fim de observar o seu padrão de preenchimento.

Seguindo a proposta de Itô (1986), o primeiro passo, explicitado em (4), é identificar todos os núcleos silábicos de uma palavra, que são os segmentos mais sonoros da escala de sonoridade, em geral, os segmentos [+soa, +sil], como as vogais. Feito isso, é preciso, ainda, associar ao nó de núcleo os outros elementos [-cons] que existem, deixando-os ligados ao núcleo. É importante esclarecermos que essa última associação corresponde à perspectiva que defende que a semivogal está ligada ao núcleo silábico.



O segundo passo se ocupa do estabelecimento do ataque ou *onset*. Aqui serão associados ao nó de *onset* os segmentos [+cons] que precedem imediatamente o núcleo. Fazendo o mesmo a outros segmentos [+cons] que antecedam o segmento [+cons] já associado ao *onset*, no entanto, é preciso obedecer ao princípio de seqüenciamento de sonoridade.¹¹ Isso pode ser observado nas estruturas em (6):

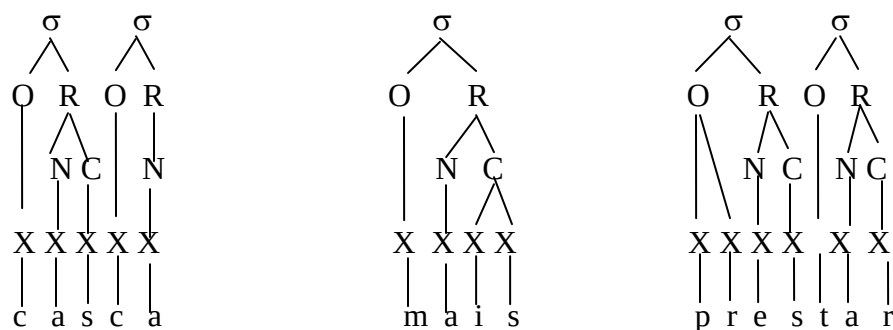


Como vimos em (6), os segmentos ‘s’ internos às palavras ‘casca’ e ‘prestar’ não foram associados ao *onset* porque não obedecem ao princípio de sonoridade, já que as seqüências ‘sc’ e ‘st’ teriam o primeiro elemento mais sonoro do que o segundo, contrariando o movimento de ascendência de sonoridade em relação ao núcleo. Fato que não acontece na seqüência ‘pr’ da palavra ‘prestar’, em que ocorre o padrão desejado para *onset*, o crescimento da sonoridade em direção ao núcleo.

¹¹ O Princípio de seqüenciamento de sonoridade é derivado da escala de sonoridade, já discutida anteriormente. De acordo com esse princípio, a sonoridade cresce em direção ao pico da sílaba, decrescendo em seguida.

Por fim, os segmentos [+cons] que não foram associados a nenhum *onset* serão ligados à rima precedente, através do nó de coda. As propostas que consideram a semivogal como um componente da coda associam aqui os segmentos [-cons], ao invés de associarem ao núcleo.

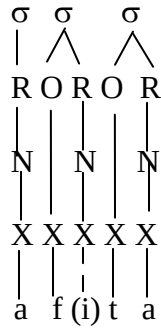
(7)



Em seu trabalho sobre a estrutura silábica do PE, Mateus e Dandrade (1998) seguem esses passos para explicitar a formação da estrutura silábica dessa língua. E destacam, no processo de silabificação do PE, um passo que antecederia a atribuição de codas, que seria a criação de núcleos vazios. Isso se daria porque algumas consoantes que não são aceitas como coda nessa língua ficariam “flutuando”, não sendo associadas a nenhum nó da sílaba. Para os autores, essas consoantes seriam *onsets* de núcleos subjacentes que podem ser preenchidos na superfície durante o processo de silabificação.

Um exemplo para esse caso seria a palavra ‘afta’, que possui um segmento flutuante. Em ‘afta’, o segmento ‘f’ não forma um *onset* complexo, já que não obedece às condições de boa formação de *onset* complexo, nem forma uma coda, pois, segundo os autores, não faz parte do inventário das codas aceitas nessa língua /R/, /L/ e /S/, tornando-se, dessa forma, um segmento flutuante com núcleo subjacente que, quase sempre, é preenchido durante a silabificação dessa palavra.

(8)



No PB, seguindo os passos de silabificação citados anteriormente, podemos chegar ao inventário dos segmentos que podem ocupar cada posição da sílaba. Observamos que, nessa língua, todas as consoantes podem figurar na primeira posição de ataque. É importante salientar que as consoantes palatais /ʃ/ e /j/ têm maior frequência em ataques que ocorrem no interior da palavra. Os exemplos em (9) ilustram os ataques simples do PB:

- (9) /**p**aso/ /**t**aʃa/ /**l**oʒa/ /**s**apo/ /**ʎ**ama/
- /**b**ife/ /**d**ado/ /**x**aro/ /**z**aga/ /**m**iʎo/
- /**k**ana/ /**n**abo/ /**v**azo/ /**ʃ**amo/ /**j**oke/
- /**g**ole/ /**m**aka/ /**f**ava/ /**ʒ**ato/ /**m**iɲa/

A segunda posição do ataque do PB só pode ser preenchida pelas consoantes /r/ e /l/, combinadas com algumas obstruintes para formar os grupos consonantais. Esses *onsets* complexos são bem-formados, já que obedecem ao seqüenciamento de sonoridade da sílaba, ou seja, elemento com menor sonoridade seguido por elemento de maior sonoridade. Alguns encontros, contudo, não são produtivos, como o ‘vr’ e o ‘tl’ em ataques iniciais e o

‘dl’ e o ‘vl’ em ataques iniciais ou internos à palavra. Em (10), destacamos alguns exemplos de ataque complexo:

(10)	/prato/	/plaka/	/bruto/	/bloco/	/kravo/	/klaro/
	/kapri/	/aplike/	/kobre/	/sublime/	/makro/	/deklive/
	/grave/	/globo/	/trato/	-----	/frade/	/flokó/
	/magro/	/sigla/	/setro/	/atlas/	/kofre/	/aflora/
	/droga/	-----	-----	-----		
	/madre/	-----	/livre/	-----		

No caso do núcleo, as vogais são as responsáveis pelo seu preenchimento. Bisol (1989) afirma, no entanto, que os ditongos leves ou falsos¹² são ligados a um único elemento V, ou seja, vogais e semivogais estão ligadas ao núcleo, mas unicamente nesse caso, como atestam os exemplos em (11).

(11)	$\begin{array}{c} \text{N} \\ \wedge \\ \text{/pej}^{\text{f}}\text{e/} \end{array}$	$\begin{array}{c} \text{N} \\ \wedge \\ \text{/kaj}^{\text{f}}\text{a/} \end{array}$	$\begin{array}{c} \text{N} \\ \wedge \\ \text{/kej}^{\text{f}}\text{ɔ/} \end{array}$	$\begin{array}{c} \text{N} \\ \wedge \\ \text{/bej}^{\text{f}}\text{ɔ/} \end{array}$
------	--	--	--	--

É consenso na literatura que a posição de coda no português é ocupada apenas pelas consoantes líquidas /r/ e /l/, pela nasal /N/, que se realiza através do traço de nasalidade na vogal precedente, pela fricativa coronal /s/ e pelas semivogais /j/ e /w/ que formam o ditongo verdadeiro, como comprovamos através dos exemplos em (12).

¹² Para Bisol (1989), ditongos leves ou falsos surgem diante de consoante palatal, podendo apresentar variação com monotongos: [pejʲi] ~ [peʲʲi], e, por isso, são ligados a um único elemento V, ou seja, possuem estrutura CV. Já os ditongos verdadeiros, esses não sofrem variação e são, conseqüentemente, ligados a dois elementos V (CVV), equivalendo, portanto, a uma estrutura travada CVC: [maw], [foj], [kaj].

- (12) le.g**al** – mal.da.de;
 fó.r**um** – can.to;
 la.z**er** – par.te;
 lá.pis – cas.ca;
 he.ró**i** – a.cei.to.

Retomando a proposta de Selkirk (1982), podemos concluir que a coda é a posição mais débil da estrutura silábica, por isso torna-se bastante suscetível à variação em qualquer que seja a sua posição dentro da palavra, acentuando-se ainda mais na posição final.

Os trabalhos sociolingüísticos sobre os dialetos brasileiros têm comprovado esse comportamento variável, demonstrando a presença bastante recorrente de variantes como a semivocalização, o enfraquecimento, a palatalização e o apagamento; distribuídas de maneira não uniforme nas posições interna e final, como atestam os dados de Hora (2006; 2003), Hora e Monaretto (2003) e Ribeiro (2006), cujas variantes encontradas são expostas em (13):

- (13) /l/ ➔ [l] : [w] : [h] : [ø];
 /r/ ➔ [r] : [h] : [w] : [j] : [ø];
 /s/ ➔ [s, z] : [ʃ, ʒ] : [h] : [ø].

Outro processo que merece destaque, apesar de não ser muito recorrente, é a inserção vocálica após a coda, que passa a ser lida como *onset* porque cria uma nova sílaba.

Dessa forma, é possível depreendermos que os padrões silábicos do PB se encaixam na estrutura (C)V(C).(C)V(C)], sendo o ataque e a coda não obrigatórios. É consenso na

literatura sobre a sílaba a menção à tendência universal das línguas por padrão CV, sendo confirmada pelo apagamento das consoantes em posição pós-vocálica e da inserção de vogal após ela, a exemplo da fricativa coronal, como veremos com detalhe na Seção (2.4).

2.4 COMPORTAMENTO DA CONSOANTE PÓS-VOCÁLICA MEDIAL E FINAL

Discutimos, nas seções anteriores, a estrutura da sílaba e os segmentos que podem ocupar cada posição dessa estrutura, assim podemos abordar especificamente, nesta seção, o comportamento variável da consoante pós-vocálica, que nos permitirá melhor descrever as diferenças entre a posição interna e final.

A consoante pós-vocálica do PB, sob a perspectiva variacionista, tem sido objeto de estudo de alguns pesquisadores: Quednau (1993), Tasca (1999), Espiga (2003) e Hora (2006) trataram da lateral /l/; Votre (1978), Callou, Leite, Moraes (1994), Monaretto (1992; 1997), Skeete (1996) e Hora, Monaretto (2003) discutiram o rótico; Brescancini (1996, 2002), Callou, Leite, Moraes (2002), Hora (2003) e Ribeiro (2006) analisaram a fricativa coronal /s/.

Das consoantes que ocupam a posição de coda no PB, a nasal tem sido a menos trabalhada, provavelmente por seu comportamento peculiar. Como já mencionamos na seção anterior, a nasal não se realiza na forma consonantal, mas através do traço de nasalidade atribuído à vogal precedente. Pois, ao assimilar o ponto de articulação da consoante seguinte, a consoante nasal torna-se semelhante a ela, exceto por sua nasalidade, e com o espraçamento dessa nasalidade à vogal precedente, a consoante nasal é efetivamente apagada. Dessa forma, é possível entender a nasalidade decorrente da coda

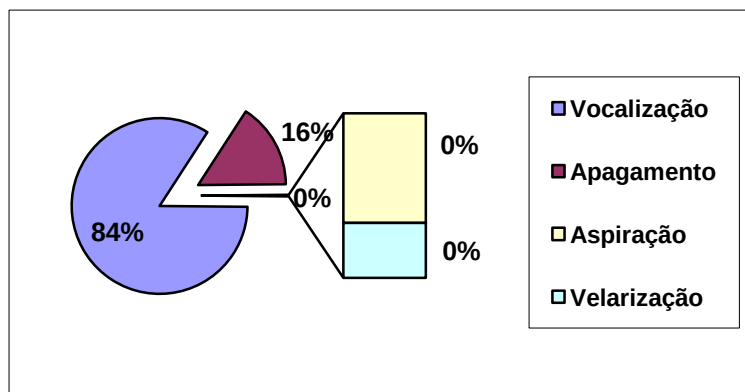
nasal como um fator de distinção fonológica: /kaN'po/ → [kãNpu] → [kã'pu] ≠ /ka'po/ → [ka'pu], e por isso, considerá-la como forma de realização dessa coda.

Os estudos supracitados estão voltados, cada um deles, para um tipo de consoante pós-vocálica, não existindo a preocupação, mesmo porque esse não era o objetivo, de verificar as convergências e as divergências entre elas. Aqui, contudo, é nosso objetivo estabelecer essa comparação. Por esse motivo, utilizaremos como base os resultados de Hora (2003) e Ribeiro (2006), descritos no primeiro capítulo e também nos apoiaremos em uma análise desenvolvida em Hora (2006) sobre o /l/ pós-vocálico e em Hora, Monaretto (2003) sobre o comportamento variável do /r/ pós-vocálico, ambos no dialeto paraibano. Cabe-nos, primeiramente, fazer um breve apanhado do comportamento das consoantes pós-vocalicas /l, r/, ainda não analisadas por nós aqui e estudada nesses dois últimos trabalhos.

Assim como o estudo da fricativa coronal, a lateral e a vibrante são analisadas por Hora (2006) e Hora, Monaretto (2003) com base nos dados do Projeto Variação Lingüística do Estado da Paraíba – VALPB. Como mencionado em 1.4.3, o corpus do VALPB (HORA, PEDROSA, 2001, HORA, 2005) é composto por 60 informantes estratificados de acordo com o sexo, faixa etária e anos de escolarização. A análise estatística foi realizada pelo VARBRUL (PINTZUK, 1989), programa também utilizado nos outros trabalhos variacionistas descritos no primeiro capítulo.

De acordo com Hora (2006), das 3.703 ocorrências da lateral pós-vocálica, a realização mais freqüente é a vocalização [w], com 84%, seguida pelo apagamento [ø] que possui 15,7% dos dados. As variantes aspirada e velar, por sua vez, são pouquíssimo freqüentes, apresentando 0,2% e 0,1%, respectivamente, como demonstrado no Gráfico (10), a seguir:

Gráfico 10 – Comportamento do /l/ pós-vocálico na posição interna e final



Hora (2006) menciona ainda que as variantes não se distribuem igualmente nas posições interna e final da palavra, diagnosticando que a variante aspirada [h] só ocorre em posição interna e a variante [ø] só ocorre em interior de palavra se apresentar /u/, /o/, /ó/ como contexto precedente. Como bem ilustra o Quadro (1) a seguir:

Quadro 1: Distribuição das variantes da lateral /l/ pós-vocálica

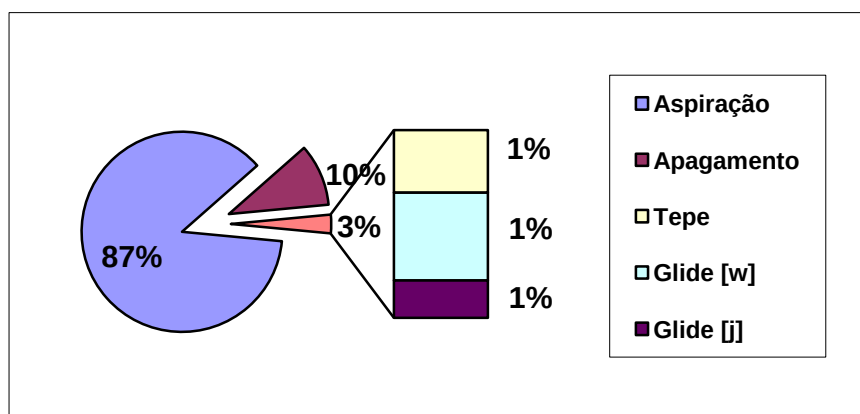
Variantes	Posição	Exemplos
[w]	Interior de palavra Final de palavra	pa[w]co jorna[w]
[ø]	Interior de palavra (precedido por /u/, /o/ ou /ó/) Final de palavra	{ cu[ø]pa to[ø]do pó[ø]vora pape[ø],azu[ø]
[h]	Interior de palavra	pa[h]co fa[h]ta
[ɭ]	Interior de palavra Final de palavra	pa[ɭ]co jorna[ɭ]

A principal conclusão que temos desses dados é que a lateral se apresenta de forma semivocalizada e, quando não, em forma de zero fonético. É importante ressaltar o papel que a posição na palavra representa para essa variável, corroborando, dessa forma, restrições e comportamento diferenciados da lateral pós-vocálica.

Semelhante observação pode ser feita em relação ao estudo de Hora, Monaretto (2003) sobre o rótico. A análise dessa variável é realizada separadamente em relação à sua posição na palavra, exatamente por não haver nem a mesma distribuição de variantes nem a mesma frequência quando estão na posição interna ou final.

Na posição interna, das 4.595 ocorrências registradas pelo pesquisador, as seguintes variantes são observadas: aspirada [h], com 87%; zero fonético [ø], com 10%; tepe [r], com 1%; glide posterior [w], com 1,4%; e glide anterior [j], com 0,6%, como explicita o Gráfico (11), a seguir.

Gráfico 11 – Comportamento do /r/ pós-vocálico em posição interna

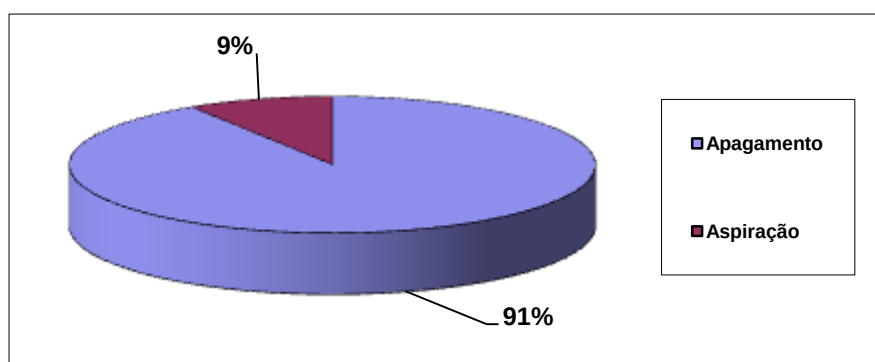


Como mencionado por Hora, Monaretto (2003), as variantes tepe, glide posterior e glide anterior, além de se apresentarem pouco frequentes, são condicionadas por contextos

lingüísticos que as precedem e/ou seguem. E mesmo o apagamento sendo mais freqüente que essas variantes, ele também é condicionado pelo contexto fonológico, estando restrito a uma fricativa seguinte.

A posição final se apresenta, apenas, sob a forma aspirada [h] e apagada [Ø], assim das 11.492 ocorrências, 91% foram para o apagamento e 9% para a aspiração, como ilustra o Gráfico (12).

Gráfico 12 – Comportamento do /r/ pós-vocálico em posição final



De acordo com os dados, podemos depreender que a posição interna e a final têm comportamento inverso em relação às realizações mais freqüentes, aspiração e apagamento, já que na posição interna a aspiração tem maior porcentagem, enquanto que na posição final, o apagamento é o mais freqüente. E que as variantes tepe [r], glide posterior [w] e glide anterior [j] estão restritas à posição interna. O Quadro (2), que segue, detalha a distribuição das variantes de acordo com as posições na palavra.

Quadro 2: Distribuição dos róticos pós-vocálicos

Variantes	Posição	Exemplos
[r]	Interior de palavra	pa[r]do
[h]	Interior de palavra Final de palavra	ca[h]ta ma[h]
[w]	Interior de palavra	ne[w]vosa
[j]	Interior de palavra	po[j]ca
[ø]	Interior de palavra (seguido por fricativa) Final de palavra	ce[ø]veja; ma[ø]cha; ga[ø]fo; go[ø]jeta ma[ø]

Com o conhecimento desses dados, podemos adentrar nas discussões sobre as consoantes pós-vocálicas no PB, que é o objeto de discussão da próxima seção.

2.5 CODA OU ONSET COM NÚCLEO VAZIO?

As descrições apresentadas na seção e no capítulo anterior levam-nos a constatar que existe, de fato, comportamento diferenciado das consoantes pós-vocálicas nas posições interna e final de palavra. Essa constatação leva-nos a resumir, no Quadro (3), o comportamento das consoantes pós-vocálicas no falar paraibano.

Quadro 3 – Representação da consoante pós-vocálica

Posições Tipo de variável	Interna	Final
/s/	[s] [z] >> [ʃ] [ʒ] ca[s]ca >> pa[ʃ]ta	[s] >> [ø] maj[s] >> maj[ø]
/l/	[w] >> [ø] fa[w]ta >> cu[ø]pa	[w] >> [ø] ma[w] >> fina[ø]
/r/	[h] >> [ø] ma[h]co >> fo[ø]ça	[ø] >> [h] ma[ø] >> ma[h]

No Quadro (3), são apresentadas as variantes mais produtivas em cada posição, observada a ordem de dominância entre elas, expressa pelos colchetes angulares duplos.

Podemos observar que, de todas as três consoantes pós-vocálicas, apenas o /l/ apresenta as mesmas variantes com a mesma ordem de dominância. As variantes de /s/ e de /r/ alteram a ordem quando passamos da posição interna para a posição final da palavra.

Acreditamos que as consoantes pós-vocálicas se comportam diferentemente quando preenchem posições diferenciadas na palavra. Para respaldar nossas discussões, buscaremos apoio em Harris e Gussmann (1998) e Ewen e Hulst (2001), que defendem que as sílabas internas e finais à palavra possuem características diferenciadas.

De acordo com o Quadro (3), percebemos que a consoante pós-vocálica em posição interna apresenta comportamento diferenciado, permitindo que a separemos em dois grupos: de um lado, a consoante fricativa; de outro, as líquidas.

A fricativa, pela sua natureza obstruinte e pelo seu caráter consistente de consoante, se considerarmos a escala de força¹³, é sempre mantida, o que não acontece com as líquidas.

Podemos depreender, então, que a variação presente na fricativa envolve seu ponto de articulação. As fricativas coronais alveolares são as mais freqüentes, seguidas das fricativas coronais palatais e, por fim, as fricativas glotais que aconteceram nos itens mesmo ~ me[h]mo e desde ~ de[h]de. Isso nos mostra uma tendência à perda do ponto de articulação, o que, de certa forma, demonstra um enfraquecimento da fricativa coronal nessa posição. Muito embora o fato de serem apenas esses dois itens que favorecem o enfraquecimento nesses dados também nos permita cogitar a possibilidade de difusão lexical, ou seja, como são itens muito freqüentes, a tendência a sofrer enfraquecimento ou apagamento se torna mais efetiva, não acontecendo, contudo, com os demais itens lexicais.

No caso da líquida, pela sua natureza maleável, e também pela sua proximidade às vogais na escala de força, há tendência ao enfraquecimento e também à semivocalização, culminando, a depender do contexto fonológico precedente ou subsequente, em seu apagamento.

O apagamento da líquida vibrante é condicionado pela presença da consoante fricativa em posição subsequente, como em “garfo, curva, curso, várzea, marcha, gorjeta”.

Para a líquida lateral, é a vogal precedente, a exemplo de “culpa, toldo” que desencadeia o apagamento, uma vez que sua semivocalização gera ditongos constituídos de segmentos homorgânicos, que, no caso do Português, são proibidos.

¹³ Segundo Hooper (1976), a escala universal de força pode ser definida da seguinte forma (do mais forte ao mais fraco):

Glides	Líquidas	Nasais	Contínuas Sonoras	Contínuas Surdas /Oclusivas Sonoras	Oclusivas Surdas
1	2	3	4	5	6

Assim, seja a líquida vibrante seja a líquida lateral, é importante observar que a saliência fônica desempenha papel fundamental para o apagamento. Em ambos os casos, quanto maior a saliência entre os segmentos adjacentes, maior será a chance de sua manutenção, quanto menor a saliência, maior a probabilidade de seu apagamento.

Ainda observando o Quadro (3), podemos destacar que, em posição final, há uma tendência de haver apagamento, independente da natureza fonológica da consoante, fricativa ou líquida, o que demonstra a debilidade dessa posição.

No caso da líquida lateral, mesmo constatando uma dominância de uso da semivogal em relação ao apagamento, entendemos que isso reforça a busca pelo não travamento silábico, já que as consoantes laterais, apesar de serem propícias à posição de coda, não o fazem na posição final de palavras. Outra justificativa estaria relacionada ao fato de que alguns estudiosos preferem analisar a semivogal dentro do núcleo, considerando aberta a estrutura silábica a que pertence e mesmo os que a consideram na coda, é possível defender que não há travamento silábico através da sonoridade. Assim, tanto a semivocalização quanto o apagamento convergiriam para o padrão CV.

A líquida vibrante, por sua vez, apresenta-se predominantemente apagada na posição final, ratificando a preferência por estruturas silábicas abertas finais, afinal o uso da fricativa [h] implicaria a presença de uma consoante no final de palavra.

Os resultados da fricativa coronal, à primeira vista, seriam um argumento contrário à nossa hipótese de restrição à consoante em posição final, pois o uso da alveolar domina o apagamento.

Contudo, acreditamos ser esse fato que corrobora a não preferência por consoantes travando a sílaba final de palavras. Isso porque teríamos duas possibilidades de análise da consoante final: uma seria considerá-la como coda que tende a apagar e priorizar sílabas

CV, e a outra seria entendê-la como ataque silábico de núcleo não preenchido foneticamente, e ambas conduziriam ao mesmo resultado: não haver consonante em final de palavra.

Primeiramente, somos levados a pensar com mais cuidado sobre a proposta de analisar as línguas não só por seu molde CVC ou CV, mas também pela posição que as sílabas ocupam na palavra (HARRIS, GUSSMANN, 1998; EWEN, HULST, 2001). E, tomando por base o comportamento diferenciado das consoantes pós-vocálicas internas às palavras ou que ocorrem na posição final, poderíamos concluir que o padrão silábico do PB seria (C)V(C).(C)V], em que a alta frequência de apagamento na posição final de palavras seria um forte indício de que não são permitidas codas finais.

Um olhar mais atento, contudo, leva-nos a outro direcionamento. Se analisarmos mais uma vez o Quadro (3), percebemos que o comportamento diferenciado entre a fricativa coronal e as líquidas é o ponto chave de nossos questionamentos. De fato, como destacamos anteriormente, na posição interna, há dois blocos de consoantes a partir do comportamento diferenciado entre elas: teríamos a fricativa coronal, que se realiza em maior frequência como consoante coronal alveolar ou palatal, e as consoantes líquidas, que se realizam como semivogal ou consoante enfraquecida, características para a posição de coda.

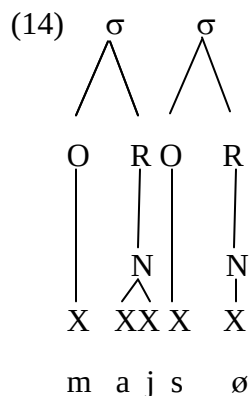
Segundo Harris e Gussmann (1998) e Ewen e Hulst (2001), a posição interna à palavra é bastante resistente a apagamentos ou inserções de segmentos, que podem ocorrer, mas em menor frequência. Já a posição inicial e a final de palavras, por serem o início e o fim de domínio prosódico, são bastante débeis, e em maior probabilidade na posição final. Isso justificaria, portanto, a preferência por sílabas abertas finais, corroborada pela alta

freqüência de apagamento de codas nessa posição, mesmo que essas codas sejam consideradas fonologicamente adequadas, como é o caso das líquidas.

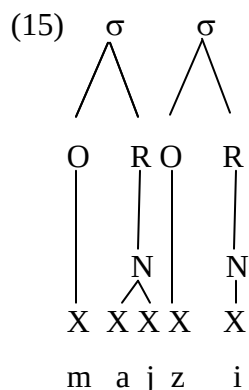
Mais uma vez, a fricativa coronal destoa das demais consoantes que ocupam a posição de coda no PB, já que apresenta uma maior freqüência da variante alveolar ao invés da variante zero. Isso reforçaria a proposta de que a sílaba pode apresentar um ataque com núcleo foneticamente não preenchido, ou seja, teríamos um padrão CV e não CVC.

Segundo Hyman (1985), a sílaba pode ser constituída por unidades de peso ou moras, denominação proposta por Trubetzkoy no Círculo Lingüístico de Praga. Por essa concepção, a consoante de início de sílaba (ataque) não possui uma mora independente, não interferindo, assim, no peso da sílaba. Além do mais, por essa teoria, a duração é uma propriedade independente das outras propriedades do segmento, permitindo, dessa forma, uma reassociação entre os segmentos, como no caso de um apagamento do segmento na sílaba.

Argumentamos, contudo, que as consoantes fricativas, por serem consoantes contínuas, poderiam ter o seu tempo prolongado e, por conseguinte, poderiam formar um ataque de uma sílaba cujo núcleo não é preenchido foneticamente, já que, com o prolongamento da consoante, o tempo silábico seria atendido, podendo o núcleo estar vazio, fato que pode ser observado na estrutura (14) abaixo:



Essa idéia é comprovada pela inserção vocálica após a coda que acontece em algumas realizações dessa fricativa: mai[zi] - mais, doi[zi] - dois, deu[zi] - deus, uma variante presente em nossa realidade lingüística, como explícito na estrutura (15).



A análise de palavras como “afta” e “pneu” realizada para o português europeu por Mateus e Dandrade (1998), explícita na Seção (2.3), já faz alusão à proposta de Harris e Gussmann (1998) e Ewen e Hulst (2001) sobre *onsets* com núcleos foneticamente vazios, que são preenchidos na língua analisada e também no PB, como comprovamos.

A nossa hipótese também é corroborada pela descrição estruturalista de Câmara Jr. (2001). Segundo esse autor, os nomes terminados por consoantes no singular, dentre eles os nomes que possuem o /s/ em ‘coda’ final, corresponderiam a uma forma teórica com um tema de vogal e: *paze, *felize. Na realidade, por essa proposta, as ‘codas’ finais /s/ já seriam relidas como ataques de núcleos vazios ou núcleos teóricos, que seriam efetivamente preenchidos na formação de plural.

As análises de Kaye (1992) sobre as seqüências s+C no interior de palavras e de Cardoso e Liakin (2007) sobre obstruintes em final de palavras também são reforços à idéia de releitura dos segmentos em posição de coda. Para Kaye (1992), as seqüências s+C no

interior de palavras podem ser analisadas de duas formas. Além da proposta mais difundida de que o /s/ é coda e a consoante (C), *onset* da sílaba seguinte, o autor defende que a sequência s+C também pode ser parte de um *onset* complexo, fato comprovado pela duração da vogal precedente ao /s/. Cardoso e Liakin (2007), por sua vez, argumentam que as obstruintes em final de palavra, devido ao processo de aspiração que sofrem, seriam capazes de partilhar o nó do *onset* e do núcleo, sustentando, assim, a sílaba final da palavra.

Por fim, concluímos que o PB é uma língua de padrão (C)V(C).(C)V(C)], com restrições ao tipo de consoante que pode ocupar a posição de coda, aceitando apenas as líquidas e as nasais, que são fonologicamente propícias. A restrição à coda, contudo, pode ser considerada tão expressiva que os dados de fala já demonstram uma tendência ao padrão CV, principalmente quando a posição que a coda ocupa na palavra é bastante débil, como a final. Conseqüentemente, a fricativa coronal não preencherá a coda, principalmente por não obedecer às condições para essa posição no PB, ela será, de fato, analisada como ataque de núcleo foneticamente vazio que pode vir a ser preenchido, como já constatamos, em determinados casos.

3. CAPÍTULO III: BREVE COLÓQUIO SOBRE AS TEORIAS FONOLÓGICAS

3.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, discorreremos brevemente sobre as teorias formais que se propuseram a estudar a fonologia das línguas. Mesmo que algumas delas tenham focalizado outros aspectos, como o morfológico e/ou sintático, não deixaram de lançar um olhar sobre a fonologia, compondo o trajeto evolutivo dos estudos científicos da linguagem.

Antes, porém, é importante lembrar que a curiosidade humana a respeito de fatos que não entende ou controla totalmente sempre existiu. E mesmo quando o estudo da linguagem ainda não tinha se tornado ciência, já era perceptível o interesse do homem por ela, ainda que não tivesse um fim em si mesma.

Naquela época, a busca pela essência humana, através da língua, indicava que compreender a linguagem significava entender quem a possui e a produz. Isso colocava o homem como ser social e pensante, detentor de tradições sociais e culturais, que seriam preservadas através da sua linguagem.

É no século XIX que se dá, efetivamente, o desenrolar dos estudos lingüísticos. Influenciados pela teoria da evolução das espécies defendida por Charles Darwin, os estudiosos da linguagem utilizavam o método comparativo para estabelecer relações entre os sistemas fonéticos, a estrutura gramatical e o vocabulário. Buscavam, dessa forma, as semelhanças entre as línguas, ao ponto de demonstrá-las como “genealogicamente” aparentadas e traçar perfis de evolução lingüística. O mais interessante dessa perspectiva é o fato de que, a partir desses estudos histórico-comparativos, muito se discutiu sobre os sons das línguas, e, boa parte, serviu de base para as correntes teóricas posteriores.

Com o intuito de se descrever as mudanças sonoras, duas concepções eram apontadas: as leis fonéticas e a analogia. As leis fonéticas eram de base descritiva e tinham por objetivo estabelecer o caminho da mudança dos sons de uma língua em estágios do tempo, favorecendo a sua reconstrução interna, como também o caminho evolutivo de uma língua em relação aos dialetos dela derivados. E a analogia servia como alternativa às mudanças que não eram contempladas pelas leis fonéticas, dando conta das exceções. A lei de Grimm, exposta no Quadro (4), extraído de Weedwood (2002, p.116), serve de ilustração para as leis fonéticas:

Quadro 4 - Oclusivas Labiais e Dentais nas Línguas Indo-Européias

Grego	Latim	Gótico	Sânscrito	Eslavo
p	p	F	p	p
b	b	P	B	b
ph	f/b	B	bh	b
t	t	Q	T	t
d	d	T	D	d
th	f/d	D	dh	d

As leis fonéticas propunham que os sons tivessem correspondência entre as línguas, através de processos fonéticos decorrentes da evolução por que passaram. Assim, a exemplo do que está exposto no Quadro (4), o “p” grego corresponderia ao “p” latino, ao “F” gótico, ao “p” no sânscrito e ao “p” no eslavo.

De certa forma, a proposta das leis fonéticas se constitui como o prenúncio das regras que seriam introduzidas mais tarde pelo estruturalismo. Por isso, podemos inferir que a elaboração das leis fonéticas e a formulação das famílias lingüísticas são a primeira tentativa de se estabelecerem regras e representações na lingüística, assunto que discutiremos com mais detalhes na próxima seção.

3.2 REGRAS E REPRESENTAÇÕES DO ESTRUTURALISMO AO GERATIVISMO

No estruturalismo, o estudo da linguagem ganhou uma sistematicidade e um caráter científico que, de certa forma, explicam os objetivos principais dessa teoria. Como o próprio nome já diz, o objetivo maior era provar que a língua era estruturada, por isso passível de estudo.

É sabido que o estruturalismo dividiu-se em duas correntes principais, uma européia e outra americana, que se desenvolviam concomitantemente nos dois continentes com algumas particularidades, mas convergindo para o objetivo mencionado acima.

Saussure, principal representante do estruturalismo europeu, entendia a língua como um sistema ordenado e regular, por isso mesmo, dele seriam apreendidas regras de formação. Estudar essa estrutura subjacente, objeto social, mas resistente aos efeitos desse social, era representar o âmago da linguagem. (cf. SAUSSURE, 1999, p.26-28)

Por outro lado, para ele, o funcionamento real dessa linguagem, a fala, não seria o objeto direto de observação da lingüística, já que não expressaria na essência a linguagem e, sim, seu reflexo na ação social. Assim, quando Saussure propõe considerar o signo lingüístico como representações mentais de som e significado, pretende desenvolver um estudo psíquico. Mas, ao mesmo tempo, ao sugerir que a língua é instrumento e produto da fala, ele mostra a interdependência entre o aspecto abstrato e real da linguagem.

Como todo sistema, a língua possui uma organização que converge para sua funcionalidade e, por isso mesmo, possui elementos que se articulam para formar um todo. A menor partícula ou unidade desse sistema, para Saussure, era o fonema e não o som per

si. O fonema existe enquanto elemento de uma cadeia que produz efeito distinto de sentido, já que a troca do som implica em alteração de sentido.

É a partir daqui que a descrição estrutural de um sistema fonológico não significa só descrever os sons existentes de uma língua, mas mostrar como esses sons se combinam resultando em signos. Portanto, não se deve apenas fazer um mapeamento articulatório do som, como também mostrar a sua funcionalidade dentro do sistema ao descrever os fonemas.

Essa concepção de representação da língua e a forma de obtê-la foram corroboradas pelos estruturalistas americanos, principalmente Franz Boas, Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, sem alterações substanciais. Isso também se deve ao fato de haver muitas línguas indígenas americanas, pouco utilizadas por falantes, que precisavam urgentemente de descrição sob a ameaça de se extinguirem, direcionando a proposta de estudo estruturalista. O foco mais distinto fica a cargo da proposta de Bloomfield, quando buscou reforçar a objetividade científica, excluindo os fatos semânticos das análises lingüísticas. Dessa forma, a representação da língua seguiria uma abordagem behaviorista que descartava os aspectos mentais ou conceituais. (cf. WEEDWOOD, 2002, p. 130-1)

Percebemos que a concepção de Bloomfield vai se chocar com a de Saussure, enquanto foco de observação para o estudo da língua. Como mencionado, Saussure reforçava a viabilidade do estudo lingüístico como sistema abstrato sem interferência do aspecto social. Para ele, a melhor maneira de se representar uma língua é conseguir descrever os processos mentais nela envolvidos, deixando de lado o comportamento lingüístico (fala). Bloomfield, no entanto, destacava a impossibilidade de se estudar objetivamente os processos mentais, enquanto reforçava a viabilidade de um estudo empírico do comportamento lingüístico e, conseqüentemente, a sua cientificidade.

Podemos dizer que dois diferentes caminhos foram traçados a partir das correntes estruturalistas européia e americana. Da primeira, temos como consequência as diversas escolas funcionalistas, das quais se destacam a de Praga (Nikolai Sergeievitch Trubetzkoy e Roman Jakobson) e a de Copenhague (Louis Hjelmslev e John Rupert Firth). E, da segunda, temos a defesa ao estudo mentalista com a criação da Teoria Gerativa (Avram Noam Chomsky). Como a Escola de Praga teve uma importância muito grande nos estudos fonológicos e serviu de referência aos estudos posteriores, é importante nos determos um pouco mais em suas concepções.

Uma das maiores características dessa Escola é combinar estruturalismo e funcionalismo, defendendo que a estrutura da língua é, na maioria das vezes, determinada por suas funções. Com base nessa inter-relação, são firmadas as características específicas do estudo fonético e do fonológico. Ao primeiro, cabe descrever os aspectos concretos dos sons: fisiológico, acústico e auditivo e, ao segundo, o aspecto abstrato, a sua funcionalidade dentro do sistema.

Além desse fato, a unidade mínima de análise fonológica ganha um novo olhar. Como vimos, para Saussure, o fonema era utilizado como base de análise, através dele era obtida a funcionalidade do sistema lingüístico. Já na Escola de Praga, essa unidade de análise é formada pelos traços que compõem o fonema. Trubetzkoy propõe que os traços seriam responsáveis pela distintividade e, por isso, a descrição de uma língua tem por base o seu estudo. Podemos, assim, distinguir o grupo de fonemas /f/, /s/, /ʃ/ do grupo /v/, /z/, /ʒ/ em relação ao traço de sonoridade.

Jakobson foi quem primeiro descreveu o fonema como um feixe de traços binários. Os traços eram de natureza fonológica, de base perceptual (auditiva), diferenciando-se da

análise fonético-articulatória proposta anteriormente. Por isso, é em Jakobson, Fant e Halle (1961; 1972) que está a contribuição para a representação das generalizações presentes nos sistemas sonoros e para o fonema como unidade divisível.

Outra noção ventilada na Escola de Praga é a de marcação, que está estritamente ligada à formulação dos traços distintivos. Retomando o traço de sonoridade mencionado anteriormente, o fonema /z/ seria marcado, enquanto /s/ seria não-marcado. Isso se deve ao fato de que o primeiro fonema possui o traço [+sonoro] que delimita mais o fonema, enquanto o segundo, por não possuir esse traço, torna-se mais provável de ocorrer. Em outras palavras, uma forma não-marcada possui uma maior amplitude de ocorrência, já que possui um significado menos definido, do que a forma marcada (cf. WEEDWOOD, 2002, p.141-2). Essa concepção será retomada e, em alguns casos, reformulada por outras teorias, uma delas é a Teoria da Otimalidade (TO) que nos servirá de base.

A idéia de o fonema ser uma matriz de traços também foi utilizada na Teoria Gerativa. Chomsky e Halle (1968), ao lançarem *The Sound Pattern of English* (SPE), descrevem os sons do inglês com base em traços binários distintivos, que pretendem ser universais e, portanto, capazes de dar conta de todas as línguas. Essa teoria se apresenta como um importante marco para os estudos fonológicos, primeiramente porque reforça a idéia de a regra lingüística ser fundamental para caracterização de qualquer língua, como também pelo fato de trabalhar com a noção de representação, tanto fonológica quanto fonética. Estabelece, dessa forma, relações entre o aspecto abstrato e universal e o concreto e específico, tão discutidos anteriormente no estruturalismo e no funcionalismo.

Para o SPE, a unidade mínima que tem uma realidade psicológica e um valor operacional é o traço, não o feixe de traços, como postulado na Escola de Praga. Em

decorrência desse fato, as matrizes fonológicas não precisam ser totalmente especificadas quando existe um traço redundante. Isso porque a representação fonológica tem o propósito de caracterizar as línguas quanto ao seu inventário lingüístico e, conseqüentemente, propor os parâmetros que as diferenciam; estando, portanto, no nível subjacente, abstrato. As matrizes fonéticas, no entanto, por terem caráter descritivo e concreto, precisam ser plenamente especificadas, detalhando as propriedades acústicas e articulatórias de realização dos sons.

Chomsky e Halle (1968) reforçam, portanto, a descrição processual e propõem um formalismo altamente elaborado e poderoso para tentar traduzir os processos fonológicos. Essas regras passam a ser ordenadas e contêm informações morfossintáticas, aplicando-se ciclicamente segundo tipos de fronteiras morfológicas e sintáticas.

A grande crítica feita a esse modelo está relacionada à falta de economia nas representações dos processos fonológicos. Como cada segmento corresponde a uma matriz de traços, qualquer regra que a ele referir-se implica mexer com toda sua matriz, como pode ser observado em (16).

(16)

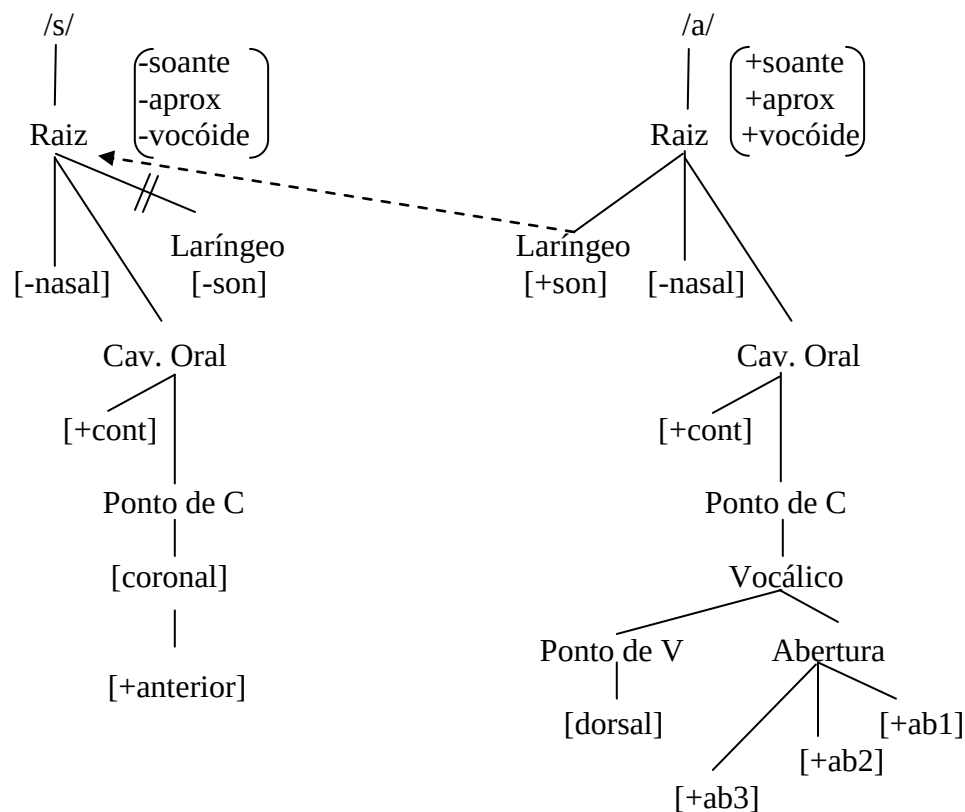
$$\begin{array}{c}
 /s/ \quad \rightarrow \quad /z/ \quad / \quad \begin{array}{c} V \\ \text{---} \\ V \end{array} \\
 \left(\begin{array}{c} -\text{soante} \\ +\text{contínuo} \\ +\text{coronal} \\ +\text{anterior} \\ -\text{sonoro} \\ +\text{estridente} \end{array} \right) \quad \left(\begin{array}{c} -\text{soante} \\ +\text{contínuo} \\ +\text{coronal} \\ +\text{anterior} \\ +\text{sonoro} \\ +\text{estridente} \end{array} \right) \quad / \quad \left(\begin{array}{c} +\text{soante} \\ +\text{contínuo} \\ +\text{sonoro} \end{array} \right) \quad \left(\begin{array}{c} +\text{soante} \\ +\text{contínuo} \\ +\text{sonoro} \end{array} \right)
 \end{array}$$

Assim, com o propósito de tentar suprir essa e outras limitações do SPE, surgem os modelos não-lineares, como a Fonologia Autossegmental, a Métrica, a Prosódica e a

Lexical. A Teoria da Sílabla pode ser considerada um direcionamento voltado para a estrutura silábica advindo da Teoria Métrica e da Prosódica.

A Fonologia Autosegmental busca resolver a limitação do SPE em relação aos traços não terem ordenamento na matriz, como também o fato de cada processo fonológico envolver a matriz como um todo, já que isso deixaria de apontar soluções para processos em que o segmento é apagado, mas algum traço permanece, a exemplo do tom (GOLDSMITH, 1976). O modelo não-linear propõe uma estrutura hierarquizada, com traços autônomos, capazes de efetivar um processo, independente de sua matriz, como explicitado em (16).

(16)



Com a Fonologia Autosegmental e, conseqüentemente, a Geometria dos Traços (CLEMENTS, 1985), as regras que representam os processos fonológicos se formalizam

mais econômicas e eficazes, principalmente, para as línguas tonais. (cf. HINSKENS, HOUT, WETZELS, 1997)

Na Fonologia Métrica, o acento ganha um status especial e, diferente do SPE que o considerava como traço multivalente do segmento vogal, aqui ele é considerado uma propriedade da rima da sílaba (núcleo e coda). Essa mudança reflete diretamente na representação das línguas, que passa a levar em conta noções como a do pé silábico e os domínios da palavra. (cf. HINSKENS, HOUT, WETZELS, 1997)

Domínios maiores que a palavra fonológica, como o grupo clítico, a frase fonológica, a frase entonacional e outros se tornaram objeto de observação da Fonologia Prosódica. Essa teoria trouxe à tona que alguns processos fonológicos, a exemplo do sândi externo, acontecem dentro de domínios que vão além da palavra fonológica e, por isso, esses domínios precisam ser descritos para o estabelecimento das regras e representações das línguas.

Na Fonologia Linear, representada aqui pelo SPE, a distinção entre as regras fonológicas e as morfo-fonológicas é abandonada, diferente da Fonologia Lexical, em que essa dicotomia é retomada e reformulada, já que distingue duas classes diferentes de regras: as lexicais, que interagem com a morfologia, e as pós-lexicais, que são insensíveis à estrutura interna da palavra. Um exemplo para a distinção entre essas regras é o processo de silabificação e ressilabificação, em que o primeiro seria resultado de uma regra lexical, enquanto que o segundo, de uma pós-lexical, como explícito no exemplo em (17).

(17)

Componente Lexical → #m e n o s# #a l e g r e#

CV.CVC V.CV.CCV

Componente Pós-Lexical → m e n o s a l e g r e → m e n o z a l e g r e

CV.CV.CV.CV.CCV

A Fonologia da Sílabas, bastante relevante para o nosso trabalho e por isso detalhada no capítulo II, encerra esse quadro comparativo entre as fonologias lineares e não-lineares. Como a sílaba não era reconhecida como uma unidade descritiva necessária no SPE, os trabalhos de Vennemann (1972), Hooper (1976) e Kahn (1976) vêm modificar essa concepção. Para eles, o conceito de sílaba é imprescindível para a teoria fonológica e é a partir dele e da estrutura da sílaba que é possível estabelecer generalizações fonológicas sobre as línguas. Esse fato se torna evidenciado, inclusive, na perspectiva da TO, já que muito das restrições tomam por base a estrutura da sílaba e a sua caracterização nas línguas para o estabelecimento de hierarquias diferenciadas relacionadas a línguas distintas.

Por fim, entendemos que coube ao Estruturalismo dar o caráter de cientificidade de que os estudos fonológicos necessitavam; já ao funcionalismo e ao gerativismo padrão coube formalizarem de maneira mais substancial as representações e as regras para descrever e analisar as línguas e, à fonologia não-linear, acrescentar aspectos não observados anteriormente a fim de sanar lacunas deixadas pela perspectiva linear.

De posse das mudanças teóricas decorrentes da passagem da perspectiva linear para a não-linear, e do percurso por que as regras e representações passaram, podemos adentrar,

na próxima seção, no cerne da distinção entre as propostas derivacionais e não-derivacionais.

3.3 DERIVAÇÃO VS NÃO-DERIVAÇÃO: SURGIMENTO DA TEORIA DA OTIMALIDADE

Não podemos negar que uma grande mudança foi observada quando da passagem da perspectiva linear para não-linear, mas, indubitavelmente, foi no início dos anos 80, com a substituição da idéia de regras por restrições, que temos o anúncio da ruptura de concepções teóricas que vêm se efetivar com a Teoria da Otimalidade (TO).

A primeira concepção a não lidar mais com regras é a Teoria Princípios e Parâmetros (P&P), evolução do Gerativismo Padrão, que tem por principal objetivo definir que a gramática de uma língua é construída com base em um núcleo central de propriedades universais fixas, ou seja, os princípios, e em uma especificação de um número limitado de escolhas universais binárias, que seriam os parâmetros. (cf. KAGER, 1999) E apesar de a Teoria P&P focalizar seus estudos no aspecto sintático, é impossível falar das teorias não-derivacionais e não tratar dessa perspectiva, mesmo que nosso objeto de estudo seja um fenômeno fonológico.

A idéia de uma Gramática Universal, partilhada por todas as línguas, e dos parâmetros que especificam cada uma, diferenciando-as é, de certa forma, um prenúncio do que veríamos depois na TO, em relação à universalidade das restrições e à especificidade do ordenamento dessas restrições para cada gramática. É importante ressaltar que os parâmetros, apesar de serem universais, se configuram em termo de preenchimento ou não,

porque fazem parte de um sistema binário, já as restrições, que também são universais, estão sempre presentes, alternando apenas seu ordenamento.

Contudo, é a Teoria da Otimalidade (PRINCE e SMOLENSKY, 1993; MCCARTHY e PRINCE, 1993) que se apresenta efetivamente como um arcabouço teórico inovador. Sem a utilização de regras que vão transformando um input em output, ou seja, sem a relação de um (input) para um (output), a noção de derivação é completamente abandonada. Enfim, a idéia de um output ser o resultado de interações de regras é substituída por uma estrutura não-derivacional, em que um input tem várias representações de output, sendo a avaliação feita a esses candidatos, através de um conjunto de restrições, que selecionará o output ótimo.

Assim, em termos comparativos, na Teoria Gerativa Padrão, um processo seria representado da seguinte forma:

(18) Regra de Palatalização do /s/ e /z/

$$s/z \rightarrow \text{ʃ/ʒ} / \text{V_t/d}$$

Por essa regra, o input /s/ e /z/, no contexto que precede o /t/ e /d/, resulta em [ʃ] e [ʒ] respectivamente, gerando itens como de[ʃ]te e de[ʒ]de. Na TO, esse processo se apresenta de forma distinta, pois várias projeções são geradas para o input /deste/ e /desde/, que seriam os outputs, e essas projeções são avaliadas tomando por base as interações das restrições. Assim, o melhor candidato, que no caso seria de[ʃ]te e de[ʒ]de respectivamente, é selecionado como o output ótimo. Aqui os princípios de paralelismo e inclusividade são observados, já que todos os outputs são avaliados ao mesmo tempo, em um mesmo nível, sem priorizar qualquer candidato que seja.

A mudança de uma estrutura para outra não só diz respeito às questões de representação teórica, mas também mexe no âmago do foco de análise. A TO se apresenta como uma perspectiva de caráter mais lexical, já que os elementos principais da representação, o gerador e o avaliador, que serão detalhados a seguir, trabalham em cima de itens lexicais.

Portanto, essa teoria trabalha com a idéia de que a língua é um sistema de forças conflitantes, que são expressas através de restrições que fazem exigência sobre algum aspecto da forma dos *outputs* gramaticais. E a representação lingüística é caracterizada como um conjunto universal de restrições hierarquicamente dispostas que vão dar conta da relação entre o *input* e o *output* em cada língua. Mais especificamente, a arquitetura gramatical é simples e se expressa através de três componentes:

- ⇒ O Gerador (GEN) que cria um número infinito de *outputs* para cada *input*;
- ⇒ O Conjunto de Restrições (CON) que é universal e não apresenta ranqueamento;
- ⇒ O Avaliador (EVAL) que tem por função identificar o *output* ótimo, observando para isso a hierarquia das restrições.

Em outras palavras, a gramática consiste de um conjunto de restrições de boa-formação, que são violáveis e aplicam-se simultaneamente a representações de estruturas. Além disso, essas restrições são potencialmente conflitantes e seu conjunto é compartilhado por todas as línguas, formando parte da Gramática Universal.

Assim, as línguas diferem não em inventário de restrições, mas no seu ordenamento, por isso, cada língua classifica as restrições universais de maneira diferente e as que ocupam a posição mais alta na hierarquia têm domínio total sobre aquelas que ocupam posição mais baixa. A avaliação aos *outputs* possíveis para cada forma subjacente é feita

por meio desses ranqueamentos de restrições e aquele que melhor satisfizer as restrições é considerado o candidato ótimo e, conseqüentemente, será a forma realizada.

Na TO, as restrições estão relacionadas aos princípios da universalidade (as restrições são universais)¹⁴; da violabilidade (as restrições são violáveis) e da hierarquização (as restrições são classificadas com base em língua específica e a violação é definida com base na hierarquia própria de cada língua). E se dividem em dois tipos: marcação e fidelidade. As restrições de marcação estariam relacionadas ao nível de abrangência entre as línguas, já que uma restrição não-marcada é aquela que tende a ser comum a todas as línguas, além de estar relacionada a questões de maior perceptibilidade, prioridade na aquisição etc. Então, quanto maior o nível de universalidade, menos marcada é a restrição. As restrições de fidelidade, por sua vez, lidam com a relação *input-output*. Elas exigem que o *output* possua as mesmas propriedades do *input*, ou seja, a fidelidade é um requisito geral para as formas lingüísticas serem realizadas o mais próximo possível de suas formas lexicais básicas.

Como mencionado ao longo deste capítulo, a noção de marcação sempre foi ventilada na teoria lingüística mesmo que apresentasse nuances que particularizasse cada concepção. Diferente da fonologia gerativa, em que a marcação é tomada em seu aspecto universal, na TO, a marcação ganha um status comparativo, que está atrelado à idéia da universalidade.

A relação da marcação e da universalidade lingüística é construída sob duas suposições: os elementos lingüísticos não-marcados não são mal formados por si sós, mas em comparação a outros elementos lingüísticos (conceito relativo), e a marcação ou não-

¹⁴ Em princípio, para a TO as restrições são universais, mas também permite restrições que são específicas à língua.

marcação não é uma escolha formal arbitrária, mas enraizadas nos sistemas articulatorio e perceptual. (cf. KAGER, 1999)

Como pode ser depreendido, a TO se apresenta como arcabouço teórico mais econômico do que as teorias que a antecederam, ao evitar descrições complexas de sistemas lingüísticos diferenciados. Isso se deve principalmente por acreditar que existe uma gramática universal regida por restrições que podem ser violadas para gerar as gramáticas particulares, o que atribui um caráter mais flexível à análise lingüística.

Além do mais, essa teoria permite analisar uma língua sem perder de vista a sua relação com outras línguas, ou seja, a relação entre o universal e o particular está sempre no cerne da análise.

Uma limitação, contudo, dessa teoria estaria centrada na dificuldade em lidar com a variação intradialetal, já que sua versão clássica, por ter base gerativa, não aceita a idéia de variação. E, apesar de algumas perspectivas posteriores à teoria clássica (Gramáticas em Conflito, Não-ranqueamento Crucial e Estocástica) buscarem alternativas para lidar com esse problema, ainda não se conseguiu determinar, por exemplo, o papel do social na variação, que é observado na TO estocástica, mas ainda é analisado à parte na descrição lingüística. Por isso, discutiremos esse fato com mais detalhe na Seção (3.4), a seguir.

3.4 LUGAR DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NAS TEORIAS FONOLÓGICAS

Antes de propormos as discussões nesta seção, cabe-nos esclarecer que retomaremos o percurso teórico traçado anteriormente nas Seções (3.2) e (3.3).

Ressaltamos, no entanto, que o nosso objetivo nesta parte é outro, já que trataremos especificamente sobre como a concepção de variação lingüística foi vista por essas teorias.

Iniciando com os estudos comparativistas, observamos que, ao tratarem de fenômenos como a evolução e diferenciação entre o léxico e os sons das línguas, eles trazem à tona a idéia da mudança lingüística. Mesmo não estabelecendo ainda a relação entre variação e mudança, essa proposta pode ser considerada a primeira preocupação com o sistema lingüístico como algo dinâmico.

Também cientes de que a mudança fonética existia e era perceptível, os neogramáticos buscaram traçar a mecanicidade e a regularidade que, para eles, lhe eram inerentes e como as exceções representavam um contra-argumento a isso, resolviam-na através da analogia, como já mencionamos na introdução deste capítulo. A primeira associação entre a mudança e fatos extralingüísticos é feita pelos neogramáticos, quando insistiam na motivação psicológica do falante para a mudança sonora. Outra consideração que merece destaque é ventilada por Herman Paul, ao chamar atenção para importância das relações sociais na evolução da língua, relacionando a evolução lingüística à da sociedade (cf. HORA, 1997, p.161).

No Estruturalismo, quando Saussure divide os estudos lingüísticos em sincrônicos e diacrônicos, a mudança fica a cargo da análise diacrônica, única que podia captá-la, já que os momentos sincrônicos eram estáticos e homogêneos. Diante do caráter científico adquirido nessa Escola, os estudos sobre mudança ganham impulso, tornando-se, ao lado das descrições de várias línguas, o objetivo de então. Vale ressaltar que a idéia de homogeneidade e heterogeneidade também é destacada por Saussure, através de outra dicotomia: *langue* e *parole*. Ele concebia a língua como objeto social e a fala como

individual. Na realidade, o social atribuído à língua deve ser tomado como sinônimo de partilhado, já que era um sistema abstrato, homogêneo e impossível de ser modificado por seus usuários, os falantes. Mas, ao mesmo tempo, quando menciona a fala como individual e passível de influência de fatores outros que não os lingüísticos, reforça, mesmo que indiretamente, a ligação entre heterogeneidade e elementos extralingüísticos, mais tarde retomada e melhor trabalhada pela Sociolingüística.

A idéia de fatores psicológicos e individuais interferindo na linguagem e modificando-a também é observada no Gerativismo. Aqui esse aspecto dinâmico de uso seria o desempenho do falante-ouvinte e, da mesma forma do Estruturalismo, não é o objeto de estudo dessa Teoria. Chomsky defende que o objeto de estudo das teorias formais deve ser a competência desse falante-ouvinte, ou seja, a língua em seu estado de estruturação. A proposta é, então, de não estudar a língua produzida/ouvida, mas como ela é gerada na subjacência. Conseqüentemente, as pesquisas sobre mudança lingüística deixam de ser o foco de observação.

Dois pontos podem ser destacados até aqui: o despertar para a mudança lingüística e a sua relação com fatores externos à gramática, sejam eles psicológicos, funcionais ou sociais.

Uma teoria que vise ao estudo lingüístico e à sua relação com o social só será observada a partir da proposta discutida por Herzog, Labov e Weinreich (1968), que questionam, dentre outros fatos, a relação direta entre mudança e assystematicidade. Os sociolingüistas inovam ao propor que a mudança lingüística seja resultado de estágios de variação. E esses estágios heterogêneos são sistemáticos e organizados, conseqüentemente, passíveis de observação e estudo.

A Sociolinguística ou Teoria da Variação se esboça como o primeiro método quantitativo de controle de variantes, já que observa, através de controle estatístico, a relação que a variação possui com fatores externos à gramática, como os sociais e os estilísticos¹⁵.

Ao estabelecer que a variação é determinada por fatores lingüísticos e extralingüísticos, a Sociolinguística comprova que não existe variação livre, propondo o trabalho com regra categórica vs variável em oposição ao uso de regra categórica vs opcional de Chomsky, que remete à variação livre. E por essas regras variáveis exigirem mais detalhes, são chamadas de regras explanatórias.

Quando defende a relação entre a variação e fatores gramaticais, a Sociolinguística faz alusão ao fato de que a variação não é resultado da fala, como propunha Saussure, nem do desempenho, como defendia Chomsky, mas faz parte da subjacência. Esse será o âmago dessa teoria e o elemento de embate com as teorias formais, que não se vêm na função de estudar a variação por não considerá-la como parte da subjacência.

As teorias fonológicas que despontaram depois do gerativismo reforçam a convicção gerativista de que a variação, principalmente por estar condicionada por fatores extragramaticais, não é escopo da fonologia porque resulta de processos fonéticos.

Se antes a preocupação dos variacionistas residia em comprovar que variação existe e é sistemática e, conseqüentemente, poderia ser estudada, com a consolidação das teorias derivacionais, a discussão se volta para o lugar da variação lingüística.

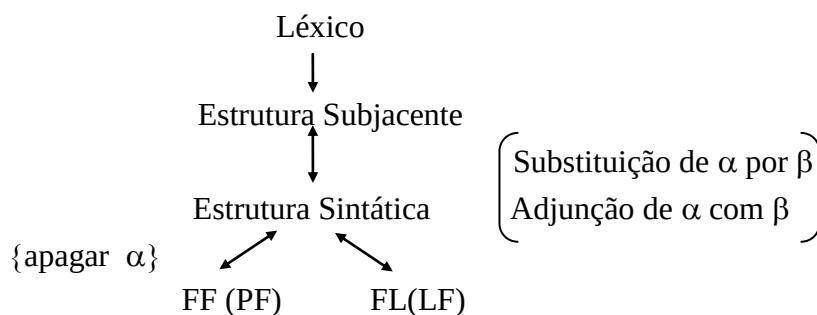
A Fonologia Lexical pode ser utilizada como exemplo desse embate, já que essa Teoria esboça uma representação do sistema lingüístico e busca dar conta dos processos aí

¹⁵ Outra perspectiva que também observou as diferenças dialetais foi a Dialectologia, mas, diferente da Sociolinguística, buscava as variedades consideradas mais “puras”, para assim delimitar geograficamente as formas vernáculas mais antigas e tradicionais.

existentes, através de regras que ocorrem no léxico e no pós-léxico. Assim, o léxico de uma língua se organizaria em níveis ou estratos, onde se aplicam as regras morfológicas e fonológicas e a ordenação desses níveis expressa a ordenação dos processos de formação lexical. O pós-léxico, então, seria o lugar das regras que mudam estruturas e criam alofones. Isso nos leva à conclusão de que os processos que não sofrem restrições da formação lexical, considerados processos variáveis, têm seu lugar no pós-léxico. Por isso, com o léxico formado, a variação em nível sonoro é considerada apenas fonética e não fonológica.

A Teoria P&P também pode ser retomada, já que atribui um lugar à variação: o componente fonético. No modelo de representação do sistema lingüístico, a variação seria interpretada na Forma Fonológica (PF - Phonological Form), ou seja, estaria no componente interpretativo e não no gerativo, como explicita o esquema em (19).

(19) Adaptado de Brown (1996)



Esses dois modelos se assemelham não só no lugar destinado à variação, mas também de conseguirem, devido à representação que propõem para a gramática, lidar com questões universais e particulares das línguas. Como afirma o próprio Chomsky (1997, p. 56),

...podemos comparar o estado inicial da faculdade de linguagem com uma fiação conectada a uma caixa de interruptores; a fiação são os princípios da linguagem, e os interruptores são as opções a serem determinadas pela experiência. Quando os interruptores estão posicionados de um modo, temos o banto; quando estão posicionados de outro modo, temos o japonês. Cada uma das línguas humanas possíveis é identificada como uma colocação particular das tomadas – uma fixação de parâmetros, em terminologia técnica. Se o programa de pesquisa der certo, deveríamos poder literalmente deduzir o banto de uma escolha dos posicionamentos, o japonês de outra e assim por diante em todas as línguas que os seres humanos podem adquirir. As condições empíricas em que se dá a aquisição de língua requerem que os interruptores sejam posicionados com base na informação muito limitada que está disponível para a criança. Notem que pequenas mudanças em posicionamento de interruptores podem conduzir à grande variedade aparente em termos de *output*, pela proliferação dos efeitos pelo sistema. Estas são as propriedades gerais da linguagem que qualquer teoria genuína precisa captar de algum modo.

De certa forma, a idéia dos estudos histórico-comparativos, ao analisarem o léxico e os sons das línguas em busca de uma proto-língua, é reformulada por essas teorias gerativas, quando se preocupam com os universais lingüísticos. E, mais uma vez, mesmo depois de um século de estudos lingüísticos, a variação entre as línguas é confirmada como objeto das teorias formais, mas a variação intradialetal continua sendo deixada à margem dessas perspectivas.

Na Teoria da Otimalidade, isso não é diferente. Ciente de que o objetivo principal da teoria lingüística é dar conta dos princípios gramaticais que são comuns a todas as línguas, princípios esses baseados em dois domínios: tipologia e aquisição; a TO sai em busca de demonstrá-los, utilizando, para tanto, a relação de conflito entre as restrições de marcação e fidelidade. (cf. KAGER, 1999)

A importância da fidelidade é reforçada pelo fato de que expressa o contraste de sentido, mostrando que a língua precisa do mínimo de contraste formal, ou seja, a fidelidade é a pressão para a invariabilidade dos itens lexicais. E um quadro de invariabilidade dos itens lexicais é entendido como outra prioridade da comunicação

lingüística: deverá haver relação de um-para-um entre os itens lexicais, os átomos de sentido e os quadros que os codificam.

Para a TO, as alternâncias fonológicas são, portanto, resultado da interação das restrições que se organizam de diferentes possibilidades nas gramáticas de diferentes línguas. A variação dialetal, contudo, é expressa em termos de reclassificação das restrições. De certa forma, a variação dialetal é tratada como uma extensão da variação entre línguas, indicando uma gramática para cada quadro variável.

Segundo Reynolds (1994), a TO tem uma arquitetura que propicia uma melhor explicação da existência da variação do que qualquer outra proposta fonológica, que possibilita uma boa descrição do fenômeno da variação, mas não trata dos objetivos ou das intenções do falante. Como a TO defende que alguns resultados são mais harmônicos do que outros na relação *input/output*, isso possibilita entender o desempenho lingüístico como a realização de uma forma ótima de falar.

Apesar de a proposta clássica indicar que uma gramática simples pode facilmente incluir formas variantes, que estão correlacionadas diretamente ao ranqueamento das restrições dessa gramática, a nosso ver, a maioria das propostas da TO tem procurado ver a variação de maneira muito complexa, pressupondo a existência de mais de uma gramática competindo para cada exemplo de variação, ou a não classificação de algumas restrições entre si, abrindo espaço para a idéia de que a variação é um caso de opcionalidade aleatória em um sistema estático, ou ainda, entendendo a variação temporal como estágios históricos sucessivos do sistema lingüístico, bem semelhante à análise diacrônica proposta por Saussure (somatório de vários estágios sincrônicos estáticos). (cf. HINSKENS, HOUT, WETZELS, 1997)

A primeira proposta, dentro da concepção geral da TO, como tentativa de dar conta da variação dialetal foi formulada por Kiparsky (1993) sob a denominação de ‘Gramáticas em Competição’. Essa proposta, como o nome já indica, pressupõe hierarquias separadas para dar conta de cada aplicação do fenômeno. Além de pouco econômica, já que cada variante implica em uma gramática, não prediz a possibilidade de ocorrência de cada variante, o que retoma, de certa forma, a noção de variação livre.

Assim, para realizar uma análise da variação do /s/ pós-vocálico no dialeto pessoense, por exemplo, teríamos que estabelecer um ordenamento diferenciado de restrições para cada variante [s/z, ʃ/ʒ, h, ø], o que, para essa teoria, significa haver gramáticas distintas nesse dialeto. A nosso ver, isso seria bastante complexo no processo de aquisição e de uso, já que cada processo variável em um dialeto teria um conjunto de ordenamento de restrições.

Outra proposta é a de não-ranqueamento crucial, que defende que algumas restrições são deixadas sem classificação em relação às demais, permitindo duas ou mais hierarquias para um conjunto de restrições. Essa proposta é expressa na versão de ‘Restrições Flutuantes’, de Reynolds (1994), ou na de ‘Ranqueamento Parcial’, de Antilla (1997) e Antilla e Cho (1998).

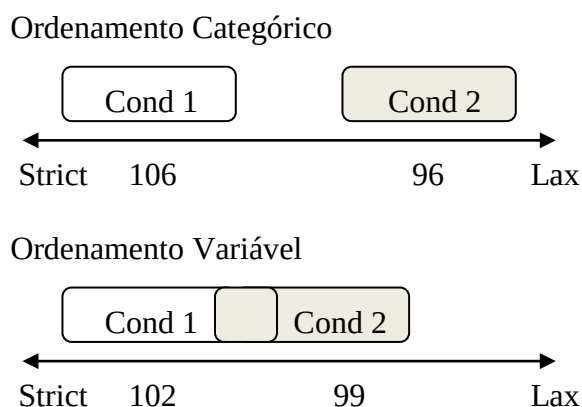
Em Restrições Flutuantes, Reynolds (1994) propõe que uma ou mais restrições pode flutuar em relação à outra restrição ou a um grupo de restrições. Aqui há a intenção de controlar a probabilidade de ocorrência de cada variante, descartando a idéia de variação livre, como é entendido na TO padrão. O cálculo é relativamente simples: a probabilidade de ocorrência de cada variante é o resultado do número de ranques em que cada variante é selecionado, dividido pelo total de ranques gerados pela variabilidade de restrições

ranqueadas (cf. REYNOLDS, 1994). O problema dessa perspectiva é o fato de ser muito permissiva nas possibilidades de ranqueamento permitidas dentro da gramática (CARDOSO, 2003).

A proposta de ‘Ranqueamento Parcial’ (ANTILLA, 1997; ANTILLA e CHO, 1998) é vista como um subgrupo da proposta de Reynolds (1994), já que os ranques parciais envolvem apenas restrições únicas, não lidando com parcialidade em termos de grupos de restrições. Apesar de ser um modelo menos permissivo em relação ao número de ranqueamentos, encoraja uma proliferação de restrições para dar conta dos processos variáveis. Um ponto falho comum a essas duas perspectivas é o fato de predizerem que as frequências devem ser em frações, o que não se efetiva em todos os casos de variação (cf. CARDOSO, 2003, 2007).

A proposta da TO Estocástica (BOERSMA, 1998; BOERSMA e HAYES, 2001) se apresenta com um sistema matemático mais aprimorado para tratar os processos variáveis. Analisa a probabilidade de re-ranqueamento, ou seja, variação, através da distância entre as restrições na escala “estrita” e pela avaliação da quantidade de ruído adicionado aos valores estritos, como mostrado em (20).

(20) Extraído de Cardoso e Liakin (2007, p. 68)



Portanto, lida não só com a relação entre as restrições no processo variável, como também com a probabilidade de ocorrência das variantes na gramática. Aqui as restrições são bem mais funcionais. Um ponto negativo dessa proposta é o fato de que variantes condicionadas extralingüisticamente, como estilo ou nível de proficiência, são entendidas como fazendo parte de gramáticas distintas.

Na aquisição do /s/ pós-vocálico, pela proposta da TO Estocástica, as estratégias de reparo determinadas pelo nível de proficiência apresentariam ordenamento de restrições distinto, não havendo proximidade entre as restrições. Retomando os dados de Lucena (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007), sobre a aquisição de LE, percebemos que a utilização da epêntese como estratégia de reparo é bastante condicionada pelo nível de proficiência dos alunos. Isso significa que cada proficiência (pouca ou média) apresentará um ordenamento de restrições, e, por isso, cada proficiência implica uma gramática.

Passemos, por fim, a proposta de Modelo de Ranqueamento Ordenado do Avaliador (ROE), formulada por Coetzee (2004), que será utilizada como base em nosso trabalho. Por essa proposta, a TO teria condições de avaliar cada exemplo de variação dentro da própria estrutura do modelo de análise fonológica.

No modelo tradicional, os *inputs* são avaliados de acordo com o ranqueamento das restrições daquela gramática, separando o *output* ótimo dos demais, ou seja, os outros candidatos estariam em um mesmo nível. Coetzee (2004), por outro lado, propõe que o EVAL volte e estabeleça dentre os candidatos descartados o melhor candidato e assim processaria até hierarquizar todas as variantes. Essa hierarquia também seria estabelecida de acordo com o ranqueamento das restrições.

Um ponto importante dessa proposta que merece ressalva é o fato de que a frequência de uso seria utilizada para especificar a probabilidade de aceitação daquele

candidato pelo falante, relacionando o desempenho à competência lingüística. Isso distinguiria os *inputs* que se caracterizam como variantes daqueles que são possíveis, mas nunca prováveis de acontecer.

Com essa perspectiva, a variação é analisada dentro da teoria de uma maneira simples, como também descarta o pressuposto de que existe mais de uma gramática para cada dialeto. Além de propiciar a correlação do social com a variação lingüística.

3.5 PERSPECTIVA DO ROE

Como mencionado na seção anterior, um ponto crucial que distingue a ROE (COETZEE, 2004) das demais propostas para dar conta da variação dialetal reside no fato de que, para as teorias que precederam essa proposta, a variação dialetal reside na gramática, já que propõe um re-ordenamento das restrições, e no ROE, o foco de análise são os candidatos, que são baseados em uma hierarquia. Essa idéia não fere a idéia principal da TO Clássica, pois as restrições têm a mesma ordem.

No ROE, assim como na TO Clássica e nas outras abordagens, o EVAL desempenha importante papel dentro da gramática, pois garante a riqueza da base, ou seja, a ausência de proibição a determinados segmentos ou a determinadas propriedades prosódicas no input. Quem garante a não existência de algum output são as restrições e não os inputs. Isso potencializa a função do EVAL que vai confrontar os candidatos e as restrições hierarquizadas para dar conta de determinada língua ou dialeto.

Na TO Clássica, contudo, o confronto irá resultar no ordenamento de restrições que favorecem apenas o candidato vencedor, que tem de ser o melhor e não o perfeito. Na

proposta de Coetzee, EVAL impõe um ordenamento harmônico do ranque para o grupo completo de candidatos considerados variantes. Esse ordenamento levará em conta a noção de boa-formação, ou seja, a probabilidade de ocorrência. Esse fato distingue candidatos que são possíveis de ocorrer daqueles que jamais ocorreriam em qualquer dialeto de determinada língua. Em resumo, para essa proposta alguns outputs não ocorrem (candidatos *non-sense*) e outros apresentam variantes com diferentes graus de aceitabilidade, cabe ao GEN confrontá-los e submetê-los ao EVAL em cada quadro variável.

Para estabelecer esse quadro de candidatos variantes, é preciso levar em consideração todas as restrições, mesmo as mais baixas na hierarquia. Assim todas as restrições têm o poder avaliador.

A relação entre frequência e boa-formação é enfatizada no momento do re-ordenamento dos candidatos. Os candidatos que violam as restrições mais baixas são mais bem-formados do que aqueles que violam as restrições mais altas, e isso irá propiciar o seu ordenamento. Assim, os candidatos mais altos são os que violam as restrições mais baixas, ou seja, estão em relação inversa.

A nosso ver, essa proposta é superior as demais por ser a primeira a fazer a distinção entre os candidatos *non-sense* e aqueles que são prováveis de ocorrer em um quadro variável. Isso porque nos modelos de Kiparsky (1993), Reynolds (1994), Anttila (1997) e Boersma (1998)/Boersma e Hayes (2001), cada hierarquia vai estabelecer um candidato ótimo, sendo os candidatos não-ótimos descartados, equivalendo a resultados que não poderiam, em tese, ocorrer. No entanto, em outro ordenamento, o candidato antes considerado “*non-sense*” e descartado é selecionado como ótimo. São análises estanques que não conseguem dar a dimensão da luta entre as variantes, bastante reforçada pelos trabalhos sociolingüísticos.

O ROE consegue unir a idéia de que a variação ocorre dentro de uma gramática/dialeto/língua e que é possível analisar esse fato em sua totalidade. Isso propicia um casamento teórico entre as perspectivas da Sociolinguística e da TO, em sua versão ROE.

A arquitetura da ROE é simples e conta apenas com mais um elemento, além da proposta clássica, que é a linha de corte (*cut-off*). As restrições são divididas em dois estratos: antes e depois da linha de corte. As que estão antes da linha de corte (1) são responsáveis pela seleção de apenas um candidato ótimo (caso de invariabilidade) e as que estão depois da linha de corte podem apresentar um quadro de variação (2) quando mais de um candidato é selecionado, ou de não variação (3) quando apenas um candidato é selecionado. Como demonstram os quadros abaixo, extraídos de Coetzee (2006):

(1) Não-variação: restrições antes da linha de corte

	R1	R2	R3	R4
☞ cand 1		*		
Cand 2	*!			

(2) Variação: restrições depois da linha de corte

	R1	R2	R3	R4
☞ cand 1				*
☞ cand 2			*	
Cand 3		*!		
Cand 4	*!			

(3) Não-variação: restrições depois da linha de corte

	R1	R2	R3	R4
☞ cand 1				*
Cand 2		*!		
Cand 3	*!			

A idéia subjacente à linha de corte é que se o candidato é desfavorecido por restrições muito baixas no ranque, ou seja, se ele é muito bem-formado, é provável que haja outros candidatos também bem-formados que se expressam como gramaticais. Mas se o candidato ótimo não é tão bem-formado, então os outros candidatos são menos bem-formados ainda, e por isso não podem ser tomados como gramaticais. (cf. COETZEE, 2006)

Outro ponto que converge com a análise sociolingüística está situado na busca por estabelecer a relação de boa formação e freqüência de uso. Assim, primeiramente, para se definir qual candidato é mais bem-formado, é necessário ver a freqüência de uso desse candidato em relação aos demais, servindo-se do programa estatístico já utilizado pela Sociolingüística, o VARBRUL ou GOLDBARB. Em seguida, com base na hierarquia de boa-formação, é possível estabelecer a hierarquia das restrições, antes e após a linha de corte.

Talvez o maior desafio desta proposta, além de comprovar que a variação existe e está na subjacência, discussão que permeia toda proposta que tenta casar variação e teoria formal, seja analisar todo o processo variável de uma língua através de uma gramática simples com uma única linha de corte que separe as restrições. Se por um lado, isso reforça

que a variação lingüística deve ser tratada dentro dos aspectos da gramática, por outro, implica fazer uso de um número maior de restrições para dar conta dos inúmeros processos variáveis sem ferir as escolhas das variantes, o que poderia, em tese, significar a criação de novas restrições.

A alternativa para trabalhar essa desvantagem sem a proliferação de novas restrições é subespecificar as restrições já existentes, fazendo com que se tornem mais precisas, acrescentando o domínio de avaliação. Além disso, Coetzee (2004; 2006) também se utiliza da proposta de Marcação Comparativa (MCCARTHY, 2002; 2003) e ressalta o trabalho com Correspondência Output-Output realizado por Boersma e Hayes (2001).

Na proposta de Marcação Comparativa, as restrições olham tanto para o input quanto para o output, já que se cria um candidato plenamente fiel ao input (CPF) e as restrições podem se referir a ele. Essa perspectiva é mais simples do que a da Simpatia, proposta anteriormente também por McCarthy (1998). Aqui todas as restrições se dividem em novo e velho, mas é mais consistente do que acrescentar novas restrições. De certa forma, essa teoria mexe com a riqueza da base, já que ao CPF podem ser atribuídas especificações que o limitariam.

Formulada toda a hierarquia antes e depois da linha de corte, é possível, então, propor a tipologia de uma gramática. Em razão de testar a precisão dessa hierarquia, Coetzee (2004; 2006) utilizou o programa computacional OTSoft (HAYES et al., 2004).

Acreditamos que a discussão mais instigante e bastante peculiar travada por Coetzee (2004; 2006) se refere ao uso da frequência relativa. As propostas anteriores que lidam com variação se utilizam da frequência absoluta para determinar o processo variável. Isso se dá por levarem em consideração frequência individual que, de certa forma, destaca a influência das questões pessoais na variação, mas deixa de fora as questões sociais.

Ao se utilizar da frequência relativa, a ROE não só abre espaço para utilizar concepções da análise sociolingüística, como ratifica a influência de fatores lingüísticos e extralingüísticos no processo variável, mostrando que questões sociais podem restringir a escolha de determinado candidato sub-ótimo, ou seja, interfere na questão de boa formação.

Por fim, consideramos que a ROE torna viável entender as concepções e, até mesmo, a análise da Teoria Sociolingüística dentro de uma teoria formal gerativa, que é a TO. Assim, uma Teoria que já se mostrava potencialmente capaz de lidar com a variação entre línguas, ganha uma nova roupagem que permite tratar da variação intradialetal de forma simples e econômica.

Assim, por saber que é preciso se ter uma descrição perfeita para, a partir daí, termos uma idéia das restrições que envolvem o fenômeno e da frequência de uso de cada candidato, é que realizamos a descrição dos dados no primeiro capítulo e dela nos utilizaremos na análise que será proposta no capítulo a seguir.

4. CAPÍTULO IV: ANÁLISE DO /S/ PÓS-VOCÁLICO SOB A PERSPECTIVA DO ROE

4.1 INTRODUÇÃO

No capítulo anterior, discutimos sobre a Teoria da Otimalidade, adentrando, na Seção (3.5), na perspectiva do ROE. De posse dessa introdução, já podemos propor um caminho de análise do /s/ pós-vocálico sob essa perspectiva.

Como detalhamos no Capítulo (1), o /s/ pós-vocálico tanto na perspectiva diacrônica quanto na sincrônica se realiza de forma variável no português. As variantes alveolar, palatal e glotal são bastante condicionadas pelo contexto fonético-fonológico que as circunda. Já o apagamento desse segmento vem corroborar a debilidade da posição final em contraste com a posição interna das palavras.

As conclusões a que chegamos, no Capítulo (2), também serão retomadas aqui. Teremos por pressuposto que o /s/ pós-vocálico se realiza como *onset* de núcleo foneticamente não preenchido, por isso o analisaremos através de restrições que delimitem a sua variação.

Para tanto, discutiremos na Seção (4.2) sobre os aspectos convergentes e divergentes entre o português europeu, o espanhol e os resultados dialetais do PB sobre o comportamento do /s/ pós-vocálico, estabelecendo um quadro comparativo entre essas línguas e dialetos. Ainda nesta seção sistematizaremos os resultados de aquisição da fricativa coronal pós-vocálica no português como L1 e no inglês como LE para falantes do português.

A Seção (4.3) será destinada à discussão das restrições que serão utilizadas na análise do /s/ pós-vocálico pelo ROE, expondo, dessa forma, sua definição e aplicação. A

análise em si será objetivo da Seção (4.4) e as considerações finais sobre o proposto, da Seção (4.5).

4.2 HOMOGENEIDADE E HETEROGENEIDADE ENTRE AS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Como vimos no Capítulo (1), o espanhol e o português europeu seguiram por caminhos distintos no processo de mudança do latim às línguas românicas, especificamente a partir do século XIV, quando da separação do galego e do português.

Dessa época em diante, o português europeu e o galego que dará origem ao espanhol apresentarão peculiaridades que acentuarão a distinção da realização do /s/ pós-vocálico. O português europeu irá se mostrar predominantemente palatal, diferentemente do galego. E esse fato é refletido nos resultados sincrônicos dessas línguas.

Apesar de não exporem frequência de dados, Mateus e Dandrade (1998) reforçam a afirmação de que a variante palatal se realiza majoritariamente e em qualquer contexto fonético-fonológico que circunda o /s/ pós-vocálico.

Segundo Evanini (2007), Morris (2000) e Ruiz e Miyares (1984), nos dialetos espanhóis, as variantes observadas são [s], [h], [ø] e uma geminada decorrente do processo de assimilação do /s/ pós-vocálico, não fazendo, contudo, menção ao uso da variante palatal em seus dados.

Nos dialetos do PB, segundo os resultados de Callou, Leite, Moraes (2002); Brescancini (2002); Hora (2003) e Ribeiro (2006), as variantes se alternam entre as formas

[s,z], [ʃ,ʒ], [h] e [ø]. Não é observada em nenhum dos trabalhos a presença da variante geminada, encontrada no espanhol.

Assim, em linhas gerais, o Quadro (5) apresenta o comportamento do /s/ pós-vocálico no português europeu, no espanhol e no PB.

Quadro 5 – Variantes do Português Europeu, Espanhol e PB

LÍNGUAS – DIALETOS		VARIANTES
Português Europeu Mateus e Dandrade (1998)		[ʃ,ʒ]
Espanhol Evanini (2007), Morris (2000) e Ruiz, Miyares (1984)		[s,z]; [h]; [ø]; geminada
Português Brasileiro	Rio de Janeiro Callou, Leite, Moraes (2002)	[ʃ,ʒ] > [h] > [ø] > [s,z]
	São Paulo Callou, Leite, Moraes (2002)	[s,z] > [ʃ,ʒ] > [ø] > [h]
	Porto Alegre Callou, Leite, Moraes (2002)	[s,z] > [ʃ,ʒ] > [ø] > [h]
	Recife Callou, Leite, Moraes (2002)	[ʃ,ʒ] > [s,z] > [h] > [ø]
	Salvador – posição medial posição final Callou, Leite, Moraes (2002)	[ʃ,ʒ] > [s,z] > [h] > [ø] [s,z] > [ʃ,ʒ] > [h] > [ø]
	Florianópolis Brescancini (2002)	[ʃ,ʒ] > [s,z] > [ø] > [h]
	João Pessoa – posição medial posição final Hora (2003) e Ribeiro (2006)	[s,z] > [ʃ,ʒ] > [h] > [ø] [s,z] > [ø] > [h] > [ʃ,ʒ]

Podemos perceber pelo Quadro (5) que, em geral, há uma convergência de comportamento do /s/ pós-vocálico e, à exceção da variante geminada, as demais variantes são comuns em todas as línguas e dialetos analisados. O que muda de um corpus para o outro é o ordenamento das variantes.

Outro fator que merece destaque é a preservação do /s/ pós-vocálico, principalmente na posição medial. A posição final é confirmada como a mais débil, favorecendo os processos de enfraquecimento e apagamento.

Os trabalhos sobre aquisição, também expostos no Capítulo (1), corroboram alguns aspectos destacados nos resultados de uso do /s/ pós-vocálico, principalmente no que se refere à importância de se considerar a posição que esse segmento ocupa na palavra.

Os dados de Mezzomo (LAMPRECHT, 2004) revelam que as estratégias de aquisição têm ordenamento e inventário relacionados à posição do /s/ pós-vocálico na palavra. Interessante notarmos que a posição final da palavra é adquirida primeiro (1 ano e 6 meses), possuindo um alto índice de realização do segmento, sob a forma de fricativa alveolar e palatal, as estratégias de reparo mais frequentes. A posição medial é adquirida quatro meses depois (2 anos), apresentando a omissão como a estratégia mais frequente durante o processo de domínio.

Esses dados reforçam a preservação da posição interna da palavra, evitando inserção de segmentos, neste caso o /s/ pós-vocálico. Fato também corroborado pela estratégia de metátase na posição medial e de epêntese na final. O resultado obtido por essas duas estratégias é o mesmo: o padrão silábico CV, o primeiro através de alternância de segmentos e o segundo através de inserção, mas ambos transformando o /s/ pós-vocálico em *onset*.

Os resultados referentes à aquisição da fricativa coronal pós-vocálica na leitura são bem semelhantes aos de variação. As variantes [s,z], [ʃ,ʒ], [h] se apresentam nas posições medial e final e a variante [ø] é exclusiva da posição final. As variantes [ʃ,ʒ] e [h] são menos freqüentes, condicionadas ao contexto fonético-fonológico que as circundam, fato também observado nos dados de uso.

Por fim, fizemos uma correlação na aquisição do inglês por falantes de português para observarmos as estratégias utilizadas por eles. Segundo Lucena (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007), no processo de aquisição de LE, os falantes tendem a adaptar a fonotática de LE a de L1, utilizando, para tanto, estratégias de reparo. Em relação às consoantes pós-vocálicas, as estratégias mais comuns são a inserção e o apagamento de segmentos, buscando, assim, minimizar o distanciamento entre as duas línguas, a materna e a estrangeira, e buscar o padrão silábico CV.

Os resultados apresentados comprovaram mais uma vez que a posição medial e a final apresentam resultados diferenciados. Na posição medial, há um menor índice de inserção vocálica tanto após as consoantes oclusivas (0.63 – medial/ 0.66 - final) quanto após as fricativas (0.33 – medial/ 0.45 - final), reforçando a debilidade da posição final em relação à medial.

Outro fato que merece destaque e que nos auxiliará em nossa análise é que as consoantes líquidas, por serem permitidas na posição de coda no português, são produzidas em LE com as mesmas variantes de L1 para essa posição, a exemplo da semivocalização, enfraquecimento e apagamento. As fricativas, por seu caráter obstruinte, aproximam-se mais ao comportamento das oclusivas, aceitando, mesmo que em menor freqüência, a epêntese. Esse fato, apesar de à primeira vista parecer um contra-argumento à nossa

proposta, na realidade é um reforço. Retomando o que propusemos no Capítulo (2), as fricativas coronais apresentam uma maior frequência duração, podendo sustentar uma sílaba sem a necessidade de realização fonética do núcleo. Diante desse fato, é possível entender o fato de a epêntese ser uma estratégia menos produtiva com a fricativa coronal do que com as demais obstruintes.

A retomada desses resultados é fundamental à análise que esboçaremos na Seção (4.4) e para as restrições discutidas na Seção (4.3), já que buscam dar conta dos pontos destacados, principalmente no que se refere à distinção entre a posição medial e a final, ao inventário das variantes e à classificação do /s/ pós-vocálico como *onset* de núcleo foneticamente vazio.

4.3 DISCUSSÃO DAS RESTRIÇÕES DO /S/ PÓS-VOCÁLICO NO PB

A ruptura na linha de pensamento teórico derivacional é um dos principais propósitos da TO, já discutidos na Seção (3.3). A TO surge, portanto, como uma perspectiva inovadora que rompe com um caminho de pensamento até então bastante difundido na teoria lingüística, trazendo como elemento principal de seu modelo teórico o uso das restrições.

Podemos dizer que a idéia de um modelo cíclico, defendido pela perspectiva derivacional, é substituída por um modelo “físico” que lida com a idéia de conflito de forças. As forças conflitantes de marcação e de fidelidade vão concretizar sua luta através das restrições que as representam. E, por isso, desempenham papel fundamental na teoria,

consistindo no cerne das análises propostas. Dessa forma, entender como uma língua acomoda esse conflito pode ser a resposta buscada pelos lingüistas.

Antes de esboçarmos o conflito gerado por nosso objeto de estudo, o /s/ pós-vocálico, é importante entendê-lo bem e principalmente perceber o seu funcionamento dentro da língua. Assim, de posse dessas informações, podemos tentar capturar, dentro do inventário das restrições universais, quais as que efetivamente irão participar do processo que iremos analisar.

Os trabalhos de Prince, Smolensky (1993) e McCarthy, Prince (1993) trazem os fundamentos da TO, a formulação de restrições relacionadas à sílaba e aos domínios prosódicos, assim como propostas de análise de alguns aspectos lingüísticos dos dialetos Imdlawn Tashkhiyt (Berber) e Lardil (Austrália) no primeiro trabalho e do Axininca Campa (Peru) no segundo.

Ao tomar esses trabalhos por base, corroboramos que, embora pareçam totalmente opostas, as teorias sempre se completam, alimentando-se uma das outras e trazendo soluções a problemas antes não resolvidos. Como expusemos no Capítulo (3), foi a partir da Teoria Prosódica e da Métrica que a sílaba tornou-se objeto de estudo, principalmente quando se pretende observar a convergência e divergência entre as línguas em busca dos universais lingüísticos. Assim como foi através da Teoria Prosódica e da Lexical que se consolidou uma análise lingüística voltada aos domínios prosódicos. Por isso, como posterior a essas teorias, a TO também captura esses pontos ao propor suas restrições, que vão lidar com os aspectos da estrutura e organização da sílaba e com os domínios lingüísticos que devem ser considerados no momento da análise e formação do léxico.

Assim, as restrições que buscam dar conta da estrutura da sílaba, expostas em Prince, Smolensky (1993) e McCarthy, Prince (1993), são bastante profícuas em nossa análise, por isso cabe-nos explicitá-las para que possamos usá-las na próxima Seção (4.4).

Levando em consideração o princípio de que a maioria das línguas opta pelo padrão CV em sua estrutura silábica, é natural que as restrições de marcação busquem resguardar aquilo que é menos marcado (CV) em detrimento do mais marcado (CVC, VC), já que as restrições de marcação tratam da questão do que é universal (menos marcado) e o que é particular (mais marcado) nas línguas (ARCHANGELI, 1997). Por isso, ao analisarmos a estrutura da sílaba (*onset*, núcleo e coda), podemos lidar com as restrições de marcação expostas em (21).

(21) Restrições de marcação:

- a) ONSET → sílabas têm *onset*.
- b) NOCODA → sílabas não têm coda.
- c) CODACOND(ITION) → delimita condições para as codas consonantais.
- d) $\sigma = N$ → sílabas são formadas por núcleo.
- e) FILL → posições silábicas são preenchidas com material segmental¹⁶.

Como o português tem uma estrutura silábica que permite *onset*, inclusive prioriza o padrão CV, entendemos que a restrição (a) ONSET é profícuas e, por isso será alta na hierarquia dessa língua. É importante ressaltarmos, que, embora pouco produtivas, há sílabas sem *onset*, a exemplo de palavras como “âncora” - [ã.ko.ra] e “eleição” - [e.lej.sãw],

¹⁶ Temos conhecimento de que a restrição FILL não é mais utilizada nas análises atuais, mas optamos por mencioná-la aqui pelo fato de nos permitir levantar discussão sobre o preenchimento de segmentos.

que apresentam sílabas iniciais sem *onset*, e de palavras como “real” - [xe.**aw**] e “coar” - [ko.**ah**], que têm sílabas sem *onset* no interior da palavra. No que se refere a esse último caso, ou seja, sílabas sem *onset* dentro da palavra, a complicação torna-se maior porque o português também é pouco produtor em relação a hiatos, preferindo a produção de ditongos.

Em relação à posição de coda, já discutimos no Capítulo (2) que o português permite codas, mas diferentes de outras línguas, restringe bastante os segmentos consonantais que podem ocupar essa posição. A literatura explicita que apenas as consoantes líquidas, nasais e a fricativa coronal podem ocupar essa posição. Nós, contudo, argumentamos que só as líquidas e nasais são permitidas nessa posição, lembrando que a coda nasal não mais se realiza foneticamente como consoante (“campo” - [kã.pu], “ponte” - [põ.ti]) e que as líquidas estão passando por um processo de enfraquecimento, que tende à semivocalização e ao apagamento do segmento consonantal em coda, como nos exemplos “maldade” - [maw.da.de], “mel” - [mɛw] e “multa” - [muø.ta] da líquida lateral, e nos exemplos “porta” - [pɔh.ta], “força” - [foø.sa], “mar” - [mah] e “trator” - [tra.toø] da líquida vibrante. Esses fatos também reforçam a busca pelo padrão CV para o português, mas diante das poucas realizações fonéticas da coda consonantal, entendemos que tanto a restrição (b) NOCODA quanto a restrição (c) CODACOND são utilizadas no português.

A nossa proposta de que o /s/ pós-vocálico se trata de um *onset* de núcleo foneticamente vazio ressalta a importância das restrições (d) e (e). A restrição (d) que propõe que toda sílaba é formada por núcleo ($\sigma = N$) será relida por nós para alcançar o nosso objetivo. Primeiramente, entendemos que não são todas as consoantes que podem sustentar uma sílaba sem a realização fonética de seu núcleo, argumentamos isso baseados

em Harris e Gussmann (1998); Kaye (1992) e Cardoso e Liakin (2007). Na realidade, é natural que o núcleo precise ser preenchido ($FILL_{Nuc}$), já que a sílaba é constituída por ele ($\sigma = N$), mas precisávamos destacar um caso em que esse fato não ocorresse. Conseqüentemente, a necessidade de uma restrição que condicionasse o *onset* que se faz presente, por isso optamos por entender $\sigma = N$ como $*\sigma = ONS(ET)$, ou seja, sílabas não podem ser formadas apenas por *onset*, permitindo, assim, o condicionamento do *onset*, inclusive determinando-o quanto aos traços que o compõem: $*\sigma = ONS_{[CONT., COR., ANT.]}$.

Além das restrições de marcação, as de fidelidade também são fundamentais à nossa análise, já que para TO todo processo lingüístico envolve a ação conflitante entre marcação e fidelidade. E, ainda, segundo Archangeli (1997), as restrições de fidelidade prezam pela relação fiel entre o *input* e o *output*, buscando, assim, mostrar a correspondência intrínseca entre a forma subjacente e a forma ótima que será produzida. E para melhor ilustrar, destacamos em (22) as restrições de fidelidade relacionadas ao nosso objeto de estudo.

(22) Restrições de Fidelidade:

- f) DEP-IO → todo elemento do *output* é também um elemento do *input*, ou seja, evita a inserção de segmentos no *output*.
- g) MAX-IO → todo elemento do *input* tem um correspondente no *output*, ou seja, evita o apagamento de segmentos no *output*.
- h) IDENT-IO → segmentos do *output* e do *input* são idênticos.

A restrição (f) DEP-IO também precisará de especificações para melhor dar conta do nosso objeto de estudo. Trataremos especificamente da inserção de segmentos vocálicos

(DEP-V), tornando essa restrição mais profícua para nossa análise do que se utilizássemos a restrição (h) IDENT-IO, que engloba os conceitos de MAX-IO e DEP-IO ao mesmo tempo. Destacamos a necessidade de especificar DEP-IO por causa da alta incidência de inserção de semivogais quando da presença do /s/ pós-vocálico, como em “luz” - [lujs] e “desde” - [dejzdi], dessa forma, DEP-V dará conta da inserção de vogais sem restringir a inserção de semivogais.

No caso da restrição (g) MAX-IO, iremos utilizá-la especificando o domínio prosódico, se sílaba ou palavra fonológica, quando necessário: MAX_{σ} e MAX_{PhW} . É importante salientar a distinção entre essa restrição e a restrição FILL, dado que a primeira evita apagamento e a segunda prevê realização de material segmental. Em tese, ambas buscam garantir a presença do segmento, mas por caminhos distintos, ou seja, do não apagamento (MAX-IO) e do preenchimento (FILL). A restrição DEP-IO, que evita a inserção, é considerada mais abrangente do que a restrição FILL, além de não deixar material residual, sendo, por isso, preferida a essa nas análises atuais e na nossa também.

Conhecidas as restrições que faremos uso, podemos partir para a análise do /s/ pós-vocálico sob a perspectiva do ROE.

4.4 HIERARQUIA PARA O PB

Antes de iniciarmos nossa análise, é importante retomarmos alguns pontos sobre o ROE (COETZEE, 2004) explicitados no Capítulo (3). Esse fato tornará nossa discussão mais didática.

Ressaltamos que a proposta do ROE defende que o EVAL estabelece um ordenamento para todos os candidatos através da hierarquia das restrições. Interessante é que as demais propostas conseguiram lidar, ao mexer com o ordenamento das restrições, com a idéia da variação, mas apenas a ROE consegue também hierarquizar efetivamente os candidatos considerados variantes.

Assim, ao se pretender fazer uma análise sob essa perspectiva, é pré-requisito identificar o quadro variável do objeto de estudo e a frequência de uso das variantes, para então se estabelecer a hierarquia de restrições que propicia o ordenamento dos candidatos prováveis de acontecer em determinada língua e/ou dialeto.

Como nosso principal objetivo é estabelecer uma provável hierarquia para a realização do /s/ pós-vocálico no falar pessoense (HORA, 2003, RIBEIRO, 2006), indicando não só o candidato ótimo, mas também a ordenação dos demais candidatos entre si, cabe-nos, então, retomar os dados através da Tabela (13):

Tabela 13 – Ordenamento das Variantes do /s/ Pós-Vocálico no Dialeto Pessoense

VARIANTES	OCORRÊNCIAS/TOTAL		PORCENTAGEM	
	Posição Medial	Posição Final	Posição Medial	Posição Final
[s,z]	6164/9517	4462/7034	65%	65%
[ʃ,ʒ]	2661/9517	420/7034	28%	5%
[h]	583/9517	434/7034	6%	6%
[ø]	109/9517	1718/7034	1%	24%

Diante dos resultados expostos, podemos estabelecer o seguinte ordenamento das variantes quando levamos em consideração a posição medial: [s,z] – 65% > [ʃ,ʒ] – 28% > [h] – 6% > [ø] – 1%. E, a partir desse ordenamento, propomos a análise exposta no Tableau (1) para o /s/ pós-vocálico em posição interna à palavra:

Tableau 1 - /s/ Pós-Vocálico na Posição Medial

/desde/	NOCODA-OBS.	DEP-V	MAX-IO	*σ=ONS [+CONT., -COR., -ANT.]	*σ=ONS [+CONT., +COR., -ANT.]	*σ=ONS [+CONT., +COR., +ANT.]
☞ a. dej.z.di						*
☞ b. dej.ʒ.di					*	
☞ c. dej.h.di				*		
☞ d. dej.ø.di			*			
e. dez.de	*!					
f. dejz.di	*!					
g. des.de	*!					
h. dej.zi.di		*!				
i. dej.ʒi.di		*!				

Como exposto no Tableau (1), os quatro primeiros candidatos satisfazem as restrições antes da linha de corte, que separa os *outputs non-sense* dos candidatos variantes. E de acordo com a hierarquia das restrições após a linha de corte, é possível determinar quais os candidatos mais prováveis de serem realizados, estabelecendo também um ordenamento entre eles.

O candidato (a) [dej.z.di] é o mais provável, já que só viola a última restrição após a linha de corte (*σ=ONSET_[+cont., +cor., +ant.]), indicando que a consoante alveolar é a mais propícia a sustentar uma sílaba sem o núcleo.

O candidato (b) [dej.ʒ.di] é o segundo mais provável de ocorrer de acordo com a frequência de uso exposta no Tabela (13). No entanto, observando os dados discutidos por

Hora (2003) no Capítulo (1), entendemos que no caso especial dos candidatos que têm a sílaba seguinte iniciando pelas oclusivas dentais /t/ e /d/, como o item /desde/ analisado, a consoante palatal torna-se a variante mais profícua, chegando a um índice quase categórico de uso. Esse fato nos faz repensar, primeiramente, na hierarquia das restrições e em uma mudança de análise, mas observando os dados cuidadosamente e levando em consideração que as variantes [s,z] e [h], mesmo em menor frequência, também ocorrem nesse contexto, acreditamos que, principalmente no caso do item lexical analisado, tratar-se de difusão lexical.

Outro argumento que pode ser levantado é o fato de o traço coronal ser ambiente propício à palatalização e, por isso, as consoantes /t/ e /d/ favorecerem a variante palatal. Isso nos leva a concluir que a porta de entrada para uma maior frequência da variante palatal nesse dialeto é o contexto coronal, conseqüentemente caberia a ele iniciar o processo de variação, que depois poderia assumir outros ambientes e tornar-se mais freqüente.

Apesar de o item lexical ‘mesmo’ ser o único a propiciar o apagamento do /s/ pós-vocálico, a linha de corte está antes de MAX-IO porque acreditamos não ser uma característica individual e sim, da comunidade analisada. Mencionamos no Capítulo (2) que a posição interna é mais resistente a apagamentos e inserções e concordamos com isso, mas não podemos deixar de observar a tendência ao aumento da frequência de apagamento, inclusive com outros itens, a exemplo de [dej.ø.de], em situações informais nessa comunidade de fala.

Passando à frequência das variantes na posição final de palavra, temos o seguinte ordenamento: [s,z] – 65% > [ø] – 24% > [h] – 6% > [ʃ,z] – 5%, o que nos dá a hierarquia expressa no Tableau (2).

Tableau 2 - /s/ Pós-Vocálico na Posição Final

/luz/	NOCODA-OBS.	DEP-V	*σ=ONS [+CONT., +COR., -ANT.]	*σ=ONS [+CONT., - COR., -ANT.]	MAX-IO	*σ=ONS [+CONT., +COR., +ANT.]
☞ a. luj.s						*
☞ b. luj.ø					*	
☞ c. luj.h				*		
☞ d. luj.ʃ			*			
e. lus	*!					
f. lujs	*!					
g. luj.zi		*!				

Assim como na posição medial, a variante alveolar é a mais freqüente, por isso [luj.s] é o melhor candidato, violando apenas a última restrição (*σ=ONS_[+CONT., +COR, +ANT.]) após a linha de corte.

O segundo candidato é o que apresenta o apagamento [luj.ø], daí a restrição MAX-IO não poder ser a restrição primeira após a linha de corte. Se compararmos a hierarquia das restrições para a posição medial e final, constataremos que as restrições *σ=ONSET_[+cont., +cor., -ant.] e MAX-IO trocam de lugar para poder da conta do ordenamento dos candidatos. Fato que será melhor discutido quando analisarmos o /s/ pós-vocálico tanto na posição medial quanto final em um único item lexical.

Como a frequência da consoante glotal é menor do que a da alveolar e do apagamento, (c) [luj.h] é o terceiro candidato a ser selecionado na posição final. E assim

como a fricativa alveolar, a glotal mostra possuir o mesmo comportamento independente da posição que ocupa na palavra.

O candidato (g) [luj.zi], apesar de ter sido descartado, merece uma discussão mais aprofundada a respeito. Esse candidato mostra o preenchimento do núcleo da sílaba que antes era sustentada apenas pelo *onset* fricativo coronal. Nos dados de Ribeiro (2006) não foi observado nenhum caso de preenchimento do núcleo na posição final, mas os dados de aquisição demonstram a possibilidade de ocorrência desse candidato.

Mezzomo (LAMPRECHT, 2004), ao analisar dados de aquisição do PB como L1, encontra 10,68% de casos de preenchimento do núcleo, estratégia de reparo que denomina epêntese, já que considera o /s/ pós-vocálico uma coda. Os dados de Lucena (2007) mostram que até mesmo na aquisição de LE por falantes do PB a epêntese é utilizada, buscando aproximar a fonotática entre essas línguas, e que as consoantes fricativas (.41) e a posição final (.70) são uns dos fatores que mais propiciam essa estratégia de reparo. Por fim, destacamos que os dados sobre leitura e escrita do /s/ pós-vocálico (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007) revelaram a ocorrência de três casos de preenchimento do núcleo, todos relacionados ao item lexical “mês”.

Esses resultados nos levam a acreditar em uma tendência ao preenchimento do núcleo final e na conseqüente mudança da restrição $DEP-V_{PhW}$ ¹⁷ para depois da linha de corte, incluindo os candidatos com o núcleo final preenchido no quadro de variantes, como mostra o Tableau (3).

¹⁷ Para dar conta dos candidatos, a restrição $DEP - V$ precisou ser especificada quanto ao domínio prosódico: $DEP-V_{PhW}$ (para palavra fonológica) e $DEP-V_{\sigma}$ (para sílaba).

Tableau 3 - /s/ Pós-Vocálico na Posição Final

/mes/	NOCODA-OBS.	DEP-V _{PhW}	*σ=ONS [+CONT., +COR., -ANT.]	*σ=ONS [+CONT., - COR., -ANT.]	MAX-IO	*σ=ONS [+CONT., +COR., +ANT.]
☞ a.mej.s						*
☞ b.mej.∅					*	
☞ c.mej.h				*		
☞ d.mej.ʃ			*			
☞ e.mej.zi		*				
f. mes	*!					
g. mejs	*!					

Reforçamos que apenas um trabalho futuro, observando o quadro variável vigente, poderá definir se tanto DEP-V_{PhW} como DEP-V_σ irão de fato para depois da linha de corte. As ocorrências, mesmo poucas, de preenchimento do núcleo na posição final nos dão indícios da mudança da primeira restrição, diferente da segunda, pois se por um lado temos dados como af[i]ta, que nos levam a acreditar na possibilidade de preenchimento medial, por outro, temos dados atuais que corroboram a maior resistência a apagamentos e preenchimentos nessa posição.

Após a discussão do /s/ pós-vocálico nas posições medial e final em itens lexicais distintos, podemos passar à análise de um único item lexical que contemple as duas posições. Primeiramente, unimos as frequência de uso das variantes nessas posições e obtivemos o seguinte ordenamento: [s,z] – 65% > [ʃ,ʒ]_{MEDIAL} – 28% > [∅]_{FINAL} – 24% > [h] – 6% > [ʃ,ʒ]_{FINAL} – 5% > [∅]_{MEDIAL} – 1%. De posse desse ordenamento, foi-nos possível, então, estabelecer a hierarquia exposta no Tableau (4).

Tableau 4 - /s/ Pós-Vocálico nas Posições Medial e Final

/kuskus/	NO CODA -OBS _σ	NO CODA -OBS PhW	DEP -V _σ	DEP -V PhW	MAX -IO _σ	*σ=O [+CONT., +COR., -ANT.] PhW	*σ=O [+CONT., -COR., -ANT.]	MAX -IO PhW	*σ=O [+CONT., +COR., -ANT.] σ	*σ=O [+CONT., +COR., +ANT.]
☞ a.ku.s.kuj.s										**
☞ b.ku.f.kuj.s									*	*
☞ c.ku.s.kuj.ø								*		*
☞ d.ku.h.kuj.s							*			*
☞ e.ku.h.kuj.h							**			
☞ f.ku.f.kuj.f						*			*	
☞ g.ku.ø.kuj.f					*	*				
h.kus.kus	*!	*								
i.kujs.kujs	*!	*								
j.kuj.s.kujs		*!								
k.kuj.si.kujs		*!	*							
l.ku.si.kujs		*!	*							
m.ku.si.kuj.si			*!	*						
n.ku.s.kuj.si				*!						

Diante de termos /s/ pós-vocálico tanto na posição medial quanto na final, algumas restrições precisaram ser especificadas quanto ao domínio de aplicação, se na sílaba (σ) ou na palavra fonológica (PhW). Além desse fato, observamos que teremos um inventário bem maior de variantes, já que teremos a combinação entre as posições e as variantes.

Segundo os resultados do /s/ pós-vocálico em separado, as variantes [s,z] e [h] apresentam a mesma frequência independentemente da posição medial ou final, 65% e 6%, respectivamente. Já as variantes [ɹ,ʒ] e [ø] têm frequência inversa, dependendo da posição medial ou final: 28% e 5% para [ɹ,ʒ] e 1% e 24% para [ø], respectivamente. Por isso, apenas as restrições *σ=O_[+cont.,+cor.,-ant.] e MAX-IO localizadas após a linha de corte necessitam de especificação quanto ao domínio prosódico de aplicação.

Observamos no Tableau (4) que os candidatos (k), (l), (m) e (n), que apresentam o preenchimento do núcleo ora na posição medial ora na final, violam fatalmente a restrição DEP-V, especificada quanto ao domínio de aplicação. Os candidatos (h), (i), (j) violam a restrição NOCODA-OBS, que também foi especificada por domínio.

O candidato (a) [ku.s.kuj.s] é considerado o melhor, devido a possuir a variante mais freqüente [s] nas posições medial e final. Já o candidato (g) [ku.ø.kuj.f] seria o candidato menos acessado, pois apresenta as variantes menos freqüentes tanto na posição medial [ø] quanto na final [f].

Entendemos que o Tableau (4) não apresenta todas as possíveis combinações entre as variantes, mas as restrições conseguem dar conta de todas as possibilidades e, conseqüentemente, estabelecer o ordenamento adequado para cada candidato que precise ser analisado no dialeto Pessoense.

Cumprido nosso propósito primeiro, passaremos a analisar os outros dialetos descritos no Capítulo (1), buscando determinar a hierarquia das restrições para cada um deles.

Retomando, primeiramente, os resultados de Brescancini (2002) sobre o dialeto de Florianópolis, é possível estabelecer o seguinte ordenamento para as variantes: [ʃ,ʒ] – 82% > [s,z] – 12% > [ø] – 5% > [h] – 1%. E diante desse ordenamento ser o mesmo para a posição medial e final de palavra, uma única hierarquia de restrições é capaz de dar conta do /s/ pós-vocálico independente da posição ocupada, como comprovamos no Tableau (5).

Tableau 5 - /s/ Pós-Vocálico no dialeto de Florianópolis

/mezm/	NOCODA-OBS.	DEP-V	* σ =Ons [+CONT., -COR., -ANT.]	MAX-IO	* σ =Ons [+CONT., +COR., +ANT.]	* σ =Ons [+CONT., +COR., -ANT.]
☞ a.me.ʒ.mo						*
☞ b.me.z.mo					*	
☞ c.me.ø.mo				*		
☞ d.me.h.mo			*			
e.me.zi.mo		*!				
f. mez.mo	*!					
/maj/	NOCODA-OBS.	DEP-V	* σ =ONS [+CONT., -COR., -ANT.]	MAX-IO	* σ =ONS [+CONT., +COR., +ANT.]	* σ =ONS [+CONT., +COR., -ANT.]
☞ a.maj.ʃ						*
☞ b.maj.s					*	
☞ c.maj. ø				*		
☞ d.maj.h			*			
e.maj.zi		*!				
f. maj.s	*!					

A hierarquia para o dialeto de Florianópolis traz a predominância da variante palatal, selecionando os candidatos [me.ʒ.mo] e [maj.ʃ] como os melhores. É importante ressaltarmos que a distância entre a variante palatal e a alveolar é bem significativa, mostrando um comportamento inverso ao do dialeto Pessoense, quando observada a posição medial.

Passemos aos dados de Callou, Leite e Moraes (2002), que mostram que das cinco capitais estudadas (Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife e Salvador), apenas o dialeto soteropolitano não possui o mesmo ordenamento de variantes para a posição medial e a final de palavra, como podemos comprovar no Quadro (5) da Seção (4.2).

Começando a nossa observação pelo Rio de Janeiro, constatamos que a frequência de uso das variantes é a seguinte: [ʃ,ʒ] – 90% e 75% > [h] – 6% e 10% > [ø] – 2% e 8% > [s,z] – 1% e 8%, nas posições medial e final, respectivamente. Esse ordenamento resulta em

uma hierarquia semelhante para as posições medial e final, como pode ser comprovado no Tableau (6).

Tableau 6 - /s/ Pós-Vocálico no dialeto do Rio de Janeiro

/mezm/	NOCODA-OBS.	DEP-V	*σ=Ons [+CONT., +COR., +ANT.]	MAX-IO	*σ=Ons [+CONT., -COR., -ANT.]	*σ=Ons [+CONT., +COR., -ANT.]
☞ a.me.ʒ.mo						*
☞ b.me.h.mo					*	
☞ c.me.ø.mo				*		
☞ d.me.z.mo			*			
e.me.zi.mo		*!				
f. mez.mo	*!					
/maj/	NOCODA-OBS.	DEP-V	*σ=ONS [+CONT., +COR., +ANT.]	MAX-IO	*σ=ONS [+CONT., -COR., -ANT.]	*σ=ONS [+CONT., +COR., -ANT.]
☞ a.maj.ʃ						*
☞ b.maj.h					*	
☞ c.maj.ø				*		
☞ d.maj.s			*			
e.maj.zi		*!				
f. majs	*!					

Percebemos que, à semelhança do dialeto de Florianópolis, o dialeto carioca apresenta a variante palatal como a mais freqüente. No entanto, diferente do primeiro, a variante aspirada é a segunda mais freqüente e a variante alveolar, a menos produtiva.

O dialeto de São Paulo, por sua vez, apresenta o seguinte ordenamento: [s,z] – 88% e 91% > [ʃ,ʒ] – 9% e 5% > [ø] – 3% > [h] – 0%, salientando que as variantes zero e aspirada têm a mesma freqüência nas posições medial e final. Diante do único ordenamento, a mesma hierarquia de restrições pode ser observada para o /s/ pós-vocálico medial e final, como explicita o Tableau (7).

Tableau 7 - /s/ Pós-Vocálico no dialeto de São Paulo

/mezm/	NOCODA- OBS.	DEP- V	* σ =Ons [+CONT., -COR., -ANT.]	MAX- IO	* σ =Ons [+CONT., +COR., -ANT.]	* σ =Ons [+CONT., +COR., +ANT.]
☞ a.me.z.mo						*
☞ b.me.ʒ.mo					*	
☞ c.me.ø.mo				*		
☞ d.me.h.mo			*			
e.me.zi.mo		*!				
f. mez.mo	*!					
/maj/	NOCODA- OBS.	DEP- V	* σ =ONS [+CONT., -COR., -ANT.]	MAX- IO	* σ =ONS [+CONT., +COR., -ANT.]	* σ =ONS [+CONT., +COR., +ANT.]
☞ a.maj.s						*
☞ b.maj.ʃ					*	
☞ c.maj.ø				*		
☞ d.maj.h			*			
e.maj.zi		*!				
f. majs	*!					

Salientamos que a frequência de 0% do [h] não implica categoricidade. Na realidade, indica um número muito pequeno de ocorrência que, comparado às demais variantes, torna-se “nulo”, por isso entendermos que a restrição $*\sigma$ =ONS_[+CONT.,-COR.,-ANT.] permanece após a linha de corte. E, por ser a restrição mais alta após a linha de corte, indica que os candidatos [me.h.mo] e [maj.h] são os menos prováveis de serem selecionados pelo EVAL.

A frequência das variantes em Porto Alegre nos revela o mesmo ordenamento do dialeto de São Paulo: [s,z] – 77% e 96% > [ʃ,ʒ] – 23% e 2% > [ø] – 0% e 1% > [h] – 0%, diferindo apenas no fato de que a variante aspirada é a única a possuir a mesma frequência para as duas posições. Diante dessa semelhança para os dois dialetos, também utilizaremos o Tableau (7) para explicitar o comportamento do /s/ pós-vocálico em Porto Alegre,

destacando mais uma vez que a restrição $*\sigma=\text{ONS}_{[+\text{CONT.},-\text{COR.},-\text{ANT.}]}$ também virá após a linha de corte.

Em Recife, a frequência das variantes para a posição medial e para a final é a seguinte: [ʃ,z] – 84% e 54% > [s,z] – 10% e 34% > [h] – 5% e 7% > [ø] – 2% e 5%, revelando mais uma vez a variante palatal como a mais freqüente.

Se compararmos atentamente Recife e Florianópolis, observaremos que esses dialetos só se distinguem na ordem das variantes [h] e [ø], que apresentam comportamento inverso. O Tableau (8), que expõe a hierarquia das restrições para Recife, corrobora a semelhança.

Tableau 8 - /s/ Pós-Vocálico no dialeto de Recife

/mezmo/	NOCODA-OBS.	DEP-V	MAX-IO	$*\sigma=\text{ONS}_{[+\text{CONT.},-\text{COR.},-\text{ANT.}]}$	$*\sigma=\text{ONS}_{[+\text{CONT.},+\text{COR.},+\text{ANT.}]}$	$*\sigma=\text{ONS}_{[+\text{CONT.},+\text{COR.},-\text{ANT.}]}$
☞ a.me.ʒ.mo						*
☞ b.me.z.mo					*	
☞ c.me.h.mo				*		
☞ d.me.ø.mo			*			
e.me.zi.mo		*!				
f. mez.mo	*!					
/maj/s/	NOCODA-OBS.	DEP-V	MAX-IO	$*\sigma=\text{ONS}_{[+\text{CONT.},-\text{COR.},-\text{ANT.}]}$	$*\sigma=\text{ONS}_{[+\text{CONT.},+\text{COR.},+\text{ANT.}]}$	$*\sigma=\text{ONS}_{[+\text{CONT.},+\text{COR.},-\text{ANT.}]}$
☞ a.maj.ʃ						*
☞ b.maj.s					*	
☞ c.maj.h				*		
☞ d.maj.ø			*			
e.maj.zi		*!				
f. maj/s	*!					

Para finalizar, reforçamos que, assim como para João Pessoa, o dialeto de Salvador apresenta ordenamentos distintos para a posição medial: [ʃ,ʒ] – 56% > [s,z] – 39% > [h] – 4% > [ø] – 1%, e a final: [s,z] – 51% > [ʃ,ʒ] – 31% > [h] – 9% > [ø] – 9%. Por isso, é necessário unir as frequências para obter uma hierarquia capaz de dar conta de itens lexicais que possuam o /s/ pós-vocálico em posição medial e final de palavra.

O Tableau (9) apresenta a hierarquia das restrições com base no ordenamento conjunto das variantes: [ʃ,ʒ]_{MEDIAL} – 56% > [s,z] – 39% e 51% > [ʃ,ʒ]_{FINAL} – 31% > [h] – 4% e 9% > [ø] – 1% e 9%.

Tableau 9 - /s/ Pós-Vocálico nas Posições Medial e Final no Dialeto de Salvador

/kuskus/	NO CODA -OBS _σ	NO CODA -OBS PhW	DEP -V _σ	DEP -V PhW	MAX -IO	*σ=O [+CONT., -COR., -ANT.]	*σ=O [+CONT., +COR., -ANT.] PhW	*σ=O [+CONT., +COR., +ANT.]	*σ=O [+CONT., +COR., -ANT.]σ
☞ a.ku. ʃ.kuj.s								*	*
☞ b.ku. ʃ.kuj.ʃ							*		*
☞ c.ku. ʃ.kuj.h						*			*
☞ d.ku. ʃ.kuj.ø					*				*
h.kus.kus	*!	*							
i.kujs.kujs	*!	*							
j.kuj.s.kujs		*!							
k.kuj.si.kujs		*!	*						
l.ku.si.kuj.si			*!	*					
m.ku.s.kuj.si				*!					

De todos os dialetos observados, pudemos perceber que o pessoense é o que apresenta um comportamento mais distinto entre as posições medial e final, casando com a proposta de uma maior preservação da posição medial. Isso nos faz refletir que somos coerentes ao argumentar que devemos considerar o /s/ pós-vocálico no PB como *onset* de

núcleo foneticamente vazio em qualquer que seja a posição que ocupe na palavra, como também ao concluir que a diferença de comportamento nas posições se deve a questões referentes às especificações do domínio da sílaba e da palavra fonológica.

4.5 PONTOS E CONTRAPONTO: PALAVRAS FINAIS SOBRE O /S/ PÓS-VOCÁLICO SOB A PERSPECTIVA DO ROE

Os dados de variação presentes em Callou, Leite e Moraes (2002), Brescancini (2002), Hora (2003) e Ribeiro (2006), descritos detalhadamente no Capítulo (1), permitiram-nos analisar o /s/ pós-vocálico sob a perspectiva teórica do ROE. Acreditamos, portanto, que a partir dessa proposta nos foi possível dar um tratamento formalista profícuo sem descartar o aspecto variável presente nos dados.

Para darmos início ao nosso propósito, retomamos as frequências de uso das variantes nos trabalhos mencionados, permitindo-nos estabelecer os ordenamentos das variantes do /s/ pós-vocálico para a posição medial e final de palavra. Em alguns casos, a exemplo dos dialetos de João Pessoa e de Salvador, foi necessário unir os ordenamentos distintos para cada posição em um único ordenamento para contemplar itens lexicais que possuem o /s/ pós-vocálico nas duas posições.

Visitamos, na literatura pertinente, as restrições mais importantes para lidar com a sílaba, destacando aquelas que seriam utilizadas, de fato, por nós: NOCODA-OBS, DEP-V, MAX-IO E $\sigma = O_{[CONT., COR., ANT.]}$, em nossa análise.

De posse das restrições, adentramos de fato na análise dos dialetos. Iniciamos pelo paraibano, nosso objetivo principal, e propusemos, com base no ordenamento das variantes, uma hierarquia de restrições que pudesse dar conta do fenômeno estudado. Foram estabelecidas hierarquias para cada posição do /s/ pós-vocálico na palavra e em seguidas, uma única para tratar de itens lexicais que contemplassem as duas posições.

Procedemos da mesma maneira para tratar dos demais dialetos (Florianópolis, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife e Salvador), o que nos permitiu estabelecer semelhanças e diferenças entre eles.

Conseguimos com isso, demonstrar que os dialetos possuem uma hierarquia própria para o mesmo inventário de restrições. E com isso, comprovamos que é possível a ROE dar conta dos processos variáveis ao estabelecer ordenamentos e hierarquias próprios a cada dialeto e guardar o aspecto variável sem deixar de lado a universalidade que os mantém sob a denominação de português brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhamos o quadro variável do /s/ pós-vocálico, a partir de vários resultados variacionistas que contemplam o espanhol, o PE e o PB. Visávamos, com isso, caracterizá-lo na estrutura silábica, como também realizar uma análise formal, baseada na perspectiva do ROE, que de posse de um mesmo inventário de restrições conseguisse propor hierarquias para os dialetos do PB.

Acreditamos que os objetivos mencionados foram cumpridos e, para melhor comprovar esse fato, discutiremos na seqüência as considerações referentes a cada capítulo.

No Primeiro Capítulo, sobre o panorama variável do /s/ pós-vocálico, podemos destacar a importância dos trabalhos variacionistas para o nosso estudo. Constatamos que, apesar de serem línguas românicas, o espanhol, o PE e o PB guardam diferenças que as tornam línguas distintas, fato que é desenhado desde a passagem do latim às línguas românicas. Os dialetos do PB também guardam distinção entre si, no entanto demonstram que as mesmas variantes ocorrem nos dialetos estudados, o que os une em uma única língua, o PB.

Um fato importante que podemos destacar da passagem do latim ao português é a recorrência ao processo de palatalização, não produtivo no latim, mas que se mostra bem freqüente na mudança para o português. Como demonstram os trabalhos de Teyssier (2001) e Mateus e Dandrade (1998), a palatalização do /s/ pós-vocálico tornou-se bastante profícua no PE, tanto que esse fato pode ser tomado como elemento distintivo em relação a outras línguas.

Um processo que merece destaque no espanhol é o enfraquecimento do /s/ pós-vocálico, podendo ter seu apagamento como resultado. Evanini (2007), Morris (2000), Ruiz

e Miyares (1984) expõem dados de variação entre o [s,z], [h] e [ø], revelando uma frequência elevada do [h] em relação às demais variantes. Outra variante mencionada nos trabalhos sobre o espanhol é a geminada, decorrente da assimilação de traços da consoante seguinte ao /s/ pós-vocálico.

Os dados sobre os dialetos do PB mostram a ocorrência das variantes [s,z], [ʃ,ʒ], [h] e [ø]. O trabalho de Brescancini (2002), sobre Florianópolis, revela uma predominância da variante palatal, semelhante aos dialetos do Rio de Janeiro e do Recife, analisados por Callou, Leite e Moraes (2002). Em São Paulo e em Porto Alegre, os dados levantados por esses autores revelam uma maior frequência da variante alveolar. Hora (2003) e Ribeiro (2006) também destacam a variante alveolar como a mais freqüente no dialeto de João Pessoa. Fato interessante acontece em Salvador, pois como demonstram os dados levantados por Callou, Leite e Moraes (2002), esse seria o único dialeto, dentre os analisados por nós, que apresenta alternância entre as variantes mais freqüentes, já que na posição interna da palavra destaca-se a variante palatal e na posição final, a alveolar.

Apesar de nosso propósito estar centrado em dar um tratamento formal a dados variacionistas, também discutimos dados de aquisição por acreditar que alguns questionamentos ou argumentos sobre o aspecto variável poderiam ser por eles respondidos ou corroborados, objetivo que foi obtido a contento.

Através dos resultados de Mezzomo (LAMPRECHT, 2004), sobre aquisição do PB como L1, pudemos confirmar a tendência à preservação da estrutura interna da palavra e a debilidade das margens. Além da distinção no tempo de aquisição do /s/ pós-vocálico medial (dois anos) e final (um ano e dois meses), comprovamos que as estratégias de reparo utilizadas na aquisição do /s/ pós-vocálico na posição medial se refletem em processos de

alternância ou mudança de segmento, não de inserção, processo existente e profícuo apenas na posição final.

Os resultados de Pedrosa (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007), sobre a aquisição da leitura e da escrita do PB, corroboram as variantes utilizadas na fala, destacando a alveolar como a mais freqüente. E, como na aquisição de L1, os dados também apresentaram, apesar de poucos, casos de inserção vocálica na posição final de palavra.

Acreditamos que o trabalho de Lucena (PEDROSA, LUCENA, HORA, 2007) tenha levantado questionamento sobre sua pertinência em nossa análise, dado se tratar de aquisição de inglês como LE por falantes do PB, já que se trata de línguas bem distintas. No entanto, lembramos que a busca por aproximar a fonotática de LE à de L1 pelos falantes que estão em processo de aquisição faz com que sejam utilizadas estratégias de reparo. No caso das consoantes pós-vocálicas, os processos de semivocalização, de enfraquecimento, de apagamento e de inserção são estratégias bastante utilizadas. Em específico, no caso do /s/ pós-vocálico, o processo de inserção é bastante observado, principalmente quando se trata da posição final de palavra, corroborando os outros dados de aquisição.

O Segundo Capítulo foi destinado às discussões sobre a estrutura silábica, enfatizando o /s/ pós-vocálico. Conseguimos, dessa forma, questionar o proposto pela literatura sobre esse segmento ser analisado na sílaba como coda. Argumentamos, baseados principalmente em Harris e Gussmann (1998), que o /s/ pós-vocálico possui características distintas das consoantes (líquidas e nasais) que ocupam a posição de coda no PB, o que nos direciona a analisá-lo como *onset* de núcleo foneticamente vazio.

Ao descrever a estrutura da sílaba, vistamos as perspectivas teóricas de Selkirk (1982), Nespor, Vogel (1986) e Hayes (1989) que destacam a sílaba como principal elemento na análise teórica, voltando para tal a atenção das teorias que surgiram na

seqüência. Além desse fato, reforçamos a idéia de os padrões silábicos serem definidos levando em consideração a posição que ocupam na sílaba, como proposto por Harris e Gussmann (1998). E, ao considerar esse parâmetro, tivemos que definir em nossa análise se o comportamento diferenciado dos segmentos em posição medial e final de palavra se devia apenas às características que cada posição possui ou se também implicava características diferenciadas dos próprios segmentos, tornando-os elementos distintos na estrutura silábica.

Conhecidos os padrões silábicos do PB, foi-nos possível discutir o comportamento da consoante pós-vocálica, tomando por base os resultados de Hora (2006) sobre o /l/, de Hora (2003) e Ribeiro (2006) sobre o /s/ e os de Hora, Monaretto (2003) sobre o /r/. E, a partir desses resultados, pudemos constatar que as consoantes pós-vocálicas se dividem em dois grupos: as líquidas /l, r/ e a fricativa coronal /s/, fato que se torna bastante explícito na posição medial, conduzindo-nos a analisar as líquidas como coda e a fricativa coronal como *onset* de núcleo foneticamente vazio.

Outro fato também reforçado com essa discussão foi que a posição final de palavra é extremamente débil, por isso evita segmentos consonantais. Assim, independente de qual seja o segmento que ocupe essa posição, há uma forte tendência a seu apagamento ou, ainda, a busca pelo padrão CV a partir do preenchimento do núcleo, antes, foneticamente vazio.

No Terceiro Capítulo, levantamos uma discussão sobre as perspectivas teóricas que tratam dos fenômenos fonológicos das línguas. Nosso intuito com isso era delinear essa trajetória, iniciando com a perspectiva linear e finalizando com a não-derivacional, que serviu de base para a nossa análise.

Destacamos a preocupação com regras e representações que permeava as idéias estruturalistas e gerativistas, guardando cada perspectiva uma forma diferenciada de

formalizar esses aspectos. É importante salientar que, com a Fonologia Métrica, Prosódica e Lexical, a sílaba torna-se o cerne da observação e serve de base para a proposição das regras.

Com o surgimento da Teoria Princípios e Parâmetros, as regras são substituídas por princípios e parâmetros, pondo fim à proposta derivacional. É nesse contexto que surge a TO, que, com um modelo mais simples de gramática, busca dar conta dos aspectos universais e particulares das línguas, a partir de restrições propostas pelo gerador e ordenadas pelo avaliador.

A nossa preocupação, contudo, residia no fato de que mesmo sendo uma proposta com estrutura capaz de lidar com a variação entre as línguas, a TO ainda apresentava limitações para tratar da variação dialetal. Fato que fez surgirem as perspectivas: Gramáticas em Competição, de Kiparsky (1993); Restrições Flutuantes, de Reynolds (1994); Ranqueamento Parcial, de Antilla (1997); TO Estocástica, de Boersma (1998) e Boersma, Hayes (2001); e Ranqueamento Ordenado pelo Avaliador (ROE), de Coetzee (2004).

Defendemos que a proposta de Coetzee (2004) trabalha de maneira eficaz com aspectos variáveis, estabelecendo não só uma hierarquia para restrições como também um ordenamento para os candidatos ótimos, e esse ordenamento é estabelecido a partir da frequência de uso das variantes, obtidas através de trabalhos de cunho sociolingüístico.

Por fim, o Quarto Capítulo se utilizou da exposição teórica sobre o ROE para propor uma análise dos dados variáveis sobre o /s/ pós-vocálico no PB, contemplando os dialetos de João Pessoa (HORA, 2003, RIBEIRO, 2006); Florianópolis (BRESCANCINI, 2002); Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife e Salvador (CALLOU, LEITE, MORAES, 2002).

Ao retomar os resultados referentes aos estudos sobre o espanhol, PE e PB, ressaltamos as semelhanças e diferenças do comportamento do /s/ pós-vocálico nessas línguas e nesses dialetos. E, isso nos possibilitou selecionar, dentre o inventário universal de restrições, aquelas que conseguem dar conta do fenômeno em estudo.

Com as restrições NOCODA-OBS, DEP-V, MAX-IO e $*\sigma=O_{[CONT.,COR.,ANT.]}$ e suas decomposições em domínios prosódicos específicos, conseguimos realizar a análise dos dialetos do PB, estabelecendo uma hierarquia para cada um com base no ordenamento das variantes, como podemos comprovar abaixo:

(1) Dialeto de João Pessoa:

Ordenamento das variantes: $[s,z] - 65\% > [j,3]_{MEDIAL} - 28\% > [\emptyset]_{FINAL} - 24\% > [h] - 6\% > [j,3]_{FINAL} - 5\% > [\emptyset]_{MEDIAL} - 1\%$.

Hierarquia das restrições: $NOCODA-OBS_{\sigma} > NOCODA-OBS_{PhW} > DEP-V_{\sigma} > DEP-V_{PhW} ||$
 $MAX-IO_{\sigma} > *\sigma=O_{[+CONT.,+COR.,-ANT.]}_{PhW} > *\sigma=O_{[+CONT.,-COR.,-ANT.]} > MAX-IO_{PhW} > *\sigma=O_{[+CONT.,+COR.,-ANT.]}_{\sigma} > *\sigma=O_{[+CONT.,+COR.,+ANT.]}.$

(2) Dialeto de Florianópolis:

Ordenamento das variantes: $[j,3] - 82\% > [s,z] - 12\% > [\emptyset] - 5\% > [h] - 1\%$.

Hierarquia das restrições: $NOCODA-OBS > DEP-V || *\sigma=O_{[+CONT.,-COR.,-ANT.]} > MAX-IO > *\sigma=O_{[+CONT.,+COR.,+ANT.]} > *\sigma=O_{[+CONT.,+COR.,-ANT.]}.$

(3) Dialeto do Rio de Janeiro:

Ordenamento das variantes: [ʃ,ʒ] – 90% e 75% > [h] – 6% e 10% > [ø] – 2% e 8% > [s,z] – 1% e 8%.

Hierarquia das restrições: NOCODA-OBS > DEP-V || *σ=O_[+CONT., +COR., +ANT.] > MAX-IO > *σ=O_[+CONT., -COR., -ANT.] > *σ=O_[+CONT., +COR., -ANT.].

(4) Dialeto de São Paulo:

Ordenamento das variantes: [s,z] – 88% e 91% > [ʃ,ʒ] – 9% e 5% > [ø] – 3% > [h] – 0%.

Hierarquia das restrições: NOCODA-OBS > DEP-V || *σ=O_[+CONT., -COR., -ANT.] > MAX-IO > *σ=O_[+CONT., +COR., -ANT.] > *σ=O_[+CONT., +COR., +ANT.].

(5) Dialeto de Porto Alegre:

Ordenamento das variantes: [s,z] – 77% e 96% > [ʃ,ʒ] – 23% e 2% > [ø] – 0% e 1% > [h] – 0%.

Hierarquia das restrições: NOCODA-OBS > DEP-V || *σ=O_[+CONT., -COR., -ANT.] > MAX-IO > *σ=O_[+CONT., +COR., -ANT.] > *σ=O_[+CONT., +COR., +ANT.].

(6) Dialeto de Recife:

Ordenamento das variantes: [ʃ,ʒ] – 84% e 54% > [s,z] – 10% e 34% > [h] – 5% e 7% > [ø] – 2% e 5%.

Hierarquia das restrições: NOCODA-OBS > DEP-V || MAX-IO > *σ=O_[+CONT., -COR., -ANT.]
 > *σ=O_[+CONT.,+COR.,+ANT.] > *σ=O_[+CONT.,+COR.,-ANT.].

(7) Dialeto de Salvador:

Ordenamento das variantes: [ʃ,ʒ]_{MEDIAL} – 56% > [s,z] – 39% e 51% > [ʃ,ʒ]_{FINAL} – 31%
 > [h] – 4% e 9% > [ø] – 1% e 9%.

Hierarquia das restrições: NOCODA-OBS_σ > NOCODA-OBS_{PhW} > DEP-V_σ > DEP-V_{PhW} ||
 MAX-IO > *σ=O_[+CONT.,-COR.,-ANT.] > *σ=O_[+CONT.,+COR., -ANT.] PhW > *σ=O_[+CONT.,+COR.,+ANT.] >
 *σ=O_[+CONT., +COR., -ANT.] σ.

Por fim, defendemos que os dialetos guardam particularidades, que os fazem gramáticas distintas, mas também possuem fatos, as mesmas variantes e o mesmo inventário de restrições, que os unem em uma única língua, o PB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, J.; JONES, C. Three theses concerning phonological representations. *Journal of linguistics*, 1974. 10, p. 1-26.

ANDERSON, Stephen R. *La Fonología en el Siglo XX*. Madrid: Visor, 1990.

ANTILLA, A. Deriving Variation from Grammar. In: HINSKENS, F., VAN HOUT, R., WETZELS, W. L. Variation, change and phonology theory. Amsterdam: John Benjamins, 1997. p. 35-68.

_____; CHO, Y. Y. Variation and change in Optimality Theory. *Lingua*, 104, 1998. p. 31-56.

ARCHANGELLI, Diana. Optimality Theory: an introduction to linguistics in the 1990s. In: _____, LANGENDOEN, D. Terence. (ed.). *Optimality Theory: an overview*. Oxford: Blackwell, 1997.

BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.* v. 5, n. 2, 1989.

_____. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, Maria Helena de Moura (org.). *Gramática do Português falado*. Vol. VII. Campinas: Unicamp, 1999, p. 701-742.

_____(Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

BOERSMA, Paul. *Functional phonology: formalizing the interactions between articulatory and perceptual drives*. The Hague, Netherlands: Holland Academic Graphics, 1998.

_____; HAYES, Bruce. Empirical tests of the gradual learning algorithm. *Linguistic Inquiry* 32, 2001. p. 45-86.

BRESCANCINI, Cláudia. *A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português de influência açoriana do município de Florianópolis: uma abordagem não-linear*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1996.

_____. *A fricativa palato-alveolar e sua complexidade*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2002.

BROWN, Keith; MILLER, Jim. *Concise Encyclopaedia of Syntactic Theories*. Pergamon: Cambridge University Press, 1996.

BURZIO, Luigi. *Principles of English Stress*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João. *A variação de /s,r/ em posição final de sílaba e os dialetos brasileiros*. 1994. Mimeo.

_____. Processo(s) de Enfraquecimento Consonantal no Português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. M., RODRIGUES, A. C. S. (org.) *Gramática do Português Falado*. v. VIII. Campinas: UNICAMP, 2002. p. 537-555.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 34 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CARDEIRA, Esperança. *História do Português*. Lisboa: Caminho, 2006.

CARDOSO, Walcir. Topics in the Phonology of Picard. Tese de Doutorado. Montreal: McGill University, 2003.

_____; LIAKIN, Denis. Onset-Nucleus Sharing in Interlanguage: evidence from Brazilian Portuguese English. In: *Proceedings of the 2nd Conference on Generative Approaches to Language Acquisition North American*. Somerville: Cascadilla Proceedings Project. 2007. [disponível no site www.lingref.com, document #1547]

CHARETTE, Monik. *Conditions on Phonological Government*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

CLEMENTS, George. N. The geometry of phonological features, *Phonology Yearbook* 2, 1985. p. 225-252.

_____. The role of the sonority cycle in core syllabification. In: KINGSTON, J., BECKMAN, M. E. (eds.), *Papers in laboratory phonology I: between the grammar and physics of speech*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 283-333.

CLAYTON, M. The redundancy of morpheme structure conditions. *Language* 52, 1976. p. 296-313.

COETZEE, Andries W. *What it means to be a loser: non-optimal candidates in Optimality Theory*. Tese de PhD. University of Massachusetts Amherst, 2004.

_____. *Variation as Accessing “Non-Optimal” Candidates: A Rank-Ordering Model of EVAL*. 2006. [disponível no site ROA- 863, – Rutgers Optimality Archive, <http://ruccs.rutgers.edu/toa.html>].

CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1995.

Chomsky no Brasil. *D.E.L.T.A.*, Vol. 13, N° Especial, 1997.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1998.

ESPIGA, Jorge. Alofonina de /l/ no sul do Rio Grande do Sul: aspectos fonéticos e fonológicos. In: HORA, Dermeval da, COLLISCHON, Gisela. *Teoria lingüística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p. 251 – 290.

EVANINI, Keelan. How to Formalize Variation: Stochastic OT Models and /s/ Deletion in Spanish. *Proceedings of LACUS 33*, Linguistic Association of Canada and the US. 2007. [disponível no site <http://www.evanini.com/keelan.html>]

EWEN, J. Colin; HULST, Harry van der. *The phonological structure of words: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

FUDGE, E. Syllables. *Journal of linguistics*, 5, 1969. p. 253-286.

GOLDSMITH, John. *Autosegmental Phonology*. Tese Doutorado. Cambridge: MIT Press, 1976.

_____. *Autosegmental and metrical phonology*. Oxford: Blackwell, 1990.

GUSSMANN, Edmund; KAYE, John. Polish notes from a Dubrovnik café. *SOAS Working Papers in Linguistics and Phonetics* 3, 1993. p. 427-462.

HAMMOND, M. *The phonology of English*. New York: Oxford University Press, 1999.

HARRIS, John; GUSSMANN, Edmund. *Final codas: why the west was wrong?* Mimeo. 1998.

HAYES, Bruce. Compensatory Lengthening in Moraic Phonology. *Linguistic Inquiry*. Cambridge: MIT Press, vol. 20, n. 2, 1989. p. 253-306.

____; TESAR, Bruce, ZURAW, Kie. OTSoft 2.1 software package. URL: <http://www.linguistics.ucla.edu/people/hayes/otsoft>. 2004.

HERZOG, Marvin I.; LABOV, William; WEINREICH, Uriel. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P., MALKIEL, Y. (ed.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

HINSKENS, Frans; VAN HOUT, Roeland; WETZELS, W. Leo. *Variation, change and phonology theory*. Amsterdam: John Benjamins, 1997.

HOOVER, Joan. *An introduction to natural generative phonology*. New York: Academic Press, 1976.

HORA, Dermeval da. Teoria da Variação: uma retrospectiva. In: ____ (Org.). *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997.

____. *Fonologia: a gramaticalização dos processos fonéticos*. Amsterdam: Vrije Universiteit. Relatório de Estágio Pós-Doutoral. 2000, mimeo.

_____; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro (orgs.). *Corpus do Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba (VALPB)*. João Pessoa: Idéia, 2001.

_____. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, Cláudia, ABRAÇADO, Jussara (org.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Viveiro de Castro, 2003.

_____; MONARETTO, Valéria N. O. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: HORA, Dermeval da, COLLISCHONN, Gisela (org.). *Teoria lingüística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: EDUEPB, 2003.

_____. *Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba*. João Pessoa: Idéia. Cd, 2005.

_____. Variação fonológica: consoantes em coda silábica. In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos (org.). *Encontro na Linguagem: estudos lingüísticos e literários*. Uberlândia: EDUFU, 2006.

HYMAN, Larry. *A theory of phonological weight*. Dordrecht: Foris, 1985.

ITÔ, Junko. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. Amherst, University of Massachusetts. PhD Dissertation, 1986.

_____; MESTER, A. *Reflections on codacond and alignment*. Phonology at Santa Cruz, Vol. 3, 1994.

JAKOBSON, Roman; FANT, C. Gunnar M.; HALLE, Morris Halle (1961). *Preliminaries to speech analysis: The distinctive features and their correlates*. Massachusetts: MIT Press, 1972.

KAGER, René. *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

KAHN, Daniel. *Syllable - based generalization in English Phonology*. Tese de PhD. Cambridge, Massachusetts: MIT, 1976.

KAYE, Jonathan. Do you believe in magic? The story of s+C sequences. SOAS Working Papers in Linguistics and Phonetics 2, 1992. p. 293-313.

KIPARSKY, Paul. An OT approach to phonological variation. Rutgers Optimality Workshop, 1993. [disponível no site <http://www.stanford.edu/~kiparsky/#handouts>]

LABOV, William. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1971.

LOWENSTAMM, J. CV as the only syllable type. In J. Durand & B. Laks (eds.), *Current trends in phonology: models and methods*, vol. 2, CNRS/ESRI/Paris X, 1996. p. 419-441.

MATEUS, M. Helena; DANDRADE, Ernesto. The syllable structure in portuguese. *D.E.L.T.A.* v. 14, n.1, 1998.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto, 1996.

MCCARTHY, John; PRINCE, Alan. *Prosodic morphology I: constraint interaction and satisfaction*. University of Massachusetts, Amherst and Rutgers University, 1993. [disponível no site ROA-482, – Rutgers Optimality Archive, <http://rucss.rutgers.edu/roa.htm>].

_____. *Faithfulness and reduplicative identity*. 1995. [disponível no site ROA-60, – Rutgers Optimality Archive, <http://rucss.rutgers.edu/roa.htm>].

_____. Morpheme structure constraints and paradigm occultation. In M. Catherine Gruber, Derrick Higgins, Kenneth Olson, and Tamra Wysocki, eds. *CLS 32, vol. II: The Panels*. Chicago: Chicago Linguistic Society. 1998. p. 123–150.

_____. Comparative markedness. In Angela C. Carpenter, Andries W. Coetzee and Paul De Lacy, eds. *UMOP 26: University of Massachusetts Occasional Papers in Linguistics 26. Papers in Optimality Theory II*. Amherst: GLSA. 2002. p. 171-246.

_____. Comparative markedness. *Theoretical Linguistics*, 29, 2003. p. 1-51.

MCCAWLEY, J. *The phonological component of a grammar Japanese*. The Hague: Mouton, 1968.

MEZZOMO, Carolina Lisbôa. In: LAMPRECHT, Regina Ritter et al. (org.). *Aquisição Fonológica do Português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Atmed, 2004.

MONARETTO, Valéria de O. *A vibrante: representação e análise sociolingüística*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992.

_____. Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1997.

MORRIS, Richard E. Constraint Interaction in Spanish /s/ - Aspiration: three peninsular varieties. *Papers from the 3rd Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville: Cascadilla, 2000.

NESPOR, Marina; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dorderecht: Foris Publications, 1986.

PIGGOTT, G. L. The right edge of words. *The Linguistic Review* 16. 143-185, 1999.

PEDROSA, Juliene L. R.; LUCENA, Rubens M.; HORA, Dermeval da. A Inserção Vocálica após a Coda Silábica: uma abordagem variacionista. Trabalho apresentado no *Simpósio Internacional sobre Vogais*. João Pessoa – Paraíba, 2007.

PINTZUK, Susan. *Programas Varbrul*. Tradução de Ivone Isidoro Pinto. Rio de Janeiro:UFRJ, 1989. mimeo.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality theory: constraint interaction in generative grammar*. Rutgers University, 1993. [disponível no site ROA-537, – Rutgers Optimality Archive, <http://ruccs.rutgers.edu/roa.htm>].

QUEDNAU, Laura. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: UFRGS, 1993.

REYNOLDS, Bill. *Variation and Phonological Theory*. Tese de PhD. University of Pennsylvania, 1994.

RIBEIRO, Silvia Renata. *Apagamento da sibilante final em lexemas: uma análise variacionista do falar pessoense*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, 2006.

RUIZ, J. V.; MIYARES, E. *El consonantismo em Cuba*. Los Laboratorios de Fonética. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1984. p. 12-17.

SANKOFF, David; RAND, David. *Goldvarb* - version 2.0: A variable rule application for the Macintosh. Universidade de Montreal, 1990.

_____; TAGLIAMONTE, Sali and SMITH Eric. *Goldvarb X*: A variable rule application for Macintosh and Windows. Departamento de Lingüística, Universidade de Toronto, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. 25 ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

SELKIRK, Elisabeth. On prosodic structure and its relation to syntactic structure. In: FRETHEIM, T. (ed.). *Nordic Prosody*. Trondheim: TAPIR, 1978. p. 111-140.

_____. Epenthesis and degenerate syllables in Cairene Arabic. In H. Borer & J. Aoun(eds.), *MIT Working Papers in Linguistics* 3, 1981. p. 209-232.

_____. The syllable. In: HULST, Harry, SMITH, Van Der. *The structure of phonological representations* (Part. II). Foris, Dordrecht, 1982. p. 337-383.

SHIBATANI, M. The role of surface phonetic constraints in generative phonology. *Language* 49, 1973. p. 87-106.

SKEETE, Nadir Arruda. O uso variável da vibrante na cidade de João Pessoa. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB, 1996.

TASCA, Maria. *A lateral em coda silábica no sul do Brasil*. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VENNEMANN, T. On the theory of syllabic phonology. *Linguistische Berichte* 18, 1972. p. 1-18.

VOTRE, Sebastião Josué. *Variação fonológica no Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Letras). Rio de Janeiro: PUCRJ, 1978.

WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da lingüística*. São Paulo: Parábola, 2002. Trad. Marcos Bagno.